REFLEXOS SOCIAIS E IMPACTOS TERRITORIAIS

Tipologia e espacialização dos
equipamentos de cultura e lazer

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

CAROLINA TEIXEIRA NAKAGAWA

**Reflexos Sociais e Impactos Territoriais:
tipologia e espacialização dos equipamentos de cultura e lazer**

SÃO PAULO
2011

CAROLINA TEIXEIRA NAKAGAWA

**Reflexos Sociais e Impactos Territoriais:
tipologia e espacialização dos equipamentos de cultura e lazer**

Dissertação apresentada à
Universidade de São Paulo –
Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, para obtenção do Título
de Mestre em Arquitetura e
Urbanismo

Área de Concentração: Habitat

Orientador:

Prof. Dr. Antônio Cláudio Moreira
Lima e Moreira

**São Paulo
2011**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL: carulle@gmail.com

N163r Nakagawa, Carolina Teixeira
Reflexos sociais e impactos territoriais: tipologia e
espacialização dos equipamentos de cultura e lazer / Carolina
Teixeira Nakagawa. --São Paulo, 2011.
154 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Habitat) –
FAUUSP.

Orientador: Antônio Cláudio Moreira Lima e Moreira

1. Segregação urbana 2. Distribuição espacial I. Título

CDU 301.162.2(1-21)

Capa: Fotografia de Carolina T.
Nakagawa – Vista aérea do Vale à
Al. Campinas – São Paulo (SP),
2009. Arte gráfica: Gabriela T.
Nakagawa. Revisão: Patrícia De
Sá Freire Ferreira.

*Quando eu morrer quero ficar
Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.*

*Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paissandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam*

*No Pátio do Colégio afundem
O meu coração paulistano:
Um coração vivo e um defunto
Bem juntos.*

*Escondam no Correio o ouvido
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,
Quero saber da vida alheia,
Sereia.*

*O nariz guardem nos rosais,
A língua no alto do Ipiranga
Para cantar a liberdade.
Saudade...*

*Os olhos lá no Jaraguá
Assistirão ao que há de vir,
O joelho na Universidade,
Saudade...*

*As mãos atirem por aí,
Que desvivam como viveram,
As tripas atirem pro Diabo,
Que o espírito será de Deus.
Adeus.*

Mário de Andrade

À minha família,
especialmente à vovó Aury,
que me ensinou o olhar
diverso e que me inspira a
ordenar o olhar sobre o
mundo

Ao meu esposo, com amor,
admiração e gratidão por
sua compreensão, carinho,
presença e incansável apoio
ao longo do período de
elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por todos os seus investimentos sociais, culturais, afetivos e financeiros que os tornaram exemplos de difícil superação. Também sou grata às minhas irmãs Gabriela, esta por me ingressar no interessante e intricado universo urbano, e Camila, pela sua poesia. Aos meus lindos sobrinhos, Pedro, Ana e João, que com gentis sorrisos não me deixam esquecer as preciosidades de uma compreensão e humanidade sem preconceitos.

Ao meu companheiro e marido, Bruno Martins Lanfranchi, por ter contribuído para o levantamento dos locais de lazer e cultura, pelas críticas e contribuições fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, por ter acreditado, pela paciência com as minhas ausências e pelo carinho com o qual me acompanhou.

A minha querida amiga Juliana Brás, por ter compartilhado comigo minhas inquietudes, me abrigado nesta difícil empreitada e por não me deixar desistir! A minha amiga Patrícia Ferreira, por suas investidas na revisão e crítica.

Ao meu grande orientador e mestre, Professor Antônio Cláudio M. L. Moreira, que nunca me deixou desistir, por ser sempre sensível às minhas inquietudes. Mestre com o qual me iniciei no universo acadêmico ainda como estudante de Iniciação Científica, cujas delicadas críticas e maturidade tornaram possível esta nova conquista.

À Professora Marisa do Espírito Santo Borin, por ter acreditado no meu trabalho e por suas investidas, sem as quais talvez não tivesse chegado até aqui. Às Professoras Lucia Maria Machado Bógus e Suzana Pasternak, pelas valiosas contribuições durante os três anos em que trabalhamos juntas no Núcleo de Pesquisas Urbanas da PUC-SP/FAU-USP, no Observatório das Metrópoles, pelo investimento que fizeram em mim e o conhecimento gerado neste convívio.

Agradeço especialmente Eliana Rodrigues e Professora Yara Castro, pelas contribuições com os trabalhos de georreferenciamento e análise

estatística, sem os quais este projeto não seria possível. Aos colegas e pesquisadores do Observatório das Metrópoles que carinhosamente me receberam, especialmente Camila D'Ottaviano, Nelson Baltrusis e Rafael Serrao, pela generosidade com que discutiram comigo grande parte das idéias aqui levantadas.

Também sou grata aos meus colegas de trabalho da Coordenadoria de Assistência Social Centro Oeste que me apoiaram nos momentos finais da elaboração deste trabalho, especialmente ao Filipe Santoro, Maria Helena Andrade Lima e aos estagiários. Também a todos os amigos que fiz durante minha trajetória profissional, com os quais compartilhei muitas das inquietações expostas aqui, especialmente à Elaine (Nega), Izabel Gazel, Letícia Souto Maior, Lara Nach, Carlos Jerônimo (Jera) e Luciano (Nanuque). Sem deixar de mencionar os colegas das pesquisas de População em Situação de Rua da FIPE, com os quais desde 2003 aprendi a criar o olhar curioso, cuidadoso e questionador da realidade, mais especificamente às Professoras Silvia Schore, Mitchiko e Maria Antonieta.

RESUMO

NAKAGAWA, Carolina Teixeira. **Reflexos Sociais e Impactos Territoriais: tipologia e espacialização dos equipamentos de cultura e lazer**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Área de Concentração em *Habitat*, 2011.

O presente trabalho pretende analisar a historicidade, a distribuição espacial e a diversidade dos equipamentos de cultura e lazer na cidade de São Paulo, relacionando-os às categorias sociocupacionais da população residente nas áreas em que estão presentes. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, georreferenciamento e análise fatorial por correspondência binária com base no levantamento dos espaços culturais. A pesquisa partiu da noção de patrimônio para a construção de uma tipologia de equipamentos de cultura e lazer. A historicidade de cada tipo foi então relacionada à distribuição espacial deles. Em seguida, analisou-se esta distribuição em relação às categorias sociocupacionais dos residentes, possibilitando a criação de uma tipologia de áreas homogêneas. As concentrações dos equipamentos revelaram uma cidade marcada pela diversidade de centralidades. As noções de patrimônio, de segregações, social e residencial, e de centralidades aparecem como fatores definidores da paisagem. A análise possibilitou verificar, portanto, o adensamento e a diversidade dos equipamentos de cultura e lazer nos quais estão fortemente presentes as camadas superiores e médias da hierarquia social. Isso revelou a ausência de uma única centralidade e a segregação definida também pelos padrões de distribuição do patrimônio de cultura e lazer na cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Equipamentos de Cultura e Lazer – São Paulo (SP); Distribuição espacial e diversidade; Segregação Urbana.

ABSTRACT

NAKAGAWA, Carolina Teixeira. **Social Reflex and Territorial Impact: Typology and spatial distribution of cultural and leisure edifications.** São Paulo: Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Área de Concentração em *Habitat*, 2011.

The present study intends to analyze the historicity, the spatial distribution and diversity of cultural and leisure edifications within the city of São Paulo. This study relates, therefore, the location of these edifications to the socio-occupational categories of resident population within these areas where these are present. The methodology used was bibliographical research, georeferencing and factorial analysis under binary correspondence based on survey of cultural and leisure edifications. The research started on the notion of patrimony moving towards the construction of a typology of cultural and leisure edifications. The historicity of each type was, then, linked to their spatial distribution. From this point on, such distribution was analyzed regarding residents' socio-occupational categories, allowing the elaboration of a typology of homogeneous areas. The concentration of these edifications revealed a city shaped by a diversity of centralities. The notions of patrimony, of social and residential segregation, of centralities appear as defining factors of the landscape. The analysis verified, therefore, the concentration and diversity of cultural and leisure edifications in which medium and superior layers of social hierarchy were densely present. This conclusion revealed the absence of one single centrality and segregation, defined also by standards of distribution of cultural and leisure patrimony in the city of São Paulo.

Key-words: Cultural and Leisure Edifications – São Paulo (SP); Spatial distribution and diversity; Urban Segregation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espacialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer (2007), Áreas Municipais (2000) e Áreas de Favela (2000) - São Paulo (detaque para as áreas de maior concentração).....	19
Figura 2 – Gradiente de Média de Rendimentos dos Chefes dos Domicílios Permanentes, 2000, por setor censitário e Localização dos Equipamentos de Cultura e Lazer na Cidade de São Paulo, 200.	22
Figura 3 – Distribuição Espacial das Construções Históricas - São Paulo, 2007	28
Figura 4 – Distribuição Espacial dos Museus - São Paulo, 2007.....	33
Figura 5 – Distribuição Espacial dos Parques - São Paulo, 2007.....	44
Figura 6 – Distribuição Espacial dos Cinemas - São Paulo, 2007.....	51
Figura 7 – Distribuição Espacial dos Teatros - São Paulo, 2007	56
Figura 8 – Distribuição Espacial dos Espaços Multiculturais - São Paulo, 2007	65
Figura 9 – Distribuição Espacial dos Espaços de Eventos - São Paulo, 2007	68
Figura 10 – Distribuição Espacial de Tipologia de Áreas Homogêneas por Distribuição das Categorias Sociocupacionais, Região Metropolitana de São Paulo, 1991 e 2000.	79
Figura 11 – Distribuição Espacial das Áreas Homogêneas por Categorias Sociocupacionais, 2000 e Equipamentos de Cultura e Lazer, 2007, com Áreas de Favelas, 2000 - São Paulo.....	81
Figura 12 – Gradiente de Concentração dos Equipamentos de Cultura e Lazer na Cidade de São Paulo, em 2007.	91
Figura 13 – Espacialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer - São Paulo, 2007 (detaque para as áreas de maior concentração).....	121
Figura 14 – Espacialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer - São Paulo, 2007	122
Figura 15 – Espacialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer - São Paulo, 2007 (detaque para as áreas de maior concentração)	123
Figura 16 – Espacialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer (2007) e Áreas de Favela (2000) - São Paulo	124
Figura 17 – Espacialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer (2007) e Áreas de Favela (2000) - São Paulo (detaque para as áreas de maior concentração).....	125
Figura 18 – Tipologia de Área por Espacialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer (2007) e Categorias Sociocupacionais (2000) - São Paulo	126

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Nuvem de Pontos Resultado da Análise por Correspondência Binária, por Grupos Homogêneos - São Paulo, 2007	117
Gráfico 2 - Percentagem das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos Homogêneos - São Paulo, 2007	118
Gráfico 3 – Densidades das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos Homogêneos - São Paulo, 2007	119

Gráfico 4 – Números Absolutos das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos Homogêneos - São Paulo, 2007.....120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade e Proporções de Equipamentos de Cultura e Lazer, por Tipologia - São Paulo, -2007.....	16
Tabela 2 – Quantidade e Proporção de Equipamentos de Cultura e Lazer, por Tipologia Detalhada - São Paulo, 2007.....	17
Tabela 3 – Equipamentos de Cultura e Lazer por Região de Localização na Cidade de São Paulo, 2007.....	18
Tabela 4 - Alguns Cinemas de 1925 da Cidade de São Paulo	46
Tabela 5 – Distribuição das Proporções e Números Absolutos dos Tipos Detalhados de Equipamentos de cultura e Lazer pelos Grupos de Áreas Homogêneas -, São Paulo, 2000.....	127
Tabela 6 – Distribuição em Números Absolutos das Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.	130
Tabela 7 – Distribuição das Proporções das Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.....	131
Tabela 8 – Distribuição das Proporções das Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.....	132
Tabela 9 – Distribuição de Densidades das Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.....	133
Tabela 10 – Distribuição em Números Absolutos das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.....	134
Tabela 11 – Distribuição das Proporções das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas- São Paulo, 2000.	134
Tabela 12 – Distribuição das Proporções das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.	135
Tabela 13 – Distribuição das Densidades das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.	135
Tabela 14 – Distribuição em Números Absolutos dos Tipos de Equipamentos de Cultura e Lazer pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.....	136
Tabela 15 – Distribuição das Proporções dos Tipos de Equipamentos de Cultura e Lazer pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.....	136
Tabela 16 – Distribuição das Proporções dos Tipos de Equipamentos de Cultura e Lazer pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.....	137
Tabela 17 – Distribuição das Densidades dos Tipos de Equipamentos de Cultura e Lazer pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.....	137
Tabela 18 – Listagem Completa dos Equipamentos de Lazer e Cultura - São Paulo, 2007.....	138

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO	
As Noções de Patrimônio.....	5
CAPÍTULO I	
Diversidade e Distribuição Espacial dos Equipamentos de Cultura e Lazer	12
I.1. Tipologia dos Equipamentos de Cultura e Lazer.....	13
I.2. Historicidade e Tipologia das Construções Históricas	24
I.3. Historicidade e Tipologia dos Museus	29
I.4. Historicidade e Tipologia dos Parques	34
I.5. Historicidade e Tipologia dos Cinemas	44
I.6. Historicidade e Tipologia de Teatros	52
I.7. Historicidade e Tipologia de Espaços Multiculturais	57
I.8. Historicidade e Tipologia dos Espaços de Eventos	66
CAPÍTULO II	
Tipologia de Áreas por Equipamentos de Cultura e Lazer e Categorias Sociocupacionais	69
II.1. Segregação e Categorias Sociocupacionais	70
II.2. Construção de Tipologias de Áreas: Equipamentos de Cultura e Lazer, Áreas Segregadas e Categorias Sociocupacionais	80
CAPÍTULO III	
As Centralidades dos Equipamentos de Cultura e Lazer	88
III.1. Das Centralidades à Segregação Cultural	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS.....	110
ANEXOS	
Anexo I – Gráficos	117
Anexo III – Figuras	121
Anexo III – Tabelas	127
Anexo III – Síntese das Categorias Sociocupacionais	152

APRESENTAÇÃO

O objetivo desta pesquisa é estabelecer a distribuição espacial dos Equipamentos de Cultura e Lazer e sua relação com as Categorias Sociocupacionais dos residentes ocupados nos setores censitários, onde estão localizados esses equipamentos. Partimos da premissa que a despeito da flexibilização e globalização dos setores produtivos e das trocas culturais expressas no conceito de multiculturalismo, o que observamos é o aprofundamento da segregação, com espaços dualizados de convivência da extrema riqueza e pobreza, a informalidade do mercado de trabalho e a busca por uma identidade cultural definida por nichos de interesse e, portando, pelo capital culturalizado e **restrito** a grupos sociais específicos.

Na cidade de São Paulo, atualmente, o que se observa ao analisar a localização dos equipamentos, são materializações de tempos diversos das formas de apropriação e interpretação da cultura. A história da cidade, ou seja, as etapas de seu desenvolvimento, está também representada na distribuição e tipologia de equipamentos de cultura e lazer. Vivenciamos várias formas de apropriação do patrimônio concomitantemente, porém ainda não fomos capazes de concebê-las de forma realmente ampla e democrática - aquela que dê conta da diversidade social e cultural da cidade de forma igualitária. Este tema se torna relevante principalmente em contexto de transnacionalidade¹ e extrema clivagem social.

A produção cultural na cidade encontra-se em sua maioria **murada** entre “pedaços” e “manchas”². O mapeamento da localização dos equipamentos de

¹ Conforme Saskia Sassen (2005), a globalização dos sistemas produtivos permitiram o surgimento de um novo contexto para os mercados financeiros instáveis, agora cada vez mais dependentes das empresas de serviços especializados. Neste sentido, afirma que essas empresas tornam-se mais independentes das localidades. Observando também a ampliação e fortalecimento de transações e redes entre cidades, ou transnacionais. O debate então se deslocou de uma relação entre estados para uma rede firmada nas relações entre cidades.

² Conforme Magnani: “A *mancha*, ao contrário [do pedaço], sempre aglutinada em torno de um ou mais estabelecimentos, apresenta uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário. As atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso, o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários. [...] Diferentemente do que ocorre no *pedaço*, para onde o indivíduo se dirige em busca dos iguais, que compartilham os mesmos códigos, a *mancha* cede lugar para cruzamentos não previstos, para encontros até certo ponto inesperados, para combinações mais variadas. Numa determinada mancha sabe-se que tipo

cultura e lazer se configura como estratégia metodológica para a compreensão de padrões da espacialização de equipamentos culturais, sendo nosso objeto limitado ao pólo da Região Metropolitana de São Paulo, ou seja, o Município. O que se pode afirmar, num primeiro momento, é que estes espaços se concentram na área do centro expandido³, com exceção dos parques e alguns equipamentos multiculturais, nomeadamente SESC e CEU.

A pesquisa objetiva a compreensão das transformações e reflexos da estrutura social no espaço em curso na virada do século XX para o século XXI, com a identificação das localizações e concentrações de equipamentos de Cultura e Lazer na cidade de São Paulo. A construção e aplicação de uma tipologia de equipamentos buscam a identificação de padrões de espacialização e, portanto, de especificidades da segregação. Portanto, a presente proposta de avaliação das recentes configurações espaciais visa identificar categorias analíticas que qualifiquem o atual estado fragmentado e desigual do ambiente urbano.

Para tal, entendemos ser necessária a aplicação do método da dialética, na medida em que possibilita a construção de tríades. Com isto dividimos a análise em três partes: Introdução e Capítulo I – Partindo das noções de patrimônio e sua relação com os estratos sociais, elaboramos uma historicidade e tipologia de equipamentos de cultura e lazer que explicam, em parte, a escolha das localizações dos tipos de equipamentos de cultura e lazer. Capítulo II – Partindo dos conceitos de segregação destacamos a noção de paisagem como representativa de status de lugar. Assim, observamos a diversidade dos equipamentos de cultura e lazer como indicadores da existência de uma segregação cultural. Capítulo III – A constatação da existência de centralidades que seguem os deslocamentos das camadas superiores define também a concentração dos equipamentos. Somada a observação de gradientes de concentração dos equipamentos de cultura e

de pessoas ou serviços se vai encontrar, mas não quais, e é esta a expectativa que funciona como motivação para seus freqüentadores” (Magnani, 2002:21-23). “O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (Magnani, 1998: 116).

³ Estamos tomando como referência geográfica a divisão administrativa assumida pela Companhia de Engenharia e Tráfego. Que por sua vez, considera os distritos: Sé, República, Bom Retiro, Santa Cecília, Liberdade, Cambuci, Consolação, Bela Vista, Brás, Belém, Mooca, Ipiranga, Vila Mariana, Moema, parte do distrito Saúde, Jardim Paulistano, parte do distrito Itaim Bibi, Pinheiros, Alto de Pinheiros, Vila Leopoldina, Lapa, Perdizes e Barra Funda.

lazer, seria a superação da relação centro-periferia? Portanto, uma “periferia” com qualidades diferenciadas?

A análise teve como metodologia a pesquisa bibliográfica e o levantamento dos espaços culturais. A metodologia aplicada consiste primordialmente em duas técnicas específicas: a de georreferenciamento e a análise fatorial por correspondência binária. As fontes de dados foram informações censitárias fornecidos pelo IBGE para 2000, METRODATA 2004 e o levantamento feito sobre os equipamentos de lazer e cultura do município (2007). Por fim, o mapeamento resultante deste método foi feito destacando-se cada tipo de equipamento para melhor compreensão das particularidades, entendendo-os como ofertas diferenciadas, que, portanto, seguem lógicas específicas para a definição de sua localização. Com base na listagem e mapeamento identificamos padrões de distribuição dos equipamentos pelo tecido urbano e a historicidade de cada tipo.

A base de dados foi criada tendo como referencia os códigos das AED's (Áreas de Expansão Demográfica) para cada equipamento. Também utilizamos as 24 categorias Sociocupacionais (CAT's)⁴ desenvolvidas pelo grupo de pesquisa em rede Pronex Instituto do Milênio - Observatório das Metrôpoles, uma vez que se configuram em variáveis sínteses, *proxi* da estrutura de classes com hierarquia definida pelas variáveis: ocupações, renda e escolaridade. A aplicação desta metodologia reside na possibilidade de observar e analisar as transformações socioterritoriais em períodos. A composição de dados e sua análise se baseiam nesta metodologia que

“permitem agrupar as unidades espaciais estudadas em ‘tipos’, ‘classes’ ou ‘clusters’ definidos pela semelhança dos perfis de distribuição de determinadas categorias sociais presentes em cada uma das unidades espaciais consideradas” (Bógus, 2007).

A análise aqui realizada nasceu de inquietações de um convívio com pesquisas e estudiosos das questões de desigualdade social. Tais incômodos foram exacerbados com a exposição às histórias e situações de vida em extrema vulnerabilidade e risco sociais com as quais tive contato durante o

⁴ Para detalhamento das categorias, ver anexo III.

meu desenvolvimento profissional. Seja pela assessoria ao protagonismo juvenil, dada as ausências de alternativas de projetos de vida para os jovens das periferias das zonas sul e leste da Região Metropolitana de São Paulo. Seja no atendimento às situações de emergência e calamidade. Seja no envolvimento com pesquisas e atendimento à população em situação de rua. Dessas experiências aprendi que a realidade não se cansa de mostrar que não há limites para condições piores e extremas de vida. Contudo observei e senti nessas histórias a busca contínua por uma dignidade humana, mesmo quando pensamos tê-la perdido de vista. Assim, esta pesquisa é uma busca por um olhar cuidadoso e crítico que não se encerra aqui e continuará a ser elaborada, pois o aprimoramento de tal olhar apenas se inicia.

INTRODUÇÃO

As Noções de Patrimônio

Entendemos ser fundamental a definição da noção de manifestação cultural, traçando a distinção desta à noção de produção cultural aqui aplicada. Entender a definição de manifestação cultural envolve a própria definição de cultura. Assim como a cultura é um conjunto, ou sistema, de signos, significados e significantes que definem práticas, gostos, *habitus* e instituições de um dado grupo social, também a manifestação cultural o será. Definida como um conjunto de valores estéticos restrito a grupos de indivíduos com interesses e práticas homogêneas entre si, a manifestação cultural existe enquanto revelação pública destas identidades materializadas em formas, produtos e circuitos.

Uma análise sobre públicos frequentadores dos equipamentos de cultura e lazer levaria à análise de particularidades, ou ainda a uma valorização de “manifestações culturais” específicas, deslocando o foco da produção cultural no espaço. Partimos do entendimento de que a produção cultural é parte do sistema capitalista de produção. Seja ela social e espacialmente manifesta, os equipamentos de cultura e lazer são entendidos como assimilação do sentido de autocensura e distinção de classe. A criação de uma identidade requer uma identificação com o objeto cultural. O que por sua vez pressupõe também a possibilidade de não identificação, portanto, de negação. Ou seja, as localizações e tipos de equipamento identificam determinados estratos sociais com os quais estes se vinculam.

Focar em públicos significaria entender que existe no mínimo um público desejado, um público constatado e um público recusado (ver FLEURY, Laurent; 2009). Pensar em públicos é também compreender que existe uma historicidade e uma localidade específicas a cada equipamento, logo não há como ser generalizado. A questão permanece em saber se na sociedade de massa, caracterizada pelo individualismo contemporâneo, está em curso uma reformulação da própria problemática da distinção. Por esta razão convocamos uma análise da economia política da produção cultural manifesta nos equipamentos de cultura e lazer e sua espacialização.

Estamos, portanto, entendendo os equipamentos de cultura e lazer como ferramentas ou indicadores do aprofundamento das desigualdades observado na virada do século XX-XXI. A ênfase no conceito de “identidades comunitárias” ou “manifestações culturais específicas” me parece datar da mesma época em que a segregação é entendida como o conflito centro-periferia. Nenhum dos dois parece suficiente na atualidade quando estamos vivenciando o aprofundamento das desigualdades nos últimos 20 anos.

A separação entre “manifestação” e “equipamento” leva justamente à compreensão da esfera da “produção”, pois o equipamento é produzido no espaço sugerindo uma manifestação e marcando uma paisagem. Portanto, promove um “espaço”, mas não necessariamente a realização de determinadas e diversificadas “manifestações culturais”. Na medida em que os equipamentos promovem o consumo cultural, esses mantêm relação com a difusão e com a noção de paisagem urbana, portanto desloca a análise da noção de “públicos” ou “freqüentadores”, não menosprezando o valor das mesmas.

A produção cultural, em sentido amplo, não somente está colocada por aqueles que freqüentam “oficialmente” os equipamentos de cultura e lazer, mas também por aqueles que não são reconhecidos ou identificados, porém os ocupam. Por tudo isso, focar a presente análise em determinados públicos não subsidiaria a compreensão da relação entre estratos sociais, as diversidades e localizações dos equipamentos.

A análise em questão pretende tratar a compreensão das lógicas definidoras das localizações, bem como evidenciar a atual forma da paisagem urbana. Por este motivo iniciaremos a análise a partir da historicidade das noções de patrimônio, pois estas remetem não à idéia de manifestação cultural, mas sim à noção de “espaço público”.

É justamente este o ponto de partida: a natureza e características dos discursos postos nos espaços públicos, como os de lazer e cultura. A cidade é dotada de uma diversidade de atores e discursos onde

“[...], podemos detectar processos sociais opostos: alguns promovendo tolerância à diferença e à flexibilização de fronteiras e alguns promovendo segregação, desigualdade e policiamento de fronteiras. Na verdade, temos nessas cidades uma democracia política com muros

urbanos; procedimentos democráticos usados para promover segregação, [...] e multiculturalismo e formações sincréticas com zonas de apartheid promovidas por enclaves segregados. [...] O seu movimento de construir muros é, portanto, compreensível. O problema é que as conseqüências da fragmentação, da privatização e dos muros são severas. Uma vez que os muros são construídos, eles alteram a vida pública” (Caldeira; 2000:340).

A afirmação de que toda a função social da arte se transforma quando observado o fenômeno de desenvolvimento do sistema de produção (Benjamin, 1994), nos permite fazer o movimento inverso. Associar o atual desenvolvimento econômico com as formas históricas de apropriação da produção cultural. Podemos afirmar que o destaque político anunciado no início do século XX afirma e se consolida no início do século XXI.

Em razão disto, temos dificuldade de transpor a idéia de “patrimônio” para um conceito que dê conta da produção cultural em seu sentido amplo, ou seja, como instrumento de educação permanente, como estrutura-estruturante de uma cultura política na/da cidade. Digo isto, pois, atualmente percebemos que a ideologia do grupo hegemônico constrói a figura dos “produtores culturais” que se voltam mais aos aspectos operacionais e financeiros, em uma sociedade que se globalizou pelo mercado de consumo em bases ampliadas por relações desiguais. A dificuldade reside também na forte presença de estudos dedicados à definição do que prefiro chamar de “grupos de consumo diferenciados”, uma vez que grande parte das análises foca a compreensão das identidades culturais de forma restrita, tais como “freqüentadores”, “público-alvo”, etc.

É por esses motivos que prefiro utilizar o termo “produção cultural” como categoria de análise dos equipamentos culturais. O próprio termo⁵ leva a associação dele mesmo à noção de propriedade. A cultura entendida a partir

⁵ Conforme definição do dicionário Michaelis (Moderno Dicionário da Língua Portuguesa): 1. Herança paterna. 2. Bens de família. 3. Bens necessários à ordenação e sustentação de um eclesiástico. **4. Quaisquer bens materiais ou morais pertencentes a uma pessoa, instituição ou coletividade.** 5. *Reg* (São Paulo) povoação. *P.Nacional*: Departamento administrativo subordinado ao Ministério da Fazenda, onde se encontram cadastrados todos os bens do domínio da União ou próprios nacionais: bens imóveis, material bélico, terrenos, e acrescidos de marinha e outros (grifo nosso).

do que é reconhecido oficialmente se mostra restrita tanto em termos de classes sociais quanto em termos geográficos, seja pelos órgãos de tombamento, seja a partir dos investimentos públicos e privados em bens culturais – equipamentos e serviços. O papel do Estado neste contexto é fundamental para garantir que as intervenções objetivem a diluição dos padrões de segregação. Tal hegemonia pode ser identificada nos novos arranjos espaciais da vida cidadina, significando, por vezes,

“sistemas de representação que possibilitam regular, disciplinar e controlar ocupação e uso social do espaço urbano pelos agentes sociais hegemônicos – seja através dos meios de penetração e observação possibilitados pelos elementos físicos componentes da cidade, seja através de identificação e não identificação dos indivíduos com o(s) lugar (es) que contribuem, entre outros fatores, para estabelecer padrões espaciais de centralização e segregação” (Randolph e Limonad, 2001: 11).

No caso de São Paulo, é importante destacar que ainda se percebe na atuação de órgãos de proteção do patrimônio antigas práticas de representação do passado da nação e da moderna arquitetura brasileira. Dessa forma, ainda trata-se de documentar o “passado regional em suas interações com o nacional, onde se evidencia os colonizadores, bandeirantes e cafeicultores” (Rodrigues, 1996: 197) e, ao fazê-lo, excluem determinados segmentos.

A região central da cidade de São Paulo é uma das mais bem servidas por equipamentos e serviços culturais desprivilegiando as populações afastadas geográfica e socioeconomicamente das oportunidades lá concentradas. Em nome do desenvolvimento econômico, os equipamentos de cultura e lazer tendem a concentrar-se em centralidades, agravando a precarização de uma população já desassistida e, portanto, acentuando a segregação.

Segundo Anico (2005), a indústria cultural revela a cidade como sistemas comunicativos especializados e autônomos que, de acordo com interesses neoliberais, restringem sua localização nos centros urbanos. O

espaço antes ocupado pela fábrica hoje se espalha por todo o tecido urbano. “A própria cidade é um lugar de desejo, um desejo sonhado”. A indústria cultural global trabalha para a compreensão desta ótica do desejo e busca dar forma a essa experiência.

A indústria global de entretenimento possui relação direta com o consumo e, portanto, com os setores financeiros. Conforme Sassen (1998 e 2005), as cidades se tomam importantes pela mistura de talentos que as tornam capazes de compreender a especificidade de cada mercado. Existe nos centros urbanos uma infra-estrutura de produção que está diretamente conectada ao “saber produzir um produto de circulação mundial”. Outra característica desta indústria particular é sua qualidade de facilitador do acesso a financiamentos e, neste sentido, os locais profundamente urbanos tornam-se um ponto de turismo. Em São Paulo, parques temáticos se concentram em áreas que são foco turístico.

Os equipamentos ao assumirem a lógica do consumo acabam por romper com a busca anterior por pluralidade. Na medida em que carecem de recursos dão ênfase a segmentos sociais capazes de trazerem o retorno financeiro esperado. É justamente dentro desta lógica que a nossa localização de espaços culturais se encontra. Dependendo do tipo de produto ofertado e, portanto, de serviços prestados a consumidores, o capital cultural é possível tanto como relação social quanto territorial. Revela a distribuição espacial destes equipamentos, onde observamos a proliferação desses num território ocupado pelos segmentos sociais de maior poder político-econômico efetivo. Revela também que esta suposta proliferação se restringiu a estes grupos determinados e, portanto, não podemos afirmar sua democratização. Ou seja, os equipamentos que por natureza são destinados à experimentação e à troca de técnicas culturais acabam por romperem com seu valor ao lutarem por consumidores culturais para sobreviver.

Em São Paulo, no início da década de 2000, observamos a concentração dos equipamentos de lazer e cultura no tecido urbano. Apesar de, em termos de diversidade, tais equipamentos serem circunscritos, sua lógica de localização por tipologia não é em si homogênea. Assim, sua localização é posta pela lógica neoliberal, onde impera o “consumo cultural global”.

“As análises mais pessimistas desses processos argumentam que a globalização, ao afastar de forma radical a cultura do seu constrangimento espacial, promoveu a sua desterritorialização e, conseqüentemente, a standardização da produção e a homogeneização da procura” (Anico, 2005).

Pela existência dos não-beneficiários desta “transposição” podemos indicar que houve a desterritorialização do sistema de comunicação, mas o discurso que o sustenta foi de fato territorializado. Podemos afirmar, assim, a existência de uma heterogeneidade no urbano, que fragmentado em enclaves sociais murados, são em si homogêneos. Daí a pertinência da construção de uma tipologia de áreas.

Podemos afirmar que a cidade é agora foco de investimentos do capital global concentrando suas manifestações culturais às classes superiores e médias, que se fixam exatamente onde se observam as maiores concentração e diversidade de espaços de cultura e de lazer (ou vice e versa). Por isso, atualmente, utilizando-se da metodologia dos anéis, podemos observar que o patrimônio de cultura e lazer do município de São Paulo concentra-se nos anéis central, interior e intermediário⁶. Em seus “anéis” resultantes da concentração de categorias superiores na hierarquia social e de equipamentos culturais, a cidade é então revelada na busca por “muros” como resposta a um determinado tipo de governança urbana.

É justamente pela contradição de ser a cidade global local do desejo coletivo e de privatização do público⁷ que se faz importante esta análise. Observamos em São Paulo que, onde temos grandes densidades de categorias sociais superiores, também temos o maior número e diversidade de equipamentos culturais.

“[...] [A globalização provocou a] ascensão a uma mudança geral das normas e valores coletivos que tinham

⁶ TASCHNER, Suzana Pasternak. BÓGUS, Lúcia M. M. *São Paulo como Patchwork: unindo fragmentos de uma cidade segregada*. In: BÓGUS, Lúcia. M.M. e RIBEIRO, Luiz C. de Q. (orgs) **Cadernos Metrôpole – desigualdade e governança**. São Paulo: n.1, EDUC, 1999, pgs. 43-98.

⁷ Segundo Teresa Caldeira (2000) e Saskia Sassen (2005) a globalização dos setores produtivos no Brasil a partir da década de 1990 levou a gestão do planejamento estratégico à processos de privatização de empresas, serviços e espaços públicos.

hegemonia, [... mas] também permitiu a realização de substanciais redistribuições de renda, que favoreceram, na maioria das vezes, os já privilegiados” (Harvey, 2010:161).

A análise comparativa envolvendo patrimônio cultural e desigualdade entre os extratos sociais evidencia o dilema existente entre as demandas globais e os interesses locais de raízes históricas profundas da formação dos espaços sociais desiguais. A discussão acerca do patrimônio cultural revela uma visão de mundo e uma identidade definida e específica a um grupo dominante. Sendo o grupo hegemônico, seu poder extrapola o particular e se generaliza avançando sobre o espaço. Encontramos aqui chave importante para a presente análise comparativa: ao longo de todo o século XX a segregação tem sido um padrão a serviço do desenvolvimento econômico da cidade de São Paulo.

A problemática central está em perceber que a história dos equipamentos culturais da cidade, assim como sua espacialização, indica a construção de uma paisagem onde os “parques temáticos” e a “rua” agora se configuram em espaços dirigidos tanto a um destino de consumo como de experimentação. Esses espaços produzem ênfase no cotidiano indicando um campo de pesquisa onde as mudanças estruturais não serão conquistadas pelas vias tradicionais, pois necessitam engendrar o cotidiano das populações numa escala sem precedentes.

CAPÍTULO I

Diversidade e Distribuição Espacial dos Equipamentos de Cultura e Lazer

Atualmente, as ações de valorização do patrimônio cultural concorrem com as múltiplas formas de rentabilidade e prestígio, vinculando a isso o discurso de desenvolvimento. A presente análise visa, de um lado, identificar em que medida os equipamentos de lazer e cultura tendem a aprofundar desigualdades e segregar grupos sociais ou democratizar o uso do patrimônio tornando-o público. De outro lado, pretende contribuir para a construção de políticas de valorização que ampliem o conceito de patrimônio cultural incorporando entre seus beneficiários grupos desprovidos de acesso aos bens culturais e, ao mesmo tempo, retomar a prioridade de investimento público.

Considerando o patrimônio cultural como espaços de disputa e marcos de poder, é importante permitir que nesta disputa participem e atuem aqueles atores cuja representação social encontra-se apartada do conjunto de lugares de memória reconhecidos oficialmente, e que constituem foco das ações de valorização tanto econômica quanto simbólica. Nesse sentido, associar as análises de patrimônio cultural e desenvolvimento local aos estudos sobre segregação urbana mostra-se conveniente.

As sociedades capitalistas ocidentais estão divididas em diferentes grupos, que seguem uma hierarquia social e cultural, sendo que a primeira determina a hierarquia da segunda. O que significa dizer que a cultura exerce papel importante na hegemonia de classes como fator de distinção social e espacial. Nossa análise considera os indivíduos residentes em áreas segregadas de concentração de pobreza, onde estão também presentes riscos socioambientais, a violência urbana, a informalidade das ocupações, outras relações de apropriação existentes e até mesmo outros mecanismos de preservação da produção cultural. Ou seja, não estamos afirmando a inexistência de outra produção e consumo culturais nessas áreas, mas sim destacando os fatores geradores da propriedade da paisagem urbana na contemporaneidade.

I.1. Tipologia dos Equipamentos de Cultura e Lazer

Partimos do princípio de que os equipamentos culturais contemporâneos são materializações de conceitos e apropriações complexas da história da produção cultural no tecido urbano. Por isso, os mapas se configuram como estratégia metodológica para a compreensão da espacialização de padrões culturais. Cada tipo de equipamento foi mapeado separadamente para uma apuração mais criteriosa de sua temporalidade e localização. Pensando nas especificidades históricas de cada tipo de equipamento e dando ênfase às formas de apropriação da paisagem cultural da cidade, optou-se por mapeá-los separadamente, respeitando a particularidade das ofertas e formas de consumo culturais.

Os mapas da distribuição dos equipamentos de lazer e cultura foram produzidos tendo como referência informações coletadas junto à Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, a São Paulo Turismo S/A, Agência dos Correios, Prefeitura Municipal de São Paulo e o “Guia Folha” do Jomal Folha de São Paulo, durante o ano de 2007. Utilizamos outras fontes para a procura de CEP's, nome correto dos endereçamentos, entre outras especificidades. Foram estas: páginas da Internet - quando existente para alguns estabelecimentos, contatos telefônicos, e, por fim, consulta de CEP e logradouros junto ao site dos Correios. Cabe ressaltar que a listagem de estabelecimentos de cultura e lazer, derivados destas fontes de informação, é uma amostra. Optamos pelos equipamentos de Cinemas, Teatros, Museus, Parques, Espaços Multiculturais, Espaços de Eventos e Construções Históricas por considerá-los relevantes.

Construímos uma tipologia dos equipamentos de cultura e lazer tomando como base o produto cultural à que se destinam. Assim chegamos à definição de (ver tabela 1):

- Cinemas,
- Construções Históricas,
- Espaços de Eventos,
- Espaços Multiculturais,
- Museus,
- Parques

- Teatros

Não foram considerados na listagem os bares e bibliotecas. Em um primeiro momento, havia incluído na listagem de equipamentos de lazer e cultura os bares da cidade. Mas, com o olhar posteriormente mais crítico, percebi que deveriam ser incluídos os chamados “botecos”, para não privilegiar um determinado segmento social. No entanto tal ação inviabilizaria a pesquisa, dada a natureza informal desses estabelecimentos – daí a necessária opção pela exclusão deste tipo de equipamento. A inclusão na listagem de bibliotecas, por se configurarem, em sua maioria, também em áreas de escolas, implicaria numa mudança de foco da presente análise ou uma análise limitada das mesmas.

Para o levantamento desses espaços de cultura e lazer tivemos que detalhar ainda mais a tipologia dos equipamentos, isto verificando as transformações ocorridas nas concepções desses locais e, conseqüentemente, no público freqüentador dos mesmos e em sua estética arquitetônica e urbanística. Portanto, os critérios utilizados foram a natureza das atividades ofertadas e a exclusividade dos espaços/ equipamentos. Assim, construímos a seguinte tipologia detalhada (ver tabela 2):

- **Salas de Cinema:** entendidos como espaços exclusivos de cinema;
- **Salas de Cinema em Shopping:** espaços não exclusivos de salas de cinemas;
- **Construções Históricas Esportivas:** considerando edificações tais como estádios e ginásios;
- **Construções Históricas Arquitetônicas:** são construções edificações tombadas pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP) e pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT);
- **Construções Históricas Monumentos:** aqui também se trata de patrimônio tombado, mas pelo seu valor monumental e artístico tais como, por exemplo, esculturas e chafarizes;

- **Casas de Show:** consideramos os espaços de eventos destinados exclusivamente a espetáculos de música ou performances de cunho musicais como Credicard Hall;
- **Espaços de Eventos:** compreende espaços destinados a eventos de grande porte, tais como feiras de exposição temáticas, por exemplo, os Centros de Exposição Imigrantes e Anhembi;
- **Espaços Multiculturais – Casas, Oficinas e Institutos:** são locais de uso múltiplo, incluindo apresentações musicais, teatrais, exposições, entre outros, por isso denominamos Multiculturais. Neste caso foram considerados os institutos, fundações, oficinas e casas de cultura que visam à defesa e difusão de determinadas identidades culturais ou “segmentos populares”;
- **Espaços Multiculturais – Centros Culturais:** são considerados os espaços públicos multidisciplinares, resultados de políticas de difusão cultural do final de 1970 inícios de 1980;
- **Espaços Multiculturais – SESC’s e CEU’s:** também são espaços públicos multidisciplinares, porém resultado de políticas que focam as exclusões social e territorial, especialmente difundidas na década de 1990;
- **Museus:** aqui não fizemos diferenciações, pois notamos que estaríamos focando em temáticas tais como ciências, história, artes, entre outros, divergindo dos critérios de diferenciação e divisão do restante dos equipamentos;
- **Parques:** considerados os parques que não são reservas ambientais, mas espaços de lazer ao ar livre, como Parque do Ibirapuera;
- **Parques – Reservas:** são os parques protegidos por legislações ambientais de proteção e uso do solo, como a APA Capivari-Monos;
- **Parques – Temáticos:** são espaços tanto de diversão, com brinquedos, como espaços livres de lazer e contato com remanescentes de natureza, tais como Parque Tuma da Mônica e o Zoológico Municipal;
- **Teatros em Universidades:** considerados teatros em Centros Culturais e instituições de ensino, portanto não exclusivos;

- **Teatros em Hotéis e Shoppings:** seguindo a mesma lógica do anterior, trata-se de espaços não exclusivos de espetáculo compartilhando espaço com Hotéis e Shoppings;
- **Teatros:** são espaços exclusivos de apresentações teatrais e interpretações corporais.

O levantamento revelou a existência de 414 equipamentos de cultura e lazer na cidade de São Paulo em 2007. Sendo os Teatros (20,29%) a maior proporção numérica, seguidos de espaços de Cinemas (16,67%) e Espaços Multiculturais (16,67%). Depois desses temos Museus (15,22%), Parques (14,73%) e Construções Históricas (10,87%). A menor proporção encontrada foi dos Espaços de Eventos (5,56%).⁸

Tabela 1 – Quantidade e Proporções de Equipamentos de Cultura e Lazer, por Tipologia - São Paulo, -2007

Tipologia	Quantidade	
	N.A.	%
Cinemas	69	16,67
Construções Históricas	45	10,87
Espaços de Eventos	23	5,56
Espaços Multiculturais	69	16,67
Museus	63	15,22
Parques	61	14,73
Teatros	84	20,29
TOTAL	414	100,00

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. “Guia da Folha” do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Quando observamos a tipologia desses equipamentos percebemos que dentro de cada tipologia de equipamento um determinado tipo detalhado se destaca em relação ao total. Assim, o *Teatro* representa 15,94% do total em 2007. Dentro dos Cinemas destacam-se aqueles em espaços não-exclusivos de shoppings (*Salas de Cinema em Shopping* – 8,70% do total em 2007) e entre as Construções Históricas destacam-se aquelas construções edilícias tombadas como patrimônio histórico em geral (*Construções Históricas*

⁸ Dentro do total de 414 equipamentos levantados, somente 398 foram passíveis de mapeamento, portanto 16 equipamentos não localizados, representando 3,8% do total de equipamentos. Vale indicar que dentre esses temos a mesma diversidade relativa dos equipamentos em sua totalidade. Por isso fizemos a análise dividida em duas partes, primeira a totalidade dos equipamentos levantados e sua relação com zonas da cidade, depois os equipamentos mapeados.

Arquitetônicas – 7,00% do total em 2007). Entre os Espaços de Eventos destacamos aqueles destinados às exposições e feiras de grande porte (*Espaços de Eventos* – 4,11% do total em 2007), já entre os Espaços Multiculturais temos em maior proporção numérica os espaços SESC's e CEU's (*Espaços Multiculturais* – SESC's e CEU's – 7,77% do total em 2007). Os *Parques* como espaços de lazer ao ar livre (Parques em geral) representam 9,18% do total em 2007.

Tabela 2 – Quantidade e Proporção de Equipamentos de Cultura e Lazer, por Tipologia Detalhada - São Paulo, 2007

Tipologia Detalhada	Quantidade	
	N.A.	%
Salas de Cinema	33	7,97
Salas de Cinema em Shopping	36	8,70
Construções Históricas Esportivas	6	1,45
Construções Históricas Arquitetônicas	29	7,00
Construções Históricas Monumentos	10	2,42
Casas de Show	6	1,45
Espaços de Eventos	17	4,11
Espaços Multiculturais – Casas, Oficinas e Institutos	21	5,07
Espaços Multiculturais – Centros Culturais	16	3,86
Espaços Multiculturais – SESC's e CEU's	32	7,73
Museus	63	15,22
Parques	38	9,18
Parques – Reserva	8	1,93
Parques – Temáticos	15	3,62
Teatros em Universidades	6	1,45
Teatros	66	15,94
Teatros em Hotéis e Shoppings	12	2,90
TOTAL	414	100,00

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. “Guia da Folha” do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Esses equipamentos foram também distribuídos por regiões da cidade (Sul, Sudeste, Norte, Oeste, Centro e Leste) conforme divisão territorial em zonas por subprefeitura, assumido pela Administração Pública Municipal em 2007.

- **Região Centro:** composta pela subprefeitura da Sé;
- **Região Sul:** composta pelas subprefeituras de Campo Limpo, M'Boi Mirim, Santo Amaro. Cidade Ademar, Capela do Socorro e Parelheiros;
- **Região Norte:** composta pelas subprefeituras de Perus, Pirituba, Freguesia do Ó/ Brasilândia, Tremembé/ Jaçanã, Santa/ Tucuruvi, Casa Verde/ Cachoeirinha e Vila Maria/ Vila Guilherme;

- **Região Sudeste:** composta pelas subprefeituras da Mooca, Sapopemba/Vila Prudente, Ipiranga, Vila Mariana, Penha, Aricanduva e Jabaquara;
- **Região Leste:** composta pelas subprefeituras de São Mateus, Cidade Tiradentes, Guaianases, Itaim Paulista, São Miguel, Ermelino Matarazzo e Itaquera;
- **Região Oeste:** composta pelas Subprefeituras da Lapa, Butantã e Pinheiros.

Com isto notamos que, em 2007, cerca de 35% dos equipamentos estão na região centro e aproximadamente 26% na região oeste, ou seja, 61% localizam-se na porção centro-oeste da cidade. Isto contra 25,6% na porção sul-sudeste e 6,76% tanto na região leste como na região norte. Neste ponto encontramos um paralelo entre o deslocamento histórico das elites para a macrorregião centro-sudoeste e a concentração desses equipamentos.

Tabela 3 – Equipamentos de Cultura e Lazer por Região de Localização na Cidade de São Paulo, 2007

Regiões	Quantidade	
	N.A.	%
Sudeste	62	14,98
Oeste	107	25,85
Centro	145	35,02
Sul	44	10,63
Leste	28	6,76
Norte	28	6,76
TOTAL	414	100,00

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. “Guia da Folha” do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Figura 1 – Espacialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer (2007), Áreas Municipais (2000) e Áreas de Favela (2000) - São Paulo (detaque para as áreas de maior concentração)

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004. SEHAB, 2000.
Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

O primeiro mapa resume todos os pontos de produção cultural no município de São Paulo, incluindo-se as praças. Porém a visualização fica prejudicada. O que se pode afirmar, no entanto, é que estes espaços se concentram na área do centro expandido, mais especificamente na porção centro-sudoeste, com exceção dos Parques, Salas de Cinema em Shoppings e Espaços Multiculturais, nomeadamente SESC's e CEU's que, apesar de também presentes nestas áreas, estão localizados nas outras porções do território. Destacamos neste primeiro mapa as regiões leste e a sul do município por apresentarem padrões particulares de localização e tipo de equipamentos.

Notamos também que as maiores proporções de *Construções Históricas* estão no centro, sendo que não foi identificada nenhuma ocorrência do mesmo na região norte. Do total de *Construções Históricas Arquitetônicas* 72,41% estão no centro, 50% das *Construções Históricas Esportivas* estão na região oeste, 60% das *Construções Históricas Monumentos* está localizado na região sudeste. Ou seja, a Família de Equipamentos de Construções Históricas está concentrada na porção centro-sudoeste.

Em relação ao total das *Casas de Show* 50% estão localizadas na porção oeste. Os *Espaços de Eventos* estão 35,29% na zona oeste e 29,41% na zona sul. Ou seja, a preferência de localização dos *Espaços de Eventos* e *Casas de Show* é principalmente a zona oeste, seguido da zona sul nas imediações das Marginais Tietê e Pinheiros.

Vale também indicar que 38,10% dos *Espaços Multiculturais Casas, Oficinas e Institutos* estão no centro e 68,75% dos *Espaços Multiculturais Centros Culturais* estão localizados também no centro. Já os *Espaços Multiculturais SESC's e CEU's* estão preferencialmente nas zonas sul (25%) e sudeste (21,88%). O que nos leva a concluir que a maior parcela dos *Espaços Multiculturais* está no centro, com exceção dos SESC's e CEU's, que aparecem em maior proporção nas zonas sul e sudeste.

Do total de *Museus* 41,27% estão na região oeste. Do total dos *Parques* 23,68% estão na zona norte e 23,68% na porção oeste. Os *Parques Reservas* 62,5% estão localizados na região sul e os *Parques Temáticos* estão concentrados na porção sudeste (33,33%) e sul (33,33%). Contudo a maior preferência e concentração de localização dos Parques é a região sul.

As *Salas de Cinema* estão 45,45% na porção oeste e do total das *Salas*

de Cinemas em Shopping 33,33% estão também na porção oeste. Ou seja, com relação às salas de cinema, notamos uma concentração e privilégio para a porção oeste da cidade. Já em relação ao total de *Teatros* 68,18% estão no centro, dos *Teatros em Hotéis e Shoppings* 41,67% também estão na região do centro e dos *Teatros em Universidades* 66,67% novamente aparecem no centro. Por isso podemos afirmar que os Teatros estão concentrados no centro.

Como mencionamos anteriormente, o patrimônio de cultura e lazer da cidade são espaços de disputa e marco de poder. Neste sentido nos parece pertinente relacionamos a renda média dos residentes das áreas onde estão localizados esses equipamentos. Quando observamos a distribuição espacial do rendimento mensal médio dos domicílios particulares permanentes em 2000 percebemos as desigualdades em escala macrorregional. Porém, juntamente com a espacialização dos equipamentos, notamos que estes estão concentrados nas áreas de rendimento médio seguidos das áreas com rendimentos altos.

Figura 2 – Gradiente de Média de Rendimentos dos Chefes dos Domicílios Permanentes, 2000, por setor censitário e Localização dos Equipamentos de Cultura e Lazer na Cidade de São Paulo, 200.

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

O cruzamento da distribuição espacial dos rendimentos médios dos domicílios permanentes em 2000 e os equipamentos de cultura e lazer revelam que a porção do centro tradicional (subprefeitura da Sé) concentra o maior número de equipamentos, justamente nas áreas onde observamos os rendimentos médios entre R\$ 1.500,00 e R\$ 3.000,00. A maior diversidade, no entanto, reside na porção sudoeste (distritos de Morumbi, Santo Amaro, Moema, Vila Mariana, Jardim Paulistano, Pinheiros, Alto de Pinheiros, Perdizes e Itaim Bibi). Nestas áreas identificamos que os rendimentos médios dos domicílios permanentes variam entre R\$ 8.000,00 e R\$ 6.000,00.

É interessante notar que os anéis de gradiente de renda não correspondem aos anéis de concentração de equipamentos de cultura e lazer. A concentração de renda se dá na porção oeste e a maior concentração de equipamentos está no centro tradicional. Os residentes qualificam e justificam a escolha por suas localizações quando identificamos a maior diversidade de equipamentos onde estão as maiores rendas e sua maior concentração no centro tradicional (subprefeitura da Sé). Por isso, a renda dos residentes parece explicar somente em parte a escolha de localização dos equipamentos de cultura e lazer na cidade. Contudo vale ressaltar que “[...] numa determinada mancha sabe-se que tipo de pessoas ou serviços se vai encontrar, mas não quais, e é esta a expectativa que funciona como motivação para seus freqüentadores” (Magnani, 2002).

Ou seja, a localização dos equipamentos aparenta possuir relação com os rendimentos médios dos domicílios, porém não explica totalmente as concentrações. Para tal, percebemos ser necessária a análise da historicidade e distribuição espacial de cada tipo de equipamento de cultura e lazer e relacionando-os aos extratos sociais. Para então, buscar a relação desses espaços com as categorias sociocupacionais de seus residentes, como veremos mais adiante, no capítulo II.

I.2. Historicidade e Tipologia das Construções Históricas

O tombamento é o primeiro ato de um processo de preservação de bens, pois impede legalmente sua destruição. Além de envolver o *objeto tombado* este processo visa também preservar o ambiente em que estão circunscritos os bens, definindo uma área que não pode ser alterada sem prévia autorização. Os proprietários de bens tombados gozam de abatimentos no Imposto de Renda de Pessoa Física como estratégia para que realizem obras de restauração e de preservação.

Vale aqui colocar que a palavra tombamento significa, no contexto do patrimônio, a inscrição no livro de tombo, ou seja, o ato do estado, por meio de seus órgãos públicos competentes, de registro de

“objetos, os monumentos, os documentos, as construções, as manifestações culturais, os lugares e etc., identificadas como os que representam de maneira mais clara a identificação cultural brasileira. [...] O tombamento protege bens móveis e imóveis de valor histórico, artístico, arqueológico, cultural, arquitetônico, ambiental, bibliográfico, fotográfico que sejam do interesse público ou garantam a continuidade da memória coletiva” (Assunção, 2003:93).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional ao mesmo tempo em que realizou tombamentos e restaurações que garantissem a integridade do acervo arquitetônico e urbanístico brasileiro, do acervo documental e etnográfico e das obras de arte e dos bens móveis (Assunção, 2003:93-94). Foi criado em 13 de janeiro de 1927 com colaboração de Manuel Bandeira, Lúcio Costa, Carlos Drummond de Andrade, Afonso Arinos, Mario de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade. Somente em 1998, com o Decreto nº 2.807 de 21 de outubro de 1998, é que a estrutura do IPHAN foi definida, confirmando a missão institucional de pesquisa, promoção, fiscalização e proteção do patrimônio cultural. Atualmente o IPHAN está ligado ao Ministério da Cultura, desenvolvendo ações por intermédio de

superintendências regionais e etc. Com isso continua a realizar trabalho de identificação, proteção, fiscalização, restauração, preservação e revitalização dos bens culturais do país.

Ao longo deste processo de institucionalização do IPHAN notamos alterações nas suas concepções de patrimônio. Conforme veremos, passou de uma visão monumentalista para uma visão pluralista e popular do patrimônio, sendo, neste contexto, incorporada a esfera imaterial do patrimônio.

Segundo Gonçalves (1996), no contexto dos discursos nacionalistas, as culturas nacionais são, usualmente, classificadas como “patrimônio”. Encarado como uma propriedade coletiva, tais “patrimônios” deveriam ter suas integridades defendidas, pois carregam consigo valores autênticos do conjunto nacional. Nesse sentido, Gonçalves aborda duas perspectivas conceituais de como pode ser encarado o “patrimônio cultural” de uma nação.

De acordo com Gonçalves, a concepção de “patrimônio cultural”, vigente no Brasil do final da década de 1930 até o final da década de 1970, era a de uma representação do passado (especificamente do IPHAN). A apropriação deste “patrimônio” era, portanto, a apropriação de um passado valorizado por seu papel exemplar. Este passado exemplar traria, conforme essa concepção, a educação da população a respeito da “unidade e permanência” da nação. Em virtude disso, o passado deveria ser apropriado em prol do futuro. Assim, a política brasileira de patrimônio cultural implantada entre 1937 e 1979 concentrou-se em monumentos arquitetônicos, religiosos e históricos.

A partir do final dos anos 1970, a noção de “patrimônio cultural” assumida pelo IPHAN passa a ficar mais próxima de uma concepção democrática e pluralista. Nesse contexto o Brasil é apresentado como uma sociedade modernizada e altamente complexa, cujos problemas culturais não mais poderiam ser resolvidos satisfatoriamente nos limites institucionais e nos quadros da política tradicional do IPHAN.

O debate de meados de 1970 estava centrado na crítica à idéia do “tombamento”, dando relevância às noções de “pluralismo cultural” e “democracia” para a discussão da produção cultural. Girava ao redor da temática da devolução dos “bens culturais” aos seus verdadeiros proprietários: as comunidades locais. Cria-se assim a representação da população brasileira como uma totalidade cultural diversificada e em permanente transformação. A

ênfase é então colocada na “cultura popular” e no seu papel dentro do processo de formação de um “caráter nacional brasileiro”.

Gonçalves (1996), ao analisar as narrativas a respeito das duas concepções de “patrimônio cultural” normatizadoras da política nacional de cultura, percebe que até o final da década de 1970 a nação é vista a partir de uma perspectiva unificada e globalizante assumida por uma determinada elite. Após este período, categorias como “segmentos sociais”, “comunidades” e outras são usadas para objetivar a sociedade brasileira enquanto uma entidade plural. A nação, ao menos em termos do discurso, é visualizada não mais exclusivamente de modo monumentalista, mas também como pluralidade de grupos sociais, segmentos, comunidades e suas respectivas culturas, compondo um quadro marcado pela heterogeneidade. Vale ressaltar que esta heterogeneidade não suplantou as produções locais, mas na medida em que as desterritorializou também as desqualificou, pois determinou seus espaços a despeito de suas formas. Por outro lado, serviu-lhe de justificativa para a própria legitimidade de um discurso institucionalizado.

Tendo em vista essas duas concepções históricas de “patrimônio cultural” citadas, Gonçalves (1996) define que “a apropriação [do ‘patrimônio cultural’] implica em transformar o outro no mesmo, o diferente no idêntico, o que está disperso no que vem a ser concentrado”. Assim, a apropriação do patrimônio cultural tem como efeito a representação da nação como uma entidade individualizada. É nesse sentido que, segundo o autor, a metáfora da apropriação implica o uso de metáforas visuais. O efeito da apropriação é a própria cultura como uma “coisa” ou como “exibição”. Seu propósito é persuadir os expectadores da realidade daquilo que representa a nação.

A partir de 1930 a apropriação cultural revela-se em ícones de uma história oficial idealizada e materializada. Já nos anos de 1970, quando esta noção é criticada, o que observamos é a incorporação da esfera imaterial, mas não a superação de propriedade ou sentimento de propriedade que possuímos sobre o objeto cultural de forma hegemônica. Metáforas visuais desempenham a função de transformar itens em “bens culturais”, relíquias e “lugares históricos”, enquanto as práticas sociais são reescritas como “costumes e tradições”.

Vítor Matias Ferreira (2005), em artigo intitulado “A Condição Pública e Patrimonial da Cidade: A Reinvenção da Urbanidade?”, coloca em xeque a

discussão acerca do conceito de “patrimônio” ao tentar compreender a urbanidade. Acredita ser “corolário do próprio questionamento sobre a condição pública e patrimonial da cidade”. Considera: “Assim, para relançamos essa discussão, dois temas fundamentais parecem surgir como elementos paradigmáticos desse mesmo debate. Concretamente, as noções de ‘patrimônio urbano’ [...], e a de ‘espaço público’ [...]” (Withaker Ferreira, 2005:64).

O mapa das localizações de Construções Históricas, ou seja, do patrimônio tombado, revela que estes estão especialmente circunscritos ao centro antigo, onde foi justamente durante seu pleno desenvolvimento que a noção monumentalista da cultura prevalecia. Cabe destacar que para além desta centralidade o que temos são Construções Históricas Esportivas, como Estádios e Ginásios na região oeste e Construções Históricas Monumentos na região sudeste.

Desta forma, percebemos que as Construções Históricas concentram-se nas áreas historicamente ocupadas pelas elites e classes médias. Já as Construções Monumentalistas de grande porte, como as esportivas, foram instaladas em áreas amplas nas zonas mais distantes do centro. O que, por sua vez, marcou e ainda marca a paisagem como geograficamente excluídas das centralidades de forma contundente, reforçando o valor simbólico desta hegemonia.

Figura 3 – Distribuição Espacial das Construções Históricas - São Paulo, 2007

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

I.3. Historicidade e Tipologia dos Museus

Concepção de Museu remete à época das guerras religiosas de expansão, e da expropriação de bens da Igreja, por reunirem peças e coleções recolhidas nas conquistas e triunfos. Na Idade Média, as coleções ganham espaço pela consideração da raridade das peças. São resultado do contato entre europeus e outras culturas que marcaram os séculos XVI, XVII e XVIII e permitiram a formação dos acervos dos primeiros museus europeus. Já no século XIX a idéia de Museu “ficou intimamente ligada à preservação do passado e principalmente dos interesses e da memória das classes dominantes” (Assunção, 2003:78).

Os museus possuem duas atribuições primordiais: a conservação e exposição de seus acervos. Por isso, os museus devem garantir condições ambientais (temperatura, umidade relativa do ar, pressão, luminosidade, poluição e etc.) que assegurem a guarda, conservação e exibição de seus acervos. Neste sentido, as mesmas condições postas pela conservação e manutenção dos acervos devem ser garantidas quando os objetos são expostos ao público.

Marta Anico (2005), ao analisar a historicidade das visões museológicas, nos possibilita avançar cronologicamente na análise do conceito de “patrimônio”, para além dos dois períodos e respectivos aspectos destacados por Gonçalves (1996). Segundo a autora, a pós-modernidade tem sido caracterizada como um período de transição e de transformação social que tem como consequência a emergência de novas identidades políticas e sociais. O discurso da fragmentação parece associar-se aos fenômenos de desenvolvimentos dos meios de comunicação, transporte de massas, o crescimento das cidades e a transposição das fronteiras (ou alargamentos). Por sua vez,

“conduziu a um redimensionamento do mundo, [...] [pois] a globalização se encontra, assim, intimamente relacionada com a intensificação e aceleração da compressão do espaço

e do tempo na vida econômica, social e cultural” (Anico, 2005).

Devemos, novamente, destacar a dualidade da realidade contemporânea. Na medida em que são transpostas as barreiras modernas, a lógica capitalista segregadora é fortalecida, tanto na sua forma material (cidade murada e desigual) como na sua eficácia simbólica (despolitizada, privatizada e planejada). Em contexto de globalização, a “cultura”, através de mecanismos e instrumentos de identificação e vinculação locais, irá contribuir para o renascimento da localidade e da região.

A globalização econômica é inevitavelmente correlata a globalização cultural em contexto de “simulações e de simulacros pautado pela instantaneidade e pela superficialidade” (Baudrillard, 1991). A aceleração e o imediatismo, características de avanços no sistema de comunicação, contribuíram para a emergência de uma consciência patrimonial associada às rupturas com experiências locais, às fronteiras, à conseqüente relação de temporalidade e, por fim, à ausência de referenciais culturais. Ou seja, em face da crise da historicidade “o passado é resgatado, idealizado, romantizado e não raras vezes inventado, mediante processos que induzem a patrimonialização da cultura” (Anico, 2005).

A ameaça de ruptura e de desaparecimento de recursos culturais produz um sentimento nostálgico, abrindo caminho para o que Anico chama de “indústria da nostalgia”. É justamente o fator de oposição que permite a transformação de autenticidade em consumo. É tanto inclusivo como exclusivo, unifica do mesmo modo que separa, configurando-se simultaneamente em fonte e em expressão do poder. A conseqüente valorização social do patrimônio se revela não somente no alargamento do conceito, mas também como estratégia de proteção centrada na conservação das identidades “exemplares”. A conseqüência desta “nostalgia” é a própria busca pela instantaneidade que caracteriza a temporalidade em contextos contemporâneos.

“O critério de autenticidade foi assim, e de forma progressiva, substituído pelo de **representatividade** [grifo meu], na medida em que as políticas patrimoniais e

museológicas se orientaram no sentido da incorporação de elementos culturalmente representativos [...]” (Anico, 2005).

É neste contexto que entendemos os equipamentos de cultura e lazer.

“Museus e património configuram-se, desse modo, como um legado da modernidade que procura uma nova legitimação institucional no presente [...]. O anterior modelo dos visitantes enquanto cidadãos transformam-se num modelo de visitantes enquanto consumidores, que desse modo passam a ocupar o cume de todas as actividades. [...] Assim sendo, os visitantes dos museus na contemporaneidade são crescentemente conceptualizados enquanto públicos-alvos, segmentos de mercado, com diferentes características e necessidades” (Anico, 2005).

Por isso, assistimos a inaugurações de Museus com seus espaços revitalizados, dando maior ênfase à interatividade dos visitantes com os objetos expostos - com investimentos em tecnologias avançadas ganham mais “adeptos” numa era da “instantaneidade”. Os Museus sofrem atualmente uma mudança na sua função social, porém são locais com orientações definidas, sendo a permanência abrupta da noção de património como “preservação cultural”. Apesar de aparentemente disperso no tecido urbano, se configuram como “Pedaço” (Magnani, 2002).

“[...] os freqüentadores] se reconheciam como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes. O componente espacial do pedaço, ainda que inserido num equipamento ou espaço de mais amplo acesso, não comporta ambigüidades desde que esteja impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica” (Magnani, 2002).

Nas áreas centrais, tais como nos distritos Bom Retiro, Sé, República e Consolação, encontramos uma gama de museus cujos acervos voltam-se primordialmente para os primórdios da fundação da cidade até 1930. Já a região sudeste, distritos do Brás, Pari e Ipiranga, além de acervos focados na memória do início do século XIX, quando a região recebeu grandes volumes migratórios (japoneses, italianos, espanhóis, etc.), também observamos acervos do período entre 1940-1950, quando a região foi marcada pelas indústrias automotivas e vilas operárias. Nos distritos Brás e Liberdade identificamos respectivamente Museu do Imigrante e da Migração Japonesa. No distrito Ipiranga e Pari identificamos respectivamente o Museu do Automóvel de São Paulo e Museu dos Transportes Públicos Gaetano Ferolla (CMTC).

Nas regiões dos distritos de Butantã, Vila Sônia e Morumbi identificamos museus voltados à Universidade de São Paulo, seus Centros de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico, exceção para o Palácio dos Bandeirantes. Já em Moema, Perdizes, Vila Mariana e Barra Funda concentram acervos voltados à memória Modernista Brasileira. No entorno das Marginais Pinheiros e Tietê identificamos Museus voltados para tecnologias de áudio, vídeo e as chamadas de terceira geração (as tecnologias desenvolvidas a partir da década de 1990). Na zona sul, nos distritos de Jardim Ângela e Socorro, identificamos Museu da Associação dos Funcionários Públicos e Museu do Computador.

Por fim, podemos constatar que os museus localizados no centro estão vinculados à memória colonial e republicana. As regiões a leste registram memórias que vão desde camadas populares imigrantes do século XIX aos operários da indústria do início do século XX. Já a porção oeste apresenta acervos da memória de camadas intelectuais do século XX, cujas instituições se vinculam à Universidade e seus Centros de Pesquisa, bem como às artes audiovisuais e arquiteturas modernas. Na região sudeste, distritos Moema e Vila Mariana, encontramos os acervos da memória Modernista. Apesar da espacialização pulverizada de museus, percebemos uma concentração de identidades históricas dos colonizadores e bandeirantes (centro tradicional); dos modernistas e instituições de ensino e pesquisa (a oeste e sul do centro tradicional); dos operários e imigrantes (a leste do centro tradicional). Por isso podemos perceber que os Museus estão intimamente ligados à noção de

patrimônio e à história de determinadas camadas sociais em áreas restritas da cidade, dividindo-a em três partes: uma dos colonizadores, bandeirantes e republicana (centro tradicional), outra dos modernistas e intelectuais (anéis circuncêntricos ao centro tradicional, privilegiando a zona oeste e sul) e a dos imigrantes e operários (a extremo norte e leste).

Figura 4 – Distribuição Espacial dos Museus - São Paulo, 2007

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

I.4. Historicidade e Tipologia dos Parques

Os Parques e Praças representando áreas verdes fundamentam diversos benefícios urbanos e sociais. Além de garantirem áreas não impermeabilizadas, remanescentes de natureza, possibilitam bem-estar e saúde pública, bem como configuram espaço de convívio social. Por isso, devemos destacar que “os espaços verdes com qualidade podem igualmente contribuir para aumentar o senso de comunidade, identidade e de posse em espaços públicos” (Smaniotto, 2010).

Na medida em que praças e parques são entendidos como áreas verdes ou remanescentes de natureza estão vinculados à noção de ambiente. Com base nesta condição, entendemos ser necessária a compreensão da evolução dos debates sobre a proteção e uso do solo. Assim, é interessante notar que as preocupações socioambientais surgem num momento de acumulação flexível e de crise de superacumulação, ganhando maior corpo na mesma época em que a globalização é deflagrada. Neste contexto, as discussões de sustentabilidade perderam espaço, o que prejudicou seu aprofundamento. É por esta razão que o conceito de Antônio Cláudio M. L. Moreira nos parece tão relevante, pois retoma definições históricas e concilia uma diversidade de compreensões de ambiente entre saberes específicos (urbanistas, biólogos, etc.).

O debate sobre sustentabilidade remonta à década de 1970, representado por Ignacy Sachs e Mauricio Strang.

“Em 1973, na primeira reunião do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, realizada em Genebra, Maurice Strang [...] empregou a expressão ecodesenvolvimento. [...] formulado, pela primeira vez, por Sachs, no ano seguinte. [...] Tratava-se de] um modelo que permitisse a reprodução das condições da existência humana sem comprometer a base natural necessária à produção das coisas” (Ribeiro, 2005).

No início dos anos 70 existiam duas posições polarizadas sobre a problemática ambiental. Uma representada pelo radicalismo do Clube de

Roma, que propunha a paralisação imediata do crescimento econômico e populacional. Outra defendida pela Conferência de Estocolmo que, por sua vez, propunha a correção dos danos ambientais causados pelo desenvolvimento econômico, além da estabilização, em médio prazo, da população mundial. A discussão sobre *ecodesenvolvimento* vai despontar na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento; realizada em 1992 – Rio 92. Neste período a sustentabilidade é definida não somente com base nos recursos naturais renováveis, mas também com ênfase na pobreza como causadora de degradação.

A Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, em seu documento “Nosso Futuro Comum” (conhecido também como Relatório de Brundtland), define o ambiente como relações dos homens com a natureza que, em processos de desenvolvimento sustentável, deve atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de gerações futuras atenderem também às suas necessidades. Propunha a sustentabilidade ambiental e social, o planejamento familiar e o repasse de recursos de sistemas produtivos predatórios para sistemas produtivos sustentáveis (Viola, 1991: 6). Antônio Cláudio M. L. Moreira (1999) menciona que a ECO-92 vinculava ambiente, ações, ambições e necessidade humanas. Coloca o ambiente de forma inseparável ao desenvolvimento e em especial ao desenvolvimento sustentável.

Segundo Ribeiro (2005), nas décadas de 1980 e 1990 o conceito de sustentabilidade foi amplamente utilizado dividindo os debates entre duas linhas principais:

“se de um lado existem os que acreditam que o planeta em que vivemos é um sistema único que sofre conseqüências a cada alteração de um de seus componentes, de outro, estão os que acreditam que o modelo hegemônico pode ser ajustado à sustentabilidade. [... Ou seja,] são aqueles que buscam tecnologias alternativas e não impactantes... [sem romper com o] padrão de produção vigente” (Ribeiro, 2005:62).

De acordo com Moreira (1999),

“[...] no fim dos anos 80, havia três posições polarizadoras da problemática ambiental. Uma, do Erth First propunha drástica redução populacional e desocupação humana de vários ecossistemas. Outra, por exemplo, do Partido Verde Alemão, que propunha nova ética ecológica e não crescimento do produto mundial bruto, através da redistribuição do poder e da realocação de recursos produtivos. Uma terceira, majoritária, expressa no relatório “Nosso Futuro Comum” (1988) da Comissão Bruntland” (Moreira, 1999 A).

O que devemos destacar é que ambas as posições operam na perspectiva de que as discussões da época trabalhavam a partir da escassez de recursos naturais, o que deu nova dimensão à questão ambiental. Partindo desta contextualização, o conceito de ambiente é delimitado como sendo composto pelas relações entre homens e natureza para a preservação dos recursos naturais em processos de desenvolvimento sustentável.

A cronologia e análise das legislações de proteção e uso do solo para a proteção dos mananciais percebem não somente incorporações de preocupações específicas de cada período político-histórico como também a sua limitação. Segundo Moreira (1993), nos anos de 1960 observamos na grande São Paulo a separação do braço do Rio Grande da represa Billings, com o objetivo de evitar sua poluição pelas águas do corpo principal da represa Billings.

Nos anos 1970 temos o foco no controle sobre o uso do solo (ou seja, da expansão urbana e das atividades humanas) nas vertentes tributárias dos mananciais protegidos da Grande São Paulo, com a publicação da legislação de proteção dos mananciais. Cujos objetivos eram a preservação do ciclo hidrológico nas bacias hidrográficas dos mananciais protegidos, e por conseqüência a preservação das encostas com fortes restrições à urbanização. Ao contrário do esperado, essas políticas tiveram o efeito de desvalorização imobiliária da área protegida e, por conseqüência, a ocupação descontrolada destas áreas pela população de baixa renda. Essas ocupações se deram, em sua maioria, por loteamentos irregulares e favelas, transformando tais áreas em espaços desprovidos de equipamentos e serviços públicos.

Nos anos 80, com o Governo Montoro, observamos que o foco era a gestão dos recursos hídricos da bacia do Alto Tietê. Os bombeamentos entre Rio Pinheiros, Represa Billings e Barragem Edgar de Souza objetivavam facilitar o escoamento das ondas de cheia nas épocas de grandes chuvas e para reduzir a poluição das águas da Represa Billings.

Nos anos 90, os esforços focavam a gestão da ocupação humana e dos recursos hídricos por sub-bacia e a qualificação das áreas urbanas. O que compreendeu a implantação de redes de água, esgoto e drenagem de águas pluviais, regularização das vias, urbanização de favelas e povoamento vegetal das áreas livres de uso público.

A evolução e incorporação de novas preocupações tiveram como base o reconhecimento dos conflitos e suas partes. Nos anos 70 o objeto de conflito era o abastecimento de água e a população urbana. Segundo Moreira (1993), nesse período, a concepção produz políticas de proteção dos mananciais que, por desconsiderarem a ocupação “pré-existente”, acabou por penalizar os proprietários e usuários, ao mesmo tempo em que não toca na questão principal: o uso múltiplo das águas para abastecimento, para diluição de esgotos e para geração de energia elétrica.

Nos anos 80, o objeto de conflito era a poluição da Represa Billings e as enchentes no Rio Tietê. Por sua vez, tratava-se de questões contrárias à geração de energia elétrica. Ainda segundo Moreira (1993), esta concepção administra os recursos hídricos da Bacia do Alto Tietê e proíbe o bombeamento de águas poluídas para a Represa Billings. Ou seja, toca parcialmente a questão principal já mencionada.

O conflito entre abastecimento e qualidade da urbanização surge nos anos 90, onde surge também o Programa Guarapiranga de implantação de redes de água, esgoto e energia elétrica, de regularização viária, de urbanização de favelas, e de povoamento vegetal das áreas livres do poder público. O autor destaca que neste período a concepção toca o conflito principal em sub-bacia, mas não se vinculada ao sistema gerador de energia elétrica, ou seja, a utilização do mesmo reservatório tanto para abastecimento de água como para disposição de esgotos.

É interessante notar que a incorporação dos conflitos levou a evolução da legislação. Porém, mesmo passando da negação à urbanização para a qualificação das áreas urbanizadas, não foi capaz de resolver por completo o

que tenta combater. Apesar de partir do conceito de ambiente como preservação da natureza para o conceito de ambiente como relações dos homens com os recursos naturais e demais seres vivos, não solucionam o conflito existente entre controle do uso do solo e preservação, entre a ecologia e a economia da produção do espaço urbano.

A historicidade da noção de ambiente apresentada aqui nos leva a concluir que em meados de 1970 o debate sobre conceitos de ambiente é norteado pela noção de escassez de recursos renováveis. Já em meados de 1980 e 1990 a noção é acrescida pela estrutura social desigual como fator da degradação do ambiente. É somente no fim do século XX que a noção ganha dimensão biológica, paisagística e urbanística. Aprofundada a dimensão social das aglomerações de população (1980-2000) chega-se [grifo meu]

“[...] em **aglomerações** de população e **atividades** humanas, constituídas por **fluxos** de energia e de informação para nutrição e biodiversidade; pela **percepção visual e atribuição de significado** às **conformações e configurações** da aglomeração; e pela **apropriação** e fruição (**utilização e ocupação**) do **espaço construído** e dos **recursos naturais**” (Moreira, 1997).

Em resumo, o solo urbano só tem valor ao se realizar como produto do trabalho humano. Nesta perspectiva, a condição de valorização é justamente por poder agregar vantagens concretas ao solo. Assim assistimos no Brasil ao processo de privatização das terras seguida da adoção de infra-estrutura (tais como a construção das grandes avenidas), acompanhada do processo de loteamento definindo condições diferenciadas de acessibilidade e gastos reduzidos.

Portanto, unindo a metodologia de estudos das configurações sociais no espaço de Suzana e Bógus à indicação conceitual do ambiente urbano de Moreira, temos pistas para a possibilidade de relacionarmos uma gama de indicadores que contribuam para o debate de qualidades do ambiente urbano

De acordo com Bartalini (2009), os Sistemas Viários, Hidroviários, de Transporte Público, de Abastecimento e etc. foram gradativamente, e em certo

grau, racionalizados e incorporados às legislações e planejamentos estratégicos ao longo das décadas do Século XX.

“Seria, no entanto, abusivo estender estas considerações para as chamadas áreas verdes ou, de um modo mais geral, para os espaços livres públicos, ao menos para a maioria das cidades brasileiras. Aqui eles nunca chegaram a formar um conjunto dotado de intencionalidade. Pode ter havido intenções nas partes, não no todo. Assim, cada praça, cada parque, cada área verde valem por si sós. Se há algum efeito de conjunto ele é casual, não foi preconcebido” (Bartalini, 2009 B).

O processo de adequação do espaço urbano aos novos contextos de acumulação promoveram mudanças tanto na gestão como nas legislações de proteção, uso do solo e conservação de remanescente de natureza.

“Formaram-se consórcios, criaram-se parcerias, alteraram-se regras, efetuaram-se desapropriações e demolições. [...] A racionalização das áreas verdes é nula ou inexistente] embora seja possível suspeitar onde estão as chaves para a sua compreensão: em última instância, na competição pelo espaço, que é arbitrada pelo preço da terra. Na cidade vista como mercadoria, o que não rende não vale a pena. Sob uma ótica estritamente econômica, também não vale a pena investir naquilo que não é essencial para a reprodução da força de trabalho. Espaços livres, áreas verdes para o desfrute desinteressado, raramente se colocaram entre as prioridades da maioria [...]” (Bartalini, 2009 B)

É importante observar que em nosso levantamento a distribuição espacial dos Parques não apresenta uma relação de “circuito” ou “mancha”. Estão fragmentados e pulverizados pelas diversas áreas da cidade, concorrendo com uma crescente demanda de espaço para usos urbanos. Disputam espaço de

forma desprivilegiada com áreas de moradia, indústrias, infra-estrutura, transporte, etc. As áreas de proteção ao redor das represas, da Serra do Mar e Serra da Mantiqueira tornam as regiões da zona sul e norte mais providas de áreas verdes e Parques, mesmo com a crescente ocupação e adensamento dessas áreas.

Notando as mudanças nas concepções legais de proteção de áreas verdes com a incorporação de questões de conflito ao longo das décadas de 1970 e 1990, percebemos que os *Parques Reserva* e *Parques* são espaços menos presentes na atualidade, cedendo espaço para a instalação de *Parques Temáticos*. Por isso, destacamos aqui dois (2) espaços da tipologia dos equipamentos de cultura e lazer emblemáticos dos tipos *Reservas* e *Temáticos*, respectivamente APA Capivari-Monos e Zoológico Municipal.

A APA (Área de Proteção Ambiental) Capivari-Monos foi durante a década de 1990 área de forte luta pela sua conservação, porém somente foi reconhecida como área de Proteção Ambiental pela Lei n° 9.985, de 18 de julho de 2000, cujo objetivo é disciplinar o processo de ocupação e dar sustentabilidade aos recursos naturais. Diferente de uma unidade de conservação, as APA's reconhecem tanto a necessidade de conservação ambiental quanto certo grau de ocupação humana. Ou seja, a sua criação por meio da promulgação da Lei é resultado do processo de enfrentamento do conflito entre abastecimento e qualidade da urbanização, como vimos anteriormente.

O Parque Zoológico de São Paulo ocupa uma área pública de São Paulo que tinha por objetivo preservar as nascentes do córrego Ipiranga. Foi criado em junho de 1957 e sua inauguração ocorreu em 16 de Março de 1958. Neste ano as entradas eram gratuitas, porém com a instituição da Fundação Parque Zoológico de São Paulo, em 1959, ingressos passaram a ser cobrados. Isto quando obtiveram autonomia administrativa e jurídica, bem como científica. É interessante notar que as águas que abastecem os lagos do parque são oriundas das nascentes do histórico riacho Ipiranga. Segundo a Fundação mantenedora seus objetivos são:

“Manter uma população de animais vivos de todas as faunas, para educação e recreação do público, bem como para pesquisas biológicas; Instalar em sua área de

abrangência uma Estação Biológica, para investigações de fauna da região e pesquisas correlatas; Proporcionar facilidades para o trabalho de pesquisadores nacionais e estrangeiros no domínio da Zoologia, no seu sentido mais amplo, por meio de acordos, contratos ou bolsas de estudo” (Fundação Parque Zoológico de São Paulo, 2010).

A visão que sustentou a criação do Zôo foi a do conservacionismo, porém, com o passar dos anos, somou-se aos seus trabalhos as atividades de recuperação de espécies brasileiras criticamente ameaçadas de desaparecimento e mais recentemente a noção de Educação e Gestão Ambiental. A mesma evolução das atividades do Zôo pode ser observada na legislação de proteção ambiental e na historicidade da visão de sustentabilidade.

Os *Parques Temáticos* induem os mais recentes equipamentos voltados à recreação. Vale ressaltar, no entanto, que seus projetos em São Paulo datam de 1936 com Mario de Andrade e desde então sofreram mudanças para adequar às necessidades de consumo e rentabilidade - o que observamos são as implantações de *Parque de Diversão* tais como “Parque da Mônica”.

Em 1936, os Parques Infantis tinham como foco atender as crianças filhos de operários, tanto para que seus pais pudessem trabalhar com “tranquilidade” (assistência) quanto para o desenvolvimento de habilidades, criatividade e sociabilidades. Ou seja, dentro do Departamento de Cultura eram compreendidos como instrumentos públicos de educação ampliada para além da escolarização.

“Os parques infantis criados por Mário de Andrade em 1935 podem ser considerados como a origem da rede de educação infantil paulistana (Faria 1995) – a primeira experiência brasileira pública municipal de educação (embora não-escolar) para crianças de famílias operárias que tiveram a oportunidade de brincar, de ser educadas e cuidadas, de conviver com a natureza, de movimentarem-se em grandes espaços (e não em salas de aula, [...]). Lá produziam cultura e conviviam com a diversidade da cultura

nacional, quando o cuidado e a educação não estavam antagonizados, e a educação, a assistência e a cultura estavam *macunaimicamente* integradas, no tríplice objetivo parqueano: educar, assistir e recrear” (Faria, 1999:61-62).

Neste sentido, os Parques Infantis idealizados em 1936 eram espaços coletivos de convívio entre crianças e adultos de diversas origens culturais voltados para o tempo do não-trabalho - o lazer entendido como direito e não como consumo. Espaços do lazer não compreendido como controle social e dominação, mas como possibilidade de criação de espaço lúdico, de convivência, e de onde poderá emergir uma cultura política brasileira, pois é uma forma de evitar a mecanização do trabalho. Deve-se notar que estes Parques Infantis se instalaram na região da Lapa e de Santo Amaro, onde hoje estão também presentes os parques temáticos, conforme nosso levantamento nos permite observar.

Já as recentes edificações dos Parques Temáticos são

“manifestações características da sociedade de consumo e do lazer contemporâneo, constituindo fenômeno recente na realidade brasileira, [...]. Descendentes dos *pleasure gardens* londrinos e das exposições universais, surgidos a partir de 1950, e mundialmente disseminados após os anos 60, introduzem elementos na paisagem sem considerar o diálogo com a mesma. [...] Verifica-se que estes parques são produtores de arquitetura suporte para cenários e geradores de imagens oníricas, a fim de permitir o encantamento dos usuários e o lucro das corporações internacionais, inclusive no Brasil. São capazes de atrair público bastante significativo, configurando-se como uma destinação turística” (Bertaso, 2001).

Os mapas dos Parques envolvem desde áreas verdes e áreas de reserva como Parques Infantis e de Diversão. Por isso, tratam da historicidade das noções de sustentabilidade e da noção de lazer. Atualmente tais formas concorrem, na esfera da ocupação, com vistas à rentabilidade. Por isso têm

suas naturezas alteradas, para dar conta do consumo ou perderem espaço na paisagem urbana. Assim, além de não comporem um “sistema” ou “circuito”, ainda são entendidos como “perda de tempo” e não como instrumentos de educação pública permanente.

Como vimos, os parques na cidade de São Paulo encontram-se dispersos no tecido urbano - equipamentos antigos da cidade e se configuram como áreas de uso restrito do solo e de lazer. São justamente seus tempos de existência e suas legislações específicas que permitiram seu espraiamento. Vale destacar os Parques Temáticos, que se concentram em áreas superiores. Os parques tradicionalmente consistem em equipamentos de lazer e, apesar de na atualidade ganharem peso e força como espaço para realização de atividades culturais de consumo global, ainda são voltados para esta noção.

A distribuição espacial dos parques é mais fragmentada e pulverizada no tecido urbano, porém percebemos algumas homogeneidades com relação às identidades históricas, tal como observado no caso dos Museus. Os parques temáticos se dividem em dois grupos: em áreas de densidade de camadas operárias quando vinculadas aos remanescentes de natureza ou a instituições de ensino e ,em áreas de concentração de camadas superiores quando nos moldes de parques de diversão.

Os parques reservas estão primordialmente nas regiões Norte e Sul, onde temos, respectivamente, a Serra da Mantiqueira e as represas e reservatórios de água, bem como a Serra do Mar.

Na região centro os parques são projetos constituídos à luz dos passeios parisienses do século XIX. Vale destacar que esses parques costumam estar localizados em terrenos compartilhados com Museus, tais como o Museu do Ipiranga e Parque da Luz. Ou seja, identificamos parques que focam a apreciação da natureza. Já regiões sul, norte, leste e oeste possuem os parques que focam a preservação de áreas verdes, atividades esportivas e de lazer. Merece destaque os parques nas áreas de Vila Mariana e região oeste (tais como Morumbi e Lapa), que apresentam propostas urbanísticas nos moldes do projeto arquitetônico do Parque Ibirapuera.

Assim, temos parques em áreas centrais com densidades polarizadas de camadas superiores, médias e populares, enquanto nas regiões mais periféricas, de maior concentração de camadas operárias e populares, temos propostas de parques voltadas para a preservação com desenvolvimento de

atividades esportivas e de lazer. Já nas regiões de concentração da elite intelectual identificamos parques nos moldes dos projetos modernistas que inclui espaços de cultura.

Figura 5 – Distribuição Espacial dos Parques - São Paulo, 2007

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

I.5. Historicidade e Tipologia dos Cinemas

O cinema como espaço do espetáculo, revelado no enfoque sobre as formas de freqüentação e de distinção social “(...) é uma prática datada e codificada” (Schwarzman; 2005). É justamente por compreender as variáveis sociais vinculadas às críticas cinematográficas que podemos compreender que também são codificadas e datadas as suas localizações e estruturas.

No Brasil, seu início popular é ponto de conflito de projetos, identificando aqui um projeto de elitização e nos EUA um projeto de massificação. De acordo com a autora, os críticos de cinema nos anos 20, representantes deste projeto elitista, reivindicavam a localização de salas de cinema em áreas privilegiadas ligadas às elites, inclusive determinando suas estruturas e programações. Schwarzman identifica nas crônicas da época uma multiplicidade de salas de cinema (Avenida, República, Paraíso, São Pedro, etc.), cada uma com a característica de seu público freqüentador. No centro Elites e classe média; nos bairros populares e nas fronteiras operários.

Ao tratar especificamente de São Paulo, Schwarzman (2005) percebe que no início da década de 1920 os espaços de cinema estavam mais distribuídos nos “galpões improvisados” dos bairros de migrantes e operários, mobilizando críticos a reivindicarem mais e maiores salas nas áreas de concentração da classe média e elite. Já por volta de 1925, observa aumento no número de salas nas áreas nobres e reformulação de seus espaços à luz dos ambientes das óperas, mas ainda sem abandonar sua base operária. De 1920 a 1930 persistem complementos artísticos dos programas principais.

A autora também aponta que o *Cinearte* critica os cinemas que se dedicam à exibição de filmes de conteúdo sexual velado sob o epíteto de Científicos, ainda que perceba que sua inclusão nos programas fosse uma estratégia de sobrevivência de certas salas. Com isto, Schwarzman (2005) conclui que, apesar do *Cinearte* ser representante significativo de uma visão elitista sobre as salas de cinema, que por sua vez define sua localização e sua freqüentação, o menosprezo pelo público popular os leva a não lhes interessar nem mesmo como consumidores. Verifica que, ao contrário dos americanos e sua produção de massa, não são capazes de perceber a sustentabilidade econômica do cinema de grande público. Representam, portanto, ‘cinema de prestígio’ voltado para as camadas urbanas superiores e escolarizadas que

não criam as bases para o cinema como negócio.

Também nos parece significativo para a presente análise a identificação das localizações das salas de cinema entre 1920 e 1930 na cidade de São Paulo. Isto nos permite identificar as diferenças com as atuais localizações, bem como com os remanescentes dessas edificações. Segundo a autora, até 1925 as grandes salas estavam em bairros operários, como Brás ou Barra Funda, com exceção do Cine República. Como “a localização das salas [...] demarca o lugar social do público” (Schwarzman, 2005:157) entendemos ser importante destacar da análise de Schwarzman a quantidade e a localização das salas. Com isto devemos destacar também o recorte temporário da autora. Assim chegamos a dois períodos: de 1920 a 1925 e de 1925 a 1930, pois a autora afirma que a partir de 1925 o cenário começa a mudar.

Em nossa leitura levantamos 12 salas de cinema mencionadas por Schwarzman a partir de suas leituras de crônicas e críticas até o ano de 1925. A maior porção aparece na região central, nas proximidades do Anhangabaú e Campos Elíseos.

Tabela 4 - Alguns Cinemas de 1925 da Cidade de São Paulo

A partir de Crônicas Cinematográfica até 1925 - Schwarzman (2005)	
Cinemas	Observações
Rua Domingos de Morais	Um deles é o Phénix
Av. Tiradentes	
Barra Funda	
Rua São Bento	Roma
Triângulo	
República	Preferido da “elite” paulistana
Santana	Preferido da “elite” paulistana
Avenida	
Central	
Av. São João	Paraíso - preferido de meninas bem educadas dos Campos Elíseos e os velhos que sabem ser velhos
São Pedro	Encravado na fronteira de dois bairros antagônicos
Total	12

Fonte: SCHVARZMAN, Sheila. *Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20* In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Unicamp, v. 25, nº 49, 2005.
Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

A análise de Schwarzman (2005) também nos possibilita traçar um paralelo com a lógica de reformulações das salas de cinema, na região da Rua Augusta e Avenida Paulista, ocorridas na década de 1990 - neste caso, porém, vinculadas ao movimento de mercados globais de consumo.

Os cinemas paulistanos em 1927 vivem um momento de transformação da exibição do período mudo. Esta transformação se dá também nas suas

localizações e estruturas. “[A indústria cinematográfica], nos anos 20, experimenta significativas mudanças. Francisco Serrador é quem toma à dianteira e corrige os defeitos apontados nas salas antes dirigidas por empresários italianos como Staffa e Pandolfi: desconforto, programas ruins (...), reprises.” (Schwarzman, 2005:161). Aponta também o descontentamento das elites com as orquestras que acompanhavam as exhibições, bem como o crescente desinteresse pela programação anterior aos espetáculos principais.

“Em sua origem como divertimento popular, o cinema era exibido em cafés-concerto ou circos, como parte de espetáculos de variedades. Era, preferivelmente, um divertimento masculino. Mais tarde, com a crescente autonomia das exhibições cinematográficas, antigos amazéns são adaptados. Trata-se de grandes salões localizados perto de regiões de concentração operária como o Brás e a Mooca, por exemplo. Com a Primeira Guerra Mundial, o advento do filme de longa metragem, a partir de Griffith, e o aburguesamento da frequência aos cinemas, novas salas, em bairros centrais, devem surgir para abrigar esse novo público” (Schwarzman, 2005:162).

Em São Paulo, existiam salas razoáveis no Centro, porém o processo de transformação e enobrecimento das salas se dá a partir de 1925. Havia 27 salas, oito delas no Centro, enquanto só no Brás havia seis, no Bom Retiro duas, na Mooca uma, no Cambuci uma e na Vila Mariana também uma sala; em bairros de classe média como Paraíso, Bela Vista e Santa Cecília havia apenas uma sala. “Portanto, pela localização das salas se pode perceber que o cinema era ainda em grande parte voltado aos bairros e ao público operário” (Schwarzman, 2005:163).

Em 1927 já são 35 salas, oito das quais no centro da cidade, sete no Brás, e uma em cada um destes bairros: Cambuci, Barra Funda, Liberdade, Vila Mariana e Perdizes. As mudanças e melhorias no nível das salas não implicaram no seu abandono pelo público mais pobre, e sim no aumento do público mais abastado.

Para a historicidade das salas de cinemas entre 1930 e 1990

encontramos uma dificuldade, pois a maioria dos estudos e artigos foca o desenvolvimento da produção cinematográfica em si. Com exceção da análise de Schvarzman (2005) e Gatti (2005), poucos são os estudos que apresentam a quantidade ou mesmo localização das salas de cinema. Assim, destacamos aqui parte desta história, por entendemos não ser o foco da pesquisa, mas possibilita sua contextualização.

No início dos anos de 1930 os cinemas brasileiros assistem ao aumento das salas de cinema, como já mencionamos, e é um período marcado pela transição do cinema mudo para o cinema falado. A dificuldade de inserção dos filmes de Hollywood no mercado brasileiro (pela deficiência de infraestrutura tecnológica das salas, bem como pelo problema da língua) leva a produção nacional a vivenciar uma valorização, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, devido ao custo de tais produções.

Ao longo da década de 1930, o foco das relações de produção cinematográficas é a superação destas deficiências das salas. Assim, as distribuidoras norteamericanas passam a realizar grandes investimentos nas tecnologias sonoras dos cinemas brasileiros. A adesão do público brasileiro aos filmes legendados supera expectativas. Já nos anos iniciais da década de 1940, aos poucos as produções norteamericanas lançadas superam às brasileiras.

Ao fim da década de 1940, a produção brasileira começa a focar temáticas nacionais com a infraestrutura e técnicas norteamericanas. Surge então a Vera Cruz, nos moldes hollywoodianos, por iniciativa de empresários paulistanos, como a família Matarazzo. Vale dizer que a Vera Cruz, apesar de lançar o primeiro filme brasileiro de reconhecimento internacional, não foi capaz de superar os problemas de distribuição, chegando à falência em meados da década de 1950.

A associação entre produção e exibição acontece neste mesmo período com a Atlântida Cinematográfica no Rio de Janeiro. A facilidade de exibição, os temas camavalescos, as sátiras de filmes americanos e a associação às personalidades do rádio, leva à divisão entre críticos e público, criando o termo “chanchada”, que em espanhol significa porcária. Mas esta fórmula também se esgota no final da década de 1950, e seus principais profissionais passam a associar-se à televisão. Ainda em 1950, a influência neo-realista italiana desloca o foco nas produções hollywoodianas, resgatando as temáticas

populares, e coloca a busca por um realismo brasileiro no centro do debate, o que levou a uma efervescência de intelectuais e estudantes, mas ainda insuficiente para a superação dos problemas de distribuição e do acesso ao grande público.

Já na década de 1960, jovens e intelectuais descobrem o cinema comprometido e engajado com a transformação do país. Surge o que chamamos de “cinema novo”, representado especialmente pela figura do diretor Glauber Rocha. Este realiza um cinema engajado e de baixo custo, cujo objetivo é a criação de uma “estética da fome” (Ramos, 1987).

Os cinemas foram, durante a década de 1960 até meados dos anos 1970, popularizados, existindo em diversos bairros da cidade. Porém, de um lado, carregados de exibições européias e americanas de grande escala, do outro, impregnados de conteúdo engajado de pequena escala. Nos anos mais críticos da ditadura militar a liberdade de expressão era pressionada pela censura, levando ao fechamento de muitas salas de cinema que não conseguem manter sua sustentabilidade. Por isso, durante a década de 1980, as produções cinematográficas brasileira vivem um ostracismo considerável, somados aos movimentos sociais emergentes, o que os levou a perda de espaços no tecido urbano. Surge neste período um volume de produções populares com cenas de sexo, mesmo que não explícito. Então o termo “chanchada” ganha outro significado, não mais exclusivamente como “classe B”, mas também como de conteúdo pomográfico.

A partir de 1990, a ênfase no consumo cultural cede espaço para os cinemas de entretenimento localizados dentro de shoppings. Ou ainda, assistimos às transformações das salas exclusivas de cinema, que tiveram seus espaços revitalizados ou transformados para aceitação de um público específico (eruditos e intelectuais seriam seus públicos-alvos). Essas salas concentram boa parte de suas programações em conteúdo estrangeiro, especialmente americano. No fim dos anos de 1990, a produção cinematográfica brasileira retoma sua capacidade de produção e difusão, porém ainda não capaz de superar a distribuição estrangeira. Outra questão importante é que atualmente as salas exclusivas são dependentes de patrocinadores privados, empresas não necessariamente vinculadas às produções cinematográficas. Ainda assim, a cada ano, os mesmos espaços trocam de patrocinadores, mudam seus nomes e seus ambientes sem alterar

seus endereços. Continuamente assistimos ao fechamento de salas exclusivas que não dão conta de sua sustentabilidade.

Em nosso mapeamento dos Cinemas percebemos que grande parte das salas exclusivas de cinema estão concentradas na região do centro e na porção sudoeste. Para além dessas áreas, o que observamos são salas de cinemas em shoppings, com exceção da região leste. Cabe ressaltar que, em nosso levantamento, notamos que a zona leste, mais especificamente na região de São Miguel Paulista, possui salas de cinema que não são em shoppings. Esta região se configura, assim, em um interessante lugar para uma análise mais aprofundada de suas especificidades, principalmente por esta particularidade não residir somente neste tipo de equipamento, mas em outros - como parques, casa de cultura e centros culturais (SESC e CEU's). Neste sentido, vale destacar que, conforme Villaça (2001), a zona leste se constitui em uma região própria e de certa maneira isolada do restante do tecido. Talvez isto explique a presença mais diversificada de equipamentos. Ou seja, seu relativo isolamento cedeu espaço para a instalação de uma rede de equipamentos que atendem as necessidades de sua população de forma menos dependente do restante do tecido, reduzindo o tempo de deslocamento.

As salas de Cinema exclusivas estão na porção centro-oeste (subprefeitura da Sé e nos distritos da Lapa, Pinheiros, Jardim Paulistano, Moema), área tradicionalmente de ocupação das classes superiores e médias. As salas de cinema não exclusivas em Shoppings também privilegiam a porção sudoeste, porém mais distantes do centro tradicional (distritos da Vila Sônia, Campo Limpo, Vila Mariana, Saúde, Tatuapé, Vila Prudente, Carrão, Santana e Barra Funda). Nessas últimas áreas observamos historicamente a concentração de classes operárias e populares.

Figura 6 – Distribuição Espacial dos Cinemas - São Paulo, 2007

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

I.6. Historicidade e Tipologia de Teatros

Os Teatros apresentam arquiteturas diversas, específicas a cada época. Por isso verificamos em São Paulo um cenário marcado tanto pelo teatro tradicional como pelo teatro de vanguarda. Assim, temos quatro (4) importantes instituições durante o século XX: o Teatro Municipal, o Teatro Brasileiro de Comédia, o Teatro de Arena e o Oficina. Refletem o movimento da dramaturgia brasileira que, partindo do realismo, chega à necessidade de nacionalização dos clássicos, para então chegar aos musicais que visam escapar de um desenvolvimento puramente estético (Patriota, 2005).

Assim, temos na cidade de São Paulo Teatros do início do século XX - a paisagem urbana marcada por espaços de espetáculo tais como o Teatro do Brás e o Teatro Municipal de São Paulo, inaugurado em 1911, que apresentavam luxuosas estruturas e acabamentos. Espelhados na Ópera de Paris, pretendiam trazer à cidade de São Paulo traços de uma cidade “moderna” e “respeitável”. Atendendo aos anseios de uma burguesia recém constituída pelo surgimento das indústrias e dos “barões do café”, promovia óperas e concertos. A distinção social se dava também pela vestimenta de seus freqüentadores, assim como por seus repertórios culturais, europeus ou norteamericanos. Nesta mesma época surge a Sociedade Brasileira dos Teatros. Constituída em 1917, deflagra a necessidade de reconhecimento dos direitos autorais de autores de peças teatrais, que até não possuíam um órgão de defesa, o que permite verificar a existência de um contexto de “amadorismo” das produções artísticas.

O Teatro Municipal abrigou as atividades da Semana Moderna de 1922. O teatro, que havia sido feito exclusivamente para a ópera, mostrou-se capaz de abrigar outros eventos artísticos. Porém, na década de 1950, assim como toda a área central da cidade, perde espaço, levando a diversas transformações sociais e culturais durante todo o século. Por isso, as apresentações do teatro ficaram voltadas apenas para um público muito seletivo e “erudito”.

A construção da elite brasileira se deu, em parte, pela adesão dos “filhos dos barões de café” e “filhos dos novos industriais” aos estudos nos países europeus. Junto com eles vieram princípios democratas-liberais e marxistas.

Por isso, em meados de 1930, o cenário teatral paulistano se encontrava dividido entre as tradicionais referências coloniais e as “atuais” referências democráticas-liberárias e marxistas. Neste período São Paulo assiste a uma efervescência cultural e artística, pois havia instalado a Universidade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e a Faculdade Independente de Sociologia. Dessa elite intelectual, herdeira de recursos financeiros oriundos das indústrias e exportadores cafeeiros, surgem fortes investimentos nos teatros amadores (Mattos, 2002).

Neste período é emblemática a inauguração do Teatro Brasileiro de Comédia. Instalado na região da Bela Vista em prédio alugado, cede espaço para a produção teatral amadora, e como consequência de seus grandes investimentos passa a profissionalizar a dramaturgia paulistana, com direito à repertórios e artistas de reconhecimento internacional. Ainda assim, vale destacar que abrigam as camadas da elite paulistana, tanto econômica quanto intelectual.

A Rádio Tupi, inaugurada em 1935, passa a atrair grande parte de atores, escritores, artistas e sonoplastas. Surge então as radionovelas, que baseadas no modelo dos folhetins de grande sucesso nos Jornais Impressos encontra uma forma brasileira de difusão e de produção artísticas e jornalísticas.

Assim, com a instalação do Teatro Brasileiro de Comédia, passam a surgir diversos grupos teatrais vinculados às universidades e movimentos estudantis. O processo que teve início em 1922 se concretiza nas figuras dos primeiros formandos da Escola de Arte Dramática. Surge então em 1958 o Teatro de Arena e Teatro Oficina. Esses teatros passam a trazer repertórios de contextos políticos, sociais e culturais brasileiros (Mattos, 2002).

Como verificado pela historicidade dos cinemas, as rádios tiveram importante papel na dramaturgia brasileira. Com as produções das radionovelas a todo vapor, os empresários vislumbram a adoção de tecnologias americanas para então em 1958 vermos surgir a TV Tupi Distribuidora, primeiro canal de televisão da América Latina que gradativamente incorporou às telenovelas as produções e elencos das rádios.

O Teatro de Arena rompe principalmente com o modelo Italiano de palco. Os artistas encenam em um palco localizado no centro e rodeado pelos espectadores. Desta ruptura nasce o espaço para a busca por imagens e significados brasileiros, que com o contexto das ditaduras ganha maior ênfase.

Esses espaços passaram a incorporar também produções musicais cujos objetivos eram os mesmos e tomar referências internacionais “traduzindo-as” para os contextos brasileiros. Além disso, é importante frisar a busca por personagens e narrativas brasileiras que são inaugurados com os Seminários de Dramaturgia, onde os atores liam peças, roteiros ou trechos de textos para uma platéia que participava ativamente do debate e, direta ou indiretamente, contribuía para a construção dessas referências “nacionais”.

“Sob esse aspecto, a união entre a canção de protesto e o teatro engajado permitiu a criação de novos caminhos estéticos. A elaboração do “sistema coringa” e a aproximação com as reflexões de Brecht sobre o “teatro épico”, entre outros procedimentos, permitiram que o Arena redimensionasse sua atuação artística e política. A escolha de “situações históricas”, para refletir sobre o tema da liberdade, propiciou a constituição de uma “identidade” entre palco e platéia, que se tornou um dos marcos da resistência artística à ditadura instaurada em 1964.” (Patriota, 2005:96).

No momento de efervescência cultural do teatro, a repressão militar e a censura foram extremas aos teatros, somando-se a este fato a concorrência com as superproduções cinematográficas estrangeiras. Assim, os teatros foram perdendo espaço. Neste sentido, o teatro ofertava o contato pessoal e a interação com o público, porém mesmo assim não era suficiente para superar as produções cinematográficas. Com o advento das Emissoras de Televisão aos poucos os teatros foram perdendo espaço. Atualmente observamos uma tentativa de retomada e ampliação do seu público, com a revitalização de Teatros antigos, instalação de novos teatros luxuosos, como a Sala São Paulo, e teatros mais populares, como Teatros em Shoppings.

Vale indicar também que os Teatros requerem edificações mais complexas para sua realização. A concentração na área central pode ser em parte explicada pelo custo relativamente mais reduzido do metro quadrado na nesta área comparativamente às áreas da Avenida Paulista e da Avenida das Nações Unidas. Portanto, podemos verificar que a concentração desses

equipamentos se dá não nas áreas onde estão fortemente presentes as classes superiores, apesar de se dirigirem às mesmas.

Por esta historicidade, os Teatros levantados e espacializados nesta análise apresentam um padrão de distribuição espacial diferenciado. Apesar de numericamente maior do que todos os outros equipamentos estão extremamente concentrados no centro antigo da cidade, nas regiões da Praça Roosevelt e na fronteira dos distritos Bela Vista e Consolação. De qualquer maneira, pode-se afirmar que estes se configuram em um “pedaço cultural”, na medida em que se restringe a um determinado grupo e orienta formas de sociabilidades determinadas, não atingindo em sua maioria grandes massas de público como a TV e o rádio foram capazes de fazer.

Nosso levantamento dos teatros identificou 17 (dezessete) equipamentos com espaços exclusivos no distrito República e 15 (quinze) no distrito Bela Vista. Percebemos que esses distritos concentram equipamentos representantes dos grupos teatrais amadores da década de 1930, das primeiras escolas de arte dramática da década de 1950, dos primeiros grupos teatrais profissionais e críticos das décadas de 1960 e 1970, até os mais recentes grupos experimentais. As regiões norte, oeste e sudeste apresentam a maioria dos teatros vinculados a personalidades das artes cênicas.

A região central, ao apresentar as vantagens do valor comparativamente mais reduzido do m^2 , e a representação da diversidade de períodos históricos do desenvolvimento do teatro brasileiro e paulistano, indica não somente sua localização concentrada no centro tradicional, mas a vantagem competitiva da aglomeração. Observamos a concentração nas áreas centrais com representação polarizada da estrutura de Classe, sendo expressiva a presença da elite intelectual, do trabalhador do comércio e serviços, bem como de trabalhadores da sobrevivência.

Já os teatros em Hotéis e Shoppings estão principalmente nas regiões oeste e centro (nos distritos de Pinheiros, Jardim Paulistano, Consolação, Bela Vista e República), especialmente na região do entorno da Avenida Paulista. Já os teatros em Universidades e escolas estão principalmente nas áreas tradicionalmente da elite intelectual, ou seja, no centro (distritos da Consolação e Bela Vista), na zona oeste (distritos de Pinheiros, Alto de Pinheiros e Perdizes) e na zona sudeste (distrito da Vila Mariana).

Figura 7 – Distribuição Espacial dos Teatros - São Paulo, 2007

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

I.7. Historicidade e Tipologia de Espaços Multiculturais

Os equipamentos Multiculturais têm no capital cultural sua definição. São espaços de usos diversos, tanto com relação ao perfil de seus usuários, como com as identidades, natureza das atividades, apropriações e experimentações nas áreas artísticas e culturais. São essas qualidades que motivam seus frequentadores. É justamente por esta característica específica que os chamei de Espaços Multiculturais.

As Casas e Institutos Culturais, como mencionado anteriormente, buscam a valorização de produções culturais específicas a determinados grupos sociais. Assim, possuem relação direta com a noção de patrimônio, admitida em meados dos anos de 1970. Guardam e tornam públicas produções culturais de etnias específicas (Britânica, Francesa, Japonesa e etc.) bem como de figuras emblemáticas da história da produção artística e cultural do país (Mário de Andrade, Oswald de Andrade e etc.). Ou ainda, como no Instituto Itaú Cultural, inaugurado em 1987, é reconhecido pelo seu acervo digital.

O projeto Centro Cultural São Paulo, populamente conhecido como Centro Cultural Vergueiro, que visitamos hoje, é resultado de diversas alterações na sua concepção inicial em 1970. O projeto surge no período em que estão em curso reformulações urbanas, especialmente das vias de transporte. Era parte do processo de urbanização das áreas do entorno da Rua Vergueiro e Avenida 23 de Maio, resultantes das desapropriações para construção do metrô. É interessante notar que já na época as estratégias de valorização focavam a instalação de equipamentos de cultura, lazer, shoppings, hotéis e etc. Do plano antigo restou somente a construção da biblioteca pública. Para isso, foi aberta em 1976 a concorrência pública e as obras tiveram início em 1978. Porém, em 1979, o projeto foi adaptado

“ao de um centro cultural multidisciplinar nos moldes dos que estavam surgindo no mundo todo como o Georges Pompidou, fundado em 1977 na cidade de Paris (França). [...] Ficou decidido, então, que o centro cultural contaria com cinema, teatro, espaço para recitais e concertos, ateliês e

áreas de exposições. Os arquitetos Eurico Prado Lopes e Luiz Telles continuaram à frente do projeto” (CCSP, 2010).

A lei de criação do Centro Cultural São Paulo, Lei nº 9467, promulgada em seis de maio de 1982, estabelecia como atribuições nos campos das criações culturais e artísticas: reunir, organizar, conservar, promover, incentivar, documentar, desenvolver pesquisas, incentivar a participação da comunidade e acesso simultâneo a diferentes formas de cultura.

O Centro Cultural São Paulo, em sua página da internet, aponta que “em 1982, São Paulo possuía aproximadamente 8,5 milhões de habitantes, **grande parte deles espalhada pela periferia [grifo meu]**. A intenção do centro cultural que nascia era a de agregar essa população heterogênea, fornecendo um espaço em que todos tivessem acesso aos mais variados gêneros culturais” (CCSP, 2010). Contudo, deve-se observar que, apesar de próximo aos acessos de importantes vias de conexão ao centro tradicional e das linhas de metrô, é ainda longe das periferias. No entanto, devemos reconhecer não só a novidade da multidisciplinaridade que inaugura como sua condição de importante ator no acesso das camadas inferiores na hierarquia social aos bens artísticos e culturais durante esses anos, desde sua fundação. Garantiu o manutenção e acesso às bibliotecas e acervos, aos espetáculos de dança, teatro, música, espaços de apresentação de eventos comunitários, de estudos e pesquisas nas áreas artísticas e culturais, exposições de gravuras, fotográfica, artefatos, etc. Sua limitação reside na sua existência como projeto relativamente isolado no tecido e focado, portanto, nas centralidades. São essas limitações que os projetos SESC e CEU pretendem enfrentar, tanto pela quantidade (espraçamento) como de sua localização (periferias).

Por isso destacamos, dentre os Espaços Multiculturais, as mais recentes edificações que visam ultrapassar a noção de “exclusão” de recursos em regiões mais periféricas da cidade. Para tanto foram separados os projetos “SESC” e “CEU” das Casas de Cultura, dos Institutos Culturais e Centros Culturais, pois estes dois projetos propõem localizarem-se em regiões desprovidas de infra-estrutura cultural.

O Serviço Social do Comércio é mantido por tributos federais incidentes sobre os salários pagos pelos estabelecimentos de comércio e serviços, que são entregues à administração dos empresários do comércio de bens e

serviços. Presentes, atualmente, em todas as capitais do País, tanto em cidade de grande porte como nas de médio e pequeno porte. Destaca-se pelo atendimento à população de baixas rendas e escolaridade. “Em muitas delas, é a única alternativa da população para serviços de educação, saúde, cultura, lazer e assistência” (SESC, 2006).

Possui um amplo leque de ofertas à comunidade em geral, a saber:

“Creche, Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Pré-vestibular, Medicina Preventiva e de Apoio, Odontologia, Nutrição, Cinema, Teatro, Música, Artes Plásticas, Dança, Artesanato, Biblioteca, Esporte, Ação Comunitária e Assistência Especializada (...) compõem o amplo leque de serviços que o SESC oferece aos trabalhadores do comércio de bens e serviços e à comunidade em geral” (SESC, 2006).

Foi em 1946 que este projeto teve início, tendo como expressão máxima a aprovação da Carta da Paz Social pelo então Presidente Eurico Gaspar Dutra, através do “Decreto-Lei nº 9.853, que autorizava a Confederação Nacional do Comércio a criar o Serviço Social do Comércio – SESC” (SESC, 2006).

Um olhar sobre as diretrizes de Ação do SESC nos permite destacar alguns valores. De início observamos uma clara visão de sua função social, na medida em que destaca o valor fundamental do estado, apesar de não retirar sua participação enquanto agente multiplicador. A compreensão sobre o papel social das atividades culturais é definidora da sua qualificação enquanto equipamento diferenciado de produção cultural. Além desses, destacamos os seguintes princípios:

“Condições essenciais para o desenvolvimento sustentado são a autonomia, a capacidade de autodeterminação e a vontade decidida de assumir responsabilidades de todos os cidadãos. (...) No campo da cultura, a ação social pode ir além da atenção ao indivíduo, às suas necessidades e ao aperfeiçoamento pessoal e

contribuir, mais amplamente, para a transformação da sociedade” (SESC, 2006).

Outro valor observado é a definição do público-alvo, modo fator fundador de um modelo de gestão institucional, também presente nas atividades ofertadas pela mesma. Em momentos variados, os conceitos de consumidor e de capital cultural são evidenciados.

“Por outro lado, há que considerar a heterogeneidade de situações e de recursos da clientela a ser atendida. (...) Esse fato exige a reformulação de antigos parâmetros que relacionavam a reivindicação por atividades culturais e de lazer a níveis sociais e econômicos mais elevados” (SESC, 2006).

Suas finalidades se caracterizam como contribuição para a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores e como ações pró-ativas para o desenvolvimento econômico e social. Assim, tem por objetivos:

“1- fortalecer, através da ação educativa, propositiva e transformadora, a capacidade dos indivíduos de buscarem, eles mesmos, a melhoria de suas condições de vida; 2- oferecer serviços que possam contribuir para o bem-estar de sua clientela e melhoria de sua qualidade de vida” (SESC, 2006).

A orientação se manifesta na escolha dos espaços de atuação: as unidades físicas, a comunidade e seu desempenho “enquanto agente de transformação e de progresso cultural” (SESC, 2006). Acredita-se que, ao contribuir efetivamente com a formação sociocultural, possibilita o desenvolvimento integral dos indivíduos. Outra preocupação que torna estes equipamentos atrativos é a garantia da qualidade e do baixo custo, ampliando o conceito acessibilidade.

“As principais condições que devem ser atendidas: oferta de serviços qualificados a preços acessíveis, desburocratização do atendimento e localização adequada das unidades operacionais” (SESC, 2006).

Vale indicar que apesar de a Carta da Paz Social ter sido aprovada em 1946, somente nos anos de 1990 é que os equipamentos SESC são construídos e consolidados. Até hoje, muitos ainda se encontram em construção. Além disso, é importante destacamos a opção por espaços degradados de antigas áreas ou vilas operárias. Surge também como reação ao movimento do capital que levou ao abandono de galpões e outras edificações.

Pude observar em campo as unidades do Belenzinho, Pompéia, Consolação, Pinheiros, Vila Mariana, Itaquera. Tive a oportunidade de trabalhar no SESC como monitora e como educadora, respectivamente no ano de 2001 e 2004. Além desta experiência mais direta, conheço o espaço como usuária de seus serviços, tais como cursos de curta duração, esportes (com o uso das piscinas), apresentações musicais, espetáculos, etc. Durante este convívio, o que pude notar é que, de fato, todo e qualquer usuário é acolhido com o mesmo padrão de atendimento, independente de sua faixa etária e de sua aparência, incluindo nestes a população em situação de rua. A biblioteca, os teatros e anfiteatros, a lanchonete e todo o espaço aberto são ocupados por atividades culturais ou de lazer. Cada unidade possui sua particularidade. Por exemplo, no caso do Belenzinho, sua especificidade são os espetáculos teatrais de grande qualidade artística, enquanto a unidade Itaquera, por possuir terreno mais amplo, possibilita atividades de lazer e esporte com mais qualidade, dada sua estrutura de ginásios e amplas áreas verdes. Foi interessante notar que públicos diversos acabam por definir-se, ou possuírem relativa unidade, conforme o período do dia e da semana que utilizam o equipamento, além do tipo de programa que procuram dentro do mesmo.

“A área de manifestações artístico-culturais é considerada pelo SESC como contexto dos mais expressivos para a elevação dos indivíduos aos patamares superiores da condição humana. Para que tal compreensão

se efetive é necessário, entretanto, que a Entidade amplie seus esforços no sentido de criar condições que possibilitem à produção artístico-cultural se tornar um real instrumento de transformação dos indivíduos e da sociedade” (SESC, 2006).

Com relação aos Centros de Educação Unificada (CEU's), sabemos que são equipamentos inaugurados durante o mandato da Prefeita Marta Suplicy (PT) e fazem parte de um projeto de inclusão social, através do qual cada comunidade pode usar gratuitamente as instalações desportivas e culturais da escola local. Estes centros educativos oferecem, gratuitamente, refeição, material escolar e uniforme, tendo em contrapartida a frequência das aulas.

“Os complexos educacionais incluem creche, Escola de Educação Infantil, Escola de Ensino Fundamental, playground, centro comunitário, teatro, cinema, biblioteca, quadras de esportes, piscinas, vestiários, ateliês, estúdios para oficinas de vídeo, TV, rádio e fotografia, telecentro, pista de skate e área verde, os CEUs oferecem educação, esporte, cultura, lazer e aulas de informática em um mesmo local” (Secretaria Municipal da Educação, 2006).

Segundo a Secretaria Municipal de Educação, a concepção do projeto atende três objetivos específicos: desenvolvimento integral das crianças e dos jovens; pólo de desenvolvimento da comunidade; pólo de inovação de experiências educacionais

Durante o ano de 2004, tive a oportunidade de produzir um evento de intercâmbio cultural entre jovens socialmente vulneráveis de Berlim (Alemanha) e São Paulo. Neste evento, as oficinas foram ministradas em oito CEU's da cidade, ainda durante o mandato de Marta Suplicy. Foi interessante observar o padrão da edificação e seu relativo isolamento na paisagem periférica. Porém, ao mesmo tempo, representava uma nova presença do poder público.

“Cada unidade conta com um conselho gestor formado por membros do CEU, das escolas do entorno e da comunidade.

(...) Nos finais de semana, as unidades atendem a toda a comunidade, para competições esportivas e apresentações artísticas. A medida visa à inserção da família nos espaços, o que colabora na formação do aluno e na convivência social” (Secretaria Municipal da Educação, 2006).

Os funcionários eram responsáveis pela organização da agenda cultural. Esta descentralização permitiu diversos usos deste equipamento. Os moradores das periferias tinham nestes locais a liberdade de desenvolver atividades de motivação e apropriação específicas e diversas. As rádios comunitárias mantinham, nestas edificações, diálogos diretos, abertos e continuados. O resultado inicial desses equipamentos foi o “destacamento” de lideranças locais, através de atividades organizadas pelos jovens, com participação de seus familiares (adultos, idosos e crianças). Porém o público não se restringia aos moradores da região ou localidade. Um projeto que aparenta atingir seus objetivos é inovador dentro do estado, pois revela princípios de participação política e desenvolvimento da educação através da ampliação de repertórios culturais.

Neste sentido, ao longo dos últimos anos observamos uma relativa alteração no uso desses espaços pela redução do Quadro, sucateamento dos equipamentos tecnológicos e do Programa da Família, que auxiliava a ocupação nos fins-de-semana de forma institucional e subsidiada. Contudo permanecem ainda como espaços privilegiados de difusão cultural nas periferias. Além disso, levaram ao surgimento de outros equipamentos e pequenos comércios no entorno da edificação, bem como a instalação de infraestrutura urbana, tais como água encanada, luz elétrica e asfalto. Ou seja, permaneceram como referências territoriais nas periferias, apesar da alteração de seu uso.

Neste tocante podemos afirmar a efetividade de seus projetos, pois atingem este objetivo e resultado, uma vez que de fato estão localizados nas periferias, apesar de também presentes na região do centro expandido - opção de localização do restante dos equipamentos.

Os Centros Culturais estão nas regiões onde desde 1930 até 1960 tínhamos maiores densidades de classes operárias, especialmente nos distritos de Itaim Bibi, Lapa, Bela Vista, Liberdade, Bom Retiro e Tatuapé. Já as Casas,

Institutos e Oficinas Culturais estão principalmente no centro tradicional, mas também são identificados nas regiões a oeste, nos distritos de Pinheiros, Jardim Paulista; a sudeste nos distritos Vila Mariana, Itaquera, Belém, Água Rasa e Jabaquara, bem como a leste em Itaquera e São Miguel. A grande maioria foca personalidades históricas e manifestações populares específicas de cada região. Na Vila Mariana, por exemplo, encontramos presença de temáticas da migração; já em Belém, Jabaquara e Água Rasa identificamos instituições vinculadas às figuras mais tradicionais de colonizadores a representantes das camadas populares, como Mazzaropi. Esses equipamentos datam da mesma época em que o patrimônio cultural passa a incorporar a valorização de tradições populares. Nos anos de 1980, tais espaços são transformados em espaços de proteção e defesa de identidades culturais locais, específicas, que vão de acervos pessoais a acervos corporativos. As mais recentes edificações estão na região oeste, sendo as construções centrais edificações mais antigas.

Portanto, no centro tradicional identificamos a presença de cada um dos tipos de equipamentos multiculturais, exatamente onde observamos grande concentração de camadas sociais polarizadas entre superiores, médias, operárias e populares. Já nas regiões de concentração de camadas superiores e médias observamos Casas, Oficinas e Institutos Culturais, bem como os SESC's. Nas regiões periféricas ao sul, norte, oeste e leste da cidade, onde temos concentração de camadas operárias e populares, temos a presença dos projetos SESC's e CEU's. Destaque para a região de São Miguel Paulista e Itaquera, onde identificamos, para além desses projetos a Casa de Cultura de São Miguel e a Casa de Cultura Raul Seixas.

Figura 8 – Distribuição Espacial dos Espaços Multiculturais - São Paulo, 2007

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. “Guia da Folha” do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

I.8. Historicidade e Tipologia dos Espaços de Eventos

Uma vez identificado o padrão de localização conforme os “públicos-alvo”, que marcou as décadas de 1990 e 2000, observamos no mapa das localizações de espaços destinados a eventos - como feiras e convenções - que estes seguem a lógica da especulação imobiliária. A sua localização está intimamente ligada ao contexto de seu surgimento, sendo este o da flexibilização, fragmentação e globalização do sistema produtivo. Seus terrenos devem ser amplos e arquitetonicamente simples, seu “público-alvo” - o setor produtivo industrial - faz relevante a sua escolha por localizar-se seguindo as marginais, especificamente Pinheiros e Nações Unidas (Av. Antonio Carlos Berrini). Destaca-se que este tipo de equipamento não existe em áreas populares e operárias populares.

“Há, por fim, a noção de circuito. Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial [...]. A noção de circuito também designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos [...], porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contigüidade, como ocorre na mancha ou no pedaço. Mas tem, igualmente, existência objetiva e observável: pode ser levantado, descrito e localizado.” (Magnani, 2002)

Neste sentido, a localização dos Espaços de Eventos trata-se de um “circuito” que atende às necessidades de difusão das produções, tanto industriais como de serviços especializados, ofertando tecnologias de ponta.

As Casas de Show, apesar de ofertarem outro tipo de “produto cultural”, foram mapeadas junto aos Espaços de Eventos, pois são equipamentos que surgem como exclusivos a espetáculos musicais. Foram pensados para atender tanto espetáculos de teatro, dança e música como para servir a eventos, como festas empresarias ou casamentos de público restrito. São, portanto, espaços primordialmente privados, com foco no lucro e no consumo.

Misturam em seus ambientes atividades de “bares” e “discotecas”. Desta forma, incorporam circuitos internacionais de música, dança e etc. Suas bilheterias, mesmo com patrocinadores importantes, foram ao longo dos últimos 20 anos ficando cada vez mais caros.

Assim sendo, as Casas de Show, agregando o conceito de casas noturnas ao integrarem um mercado de consumo global, com foco na rentabilidade dos espetáculos que acolhem, estão localizadas na porção sudoeste da cidade, apresentando padrões semelhantes de escolha das suas localizações com os Espaços de Eventos.

A ênfase nesses espaços surge especialmente nos anos 1980, com os movimentos musicais de “bandas de garagem” espalhados nos *Pubs* ingleses. Porém esses espaços foram aos poucos fechando e ganhando estruturas técnicas especializadas, além de infra-estrutura de alta tecnologia. Assim, dentro do nosso levantamento, a Casa de Show Olympia ainda existia, e era a mais antigas dessas edificações. As outras construções edilícias levantadas para este fim escolhem as regiões das Nações Unidas, nos bairros da Vila Olímpia e Brooklin, hoje região foco de investimentos do capital globais, ou ainda, conhecidos como as novas centralidades especializadas. Por isso, podem também serem entendidos como espaços privilegiados adotados pelas estratégias de valorização imobiliária dessas regiões ocorridas no final dos anos 90 e início dos anos de 2000.

Em nosso levantamento, percebemos que os Espaços de Eventos estão onde concentram as ações de valorização turística, uma vez que apresentam maior vínculo com as atividades do capital cultural global. Interessante notar que também representam maiores lucros, por isso pode buscar localizações em áreas de maior valor relativo do m². Ou seja, para além das Marginais com seus terrenos amplos e de fácil acesso dos produtores industriais, temos as áreas onde estão em curso operações urbanas consorciadas, tais como Avenida Faria Lima, Avenida dos Bandeirantes e Avenida. Antônio Carlos Berrini. Assim, aparentam relação com os pontos de valorização turística e estão nas áreas de maior concentração de estratos sociais superiores e médios.

Figura 9 – Distribuição Espacial dos Espaços de Eventos - São Paulo, 2007

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

CAPÍTULO II

Tipologia de Áreas por Equipamentos de Cultura e Lazer e Categorias Sociocupacionais

A discussão sobre conceitos como segregação, desigualdade, pobreza e exclusão vem ocupando posições de destaque na reflexão de pesquisadores no campo dos estudos urbanos. Tal reflexão se deslocou por pressupostos teóricos múltiplos: pela sociologia da Escola de Chicago nas três primeiras décadas do século XX, pela sociologia urbana marxista nos anos 1960 e 1970, pela abordagem foucaultiana nos anos 1980 e, posteriormente, em torno do paradigma das cidades globais (Bógus, 1998). De acordo com este último as metrópoles seriam marcadas por uma dualidade espacial e social, fruto de uma economia capitalista dominada pela globalização financeira.

Segundo Villaça (2001) a segregação vem sendo entendida de diversas maneiras. Ele destaca a definição de Castells, que “em um primeiro sentido se entenderá por segregação urbana a tendência à organização do espaço em zonas de forte homogeneidade social interna e de forte disparidade social entre elas, entendendo-se essa disparidade não só em termos de diferença como também de hierarquia” (Villaça, 2001:148). A diferença e a hierarquia sustentaram a criação da tipologia tanto de equipamentos como de áreas homogêneas. Além disso, a segregação é em essência uma questão de classes, pois “a segregação é um processo segundo o qual diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes *regiões gerais* ou *conjuntos de bairros* da metrópole” (Villaça, 2001:142).

É importante também indicar que Villaça percebe nos estudos sobre segregação duas tônicas: uma incide no mecanismo de defesa e outra na busca por prestígio e status. Por isso estamos compreendendo os padrões de espacialização dos equipamentos como resposta a uma governança urbana e uma paisagem urbana específicas de um período histórico.

“O exemplo clássico da macrosegregação analisado pela quase totalidade dos estudos é a organização espacial

segundo centro e periferia [...]. Essa organização, note-se, se dá de acordo com *círculos concêntricos*. A análise da estrutura espacial intra-urbana segundo *setores de círculo*, [...]. Esse padrão de segregação aparece com enorme importância e potencial explicativo e revela a natureza profunda da segregação. **A segregação é um processo necessário à dominação social, econômica e política por meio do espaço** [grifo meu]" (Villaça, 2001:150)

Outra importante contribuição de Villaça (2001 e 2004) é a definição de centro como local de dominação por meio do espaço que favorece controle nos tempos de deslocamento. Este fator da segregação será desenvolvido no próximo capítulo, quando observamos o gradiente de concentração dos equipamentos de cultura e lazer.

Ainda temos em Harvey (1973) outra importante compreensão da esfera da segregação, na medida em que este relaciona a localidade com a possibilidade de melhores empregos. A segregação favorece os rendimentos e evidencia a dominação. O mesmo conceito é observado na análise de Ribeiro e Lago (2000), que identificam este processo como "efeito vizinhança". Por isso, as categorias sociocupacionais nos parecem fundamental na análise das localizações dos equipamentos de cultura e lazer, pois permite entender este favorecimento do rendimento e esta lógica da dominação.

II.1. Segregação e Categorias Sociocupacionais

A Cidade de São Paulo constitui-se baseada em uma lógica segregadora desde o início do século XX. A emergência de uma economia industrial é fator crucial para o entendimento histórico dessa lógica. Desde os anos 40, tem-se observado no Brasil um aumento significativo da população urbana. No caso brasileiro houve atração da população pelos empregos gerados pelas indústrias nas áreas urbanas.

Na década de 1960, o Estatuto da Terra (Lei 4.504, de 30 de novembro de 1964), que estabelecia como metas a reforma agrária e o desenvolvimento da agricultura, contudo em contexto de ditadura, de fato objetivava apaziguar o conflito que se organizava nas áreas rurais. Assim, motivou os proprietários rurais a reverem suas relações com meeiros e parceiros, resultando em expulsão da população rural. O censo educacional realizado em 1965, no ano seguinte da promulgação de Estatuto da Terra, demonstrava a migração de consideráveis contingentes da população rural para áreas urbanas.

O fenômeno que marcou os anos 70 foi a intensa metropolização dos municípios vizinhos à capital, e a interiorização da Indústria até cerca de 100 Km de São Paulo, graças ao financiamento público da desconcentração da produção industrial. É o caso das regiões de Campinas, Vale do Paraíba, Sorocaba e Santos, no Estado de São Paulo. As cidades de porte médios, não metropolitanas, conhecem então um significativo dinamismo econômico, através, inclusive, de políticas de atração de investimentos, passando a exercer forte atração em termos demográficos, em virtude da geração de empregos e da qualidade de vida superior às áreas metropolitanas (Bógus e Pasternak, 2009).

A partir dos anos 80, porém, a situação começa a mudar. Observamos a crise do modo de produção fordista-keynesiano, a parada do crescimento do mercado interno, a não absorção de mão-de-obra e, portanto, o desemprego. A reestruturação produtiva em curso no período se deu nas indústrias de produtos de exportação.

Nos anos 90, ocorreu uma reorganização do sistema produtivo – pela terceirização e pela inovação - isto para torná-lo mais competitivo em termos internacionais. Observamos a abertura de mercados financeiros e de consumo, a adoção de modelo *Just-in-time* em praticamente toda a cadeia produtiva e a participação de empresas estrangeiras na cadeia dos processos produtivos. Entretanto, apesar de observada a intensificação dos movimentos pendulares, a mobilidade espacial não tem sido sinônima de mobilidade social, ou de melhores condições de vida. Neste mesmo período, observa-se um agravamento da espacialização da pobreza. As possibilidades de inserção de indivíduos pobres no espaço das cidades e nas áreas metropolitanas tornam-se, também, mais limitadas. As periferias cada vez mais tornam-se o lugar dos excluídos dos setores dinâmicos da economia.

No caso da Região Metropolitana de São Paulo, as áreas de periferia constituem-se, ao longo das décadas, em áreas “especializadas” de zonas industriais e comerciais e de cidades dormitórios. Cabe ressaltar que as “periferias” possuem uma diversidade de características, que vão de Zonas de Interesse Social a pequenos bolsões de pobreza, bairros cujo horizonte é ocupado por favelas e população ocupada em atividades informais de serviços não especializados e pequenos comércios. Ainda municípios inteiros não apresentam estrutura de cidade, apesar de densamente ocupados por moradias irregulares, sendo seus moradores engajados em atividades de sobrevivência - atividades essas desenvolvidas dentro da própria comunidade. Temos também municípios e regiões periféricas densamente ocupadas por atividades produtivas específicas, dando sentido ao conceito de “aglomeração”. Além disso, como aponta Whitaker Ferreira (2007) e Villaça (2001 e 2004), o poder público tem agido segundo lógicas neoliberais, levando ao deslocamento das atividades e serviços públicos conforme deslocamento das elites e camadas superiores da hierarquia, tais como a mudança da sede do IBGE do centro tradicional para a região do Itaim Bibi. Segundo os autores, o poder público não possui “clientes específicos”, e neste sentido não precisaria seguir o deslocamento dos estratos superiores. Mas, contudo, o que observamos é uma atuação estatal que acaba por reafirmar os espaços segregados ao seguir a lógica da valorização e especulação imobiliárias. Isso tem levado a uma distribuição desigual dos investimentos em infra-estrutura e serviços públicos, provocando um agravamento da precariedade e da violência nas áreas mais pobres.

Como ressalva Eduardo César Marques

“As evidências apresentadas [...] indicam a existência de grande heterogeneidade nas redes de indivíduos em situação de pobreza, embora de forma geral elas sejam menores, mais locais e menos variadas em termos de sociabilidade do que as redes de indivíduos de classe média. [...] A observação da mobilização das redes pelos indivíduos, no entanto, sugere que por trás da heterogeneidade do fenômeno se escondem importantes

regularidades associadas à operação de mecanismos sociais.” (Marques, 2010:17).

Atualmente, na maior parte das metrópoles latino-americanas, observa-se a pobreza e a segregação caminhando juntas, levando a uma superposição de carências. Ao lado da precariedade das condições de vida e da degradação ambiental, observamos a degradação dos laços de sociabilidade (Bógus, 1986). O agravamento da situação de precariedade nos parece também expressa na distribuição da população em situação de rua, posto que a sua concentração e presença no território possibilita indicar uma rota em direção ao centro e um vínculo de sobrevivência justamente nas áreas de maior presença de categorias superiores - pela presença de riqueza, especialmente dos resíduos.

Os estudos de segregação residencial nos possibilitam compreender a historicidade das especificidades da segregação. Neste sentido, cabe começarmos com o entendimento do contexto das políticas habitacionais. A questão da habitação em São Paulo possui diversas vertentes de discussão. Aqui, para fins de contextualização histórica introdutória, vamos apenas apontar alguns aspectos relevantes, tais como a ausência de uma política pública clara neste setor e conseqüentemente as principais mudanças nas formas de segregação.

As políticas públicas de habitação no Brasil são estratégias de emprego e não propriamente de habitação popular. Assim, podemos destacar três períodos ou políticas sumariamente bem descritas por Francisco de Oliveira (2004). Segundo o autor:

“Saiu então o BHN, que se dividia em duas vertentes. A primeira, alimentada pela caderneta de poupança, deu no mercado de habitação para as vastas classes médias. Foi aí que começou a se testar o novo ritmo da construção civil. [...] A segunda solução, popular, deu nas COHAB, nas companhias de habitação da vida que o regime estimulou por todos os estados e municípios... A experiência do BNH acabou... E a solução popular continuou ocorrendo por essas companhias de habitação” (Oliveira, 2004).

Depois ele segue apontando que, após o período militar, a problemática da habitação foi retirada da agenda política ressaltando que, recentemente, as ações de habitação popular por mutirão ganham maiores destaques, como alternativa quase exclusiva, e retomam a tradição popular. Mas analisa que tais formas não podem se universalizar, pois estão focadas em critérios de desigualdade, como o do desemprego. Por isso levam, assim como a autoconstrução, ao rebaixamento do custo da produção habitacional, que por sua vez gera o rebaixamento de salários mínimos aprofundando, portanto, o nível da contradição.

Teresa Caldeira (2001), analisando as regras que organizam o espaço urbano - os padrões sociais de ocupação do solo urbano - coloca que, “ao longo do século XX, a segregação social teve pelo menos três formas diferentes de expressão no espaço urbano de São Paulo” (Caldeira, 2000). No início do século até os anos 40, a cidade era concentrada e os distintos grupos sociais se comprimiam numa área pequena e densa, separados pelos tipos de moradia. Para a autora, a segunda forma, a centro-periferia, teria dominado o desenvolvimento urbano entre 1940 e 1980 e atualmente uma terceira forma estaria se configurando, gerando espaços onde os diferentes grupos sociais estão cada vez mais próximos, mas separados por muros e tecnologias de segurança, tendendo a não interagir, embora próximos.

Na medida em que os condomínios fechados se popularizam e passam a ser construídos dentro da trama urbana, os condomínios deixam de ser locais de residência de grupos sociais de alta renda e com valorizada qualidade de vida. A venda desse tipo de habitação a grupos sociais de renda média é facilitada pelo preço do metro quadrado e pelo apelo à segurança (Bógus e Pastemak, 2009). Em contrapartida, temos a constituição das periferias, cujos alicerces estão na habitação, tendo como base a autoconstrução. Neste sentido vale ressaltar que, como coloca Francisco de Oliveira:

“[...] a autoconstrução era estranhamente um mecanismo quase de acumulação primitiva por parte do Capital. Quer dizer, a casa não se transforma em capital, a casa construída desta forma não é capital. O capital se transfere

por via do rebaixamento do custo da força de trabalho [...]" (Oliveira, 2004).

Quanto à questão da "segurança", se no caso das favelas o poder público encontra-se ausente em virtude da existência de outra autoridade, já nos condomínios fechados essa ausência deve-se à existência de segurança privada, encarregada da guarda e vigilância dos moradores. Um último aspecto a ser lembrado diz respeito aos novos padrões de sociabilidade, que se manifestam nos condomínios e que são marcados pela negação do outro e do diverso. Tal esquema de segurança não inibe, entretanto, as condutas que se manifestam intramuros, expressando as irracionalidades presentes num sistema de moradia supostamente harmônico.

A busca por enclaves sociais segregados e murados, neste sentido, pretende à compreensão e configuração do espaço público, que aos poucos é abandonado, e em detrimento deste dedicam suas atividades às áreas de uso comum a um determinado grupo homogêneo e específico. A concentração dos equipamentos reforça este tipo de governança. O "mito" da especificidade decorre de uma ideologia do medo e do abandono do outro, onde se faz do "Amigo próximo o distante, faz-se da vida uma aventura errante, faz-se de triste o que se fez amante, e de sozinho o que se fez contente" (Moraes, 1971).

Diante deste cenário, nos parece importante destacar aqui alguns dos resultados obtidos pelo Observatório das Metrópoles. O Observatório das Metrópoles é um grupo que funciona em rede, reunindo pesquisadores de instituições dos campos universitário, governamental e não-governamental. As equipes reunidas vêm trabalhando sobre 11 metrópoles e uma aglomeração urbana - Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia, Recife, Salvador, Natal, Fortaleza, Belém e a aglomeração urbana de Maringá - identificando as tendências convergentes e divergentes entre as metrópoles, geradas pelos efeitos das transformações econômicas, sociais, institucionais e tecnológicas em vigor no país nos últimos 20 anos. A metodologia aplicada nas suas pesquisas foi desenvolvida em 1990, pelo grupo de pesquisadores do Observatório das Metrópoles, tendo como modelo a Escola de Chicago. O estudo observou no tecido urbano do município de São Paulo um padrão de expansão.

Os seus trabalhos partem dos conjuntos de mudanças em curso na Região Metropolitana de São Paulo, com foco nas variáveis demográficas, cujo objetivo está em compreender suas características, espacialização e sua contribuição para a consolidação dos padrões de desigualdade socioespacial, observados nas últimas décadas. No período 1980-1991-2000 a pesquisa observou, com base em variáveis demográficas, que o tecido urbano se encontra coberto por infra-estrutura. Porém constatam que esta cobertura não representa igual qualidade de serviço e não significou alteração das desigualdades e do padrão de segregação.

A unidade de informação utilizada foi a área de expansão demográfica (AEDS) agrupada às informações da população ocupada. Com o uso de análises fatoriais, trabalharam os dados censitários através de análises fatoriais, onde a população ocupada foi agregada e distribuída pelas áreas homogêneas. As áreas homogêneas, conforme a sua configuração interna, foram subdivididas em Clusters e distribuídas espacialmente de forma distinta em cada um dos períodos estudados. Por fim, identificaram que as Regiões do município de São Paulo, entre 1991-2000, apresentaram mudança na composição das categorias sociocupacionais. Assim, a análise comparativa da tipologia de áreas entre 1991-2000 percebeu as mudanças e alterações nessas composições espaciais das Categorias Sociocupacionais.

Os resultados obtidos foram a identificação de quatro conjuntos de processos de transformação no perfil das áreas, pela composição interna das categorias sociocupacionais (Bógus e Pasternak, 2009). Desta forma, identificaram que em parte do território - distritos de Parque do Carmo, José Bonifácio, Itaquera, Jardim Helena, Brasilândia, Mandaqui, Parelheiros, Vila Medeiros, Ipiranga, Vila Prudente, Sacomã e Jaguaré - ocorreu uma perda de áreas agrícolas, deixando a área mais popular, bem como perda de operários, deixando a área menos proletária. Essas mudanças ocorrem com aumento das elites e do proletariado terciário, assim como com o aumento dos trabalhadores da sobrevivência.

Em outra parte, representada pelos distritos de Iguatemi, São Rafael, Cidade Tiradentes, São Miguel, Cidade Líder, Cangaíba, Ipiranga, Jaguaré, Anhanguera, Perus, Perdizes, Limão, Vila Leopoldina, Bom Retiro, Raposo Tavares, Guaianases, Grajaú e Marsilac, observaram ganhos de elite, proletário terciário e forte ganho de trabalhadores da sobrevivência. Além

disso, observaram perdas das categorias de pequena burguesia, categorias médias e do proletariado secundário. Ou seja, trata-se de um conjunto de áreas que se tornam mais populares, terceirizadas e com algum aumento de elite. Portanto, polarizadas e terceirizadas.

As áreas dos distritos de Iguatemi, Belém, Mooca, Brás, Aricanduva, Santo Amaro, Alto de Pinheiros, Barra Funda e Santana, revelaram mudança na elite dirigente, com perda de grandes empregadores e perda no proletariado secundário, mas ao mesmo tempo ganho de dirigentes do setor público, de elite intelectual e forte ganho em algumas das camadas médias. Também se observou a manutenção dos trabalhadores da sobrevivência. Por isso indicam que a tendência geral nessas áreas foi de expansão de camadas médias e de elite intelectual, ou seja, tendência a tornarem-se mais médias.

As porções dos distritos de Consolação, Bela Vista, Jardim Paulista, Pinheiros, Butantã, Morumbi, Itaim Bibi, Campo Belo, Cursino e Vila Mariana, representaram um ganho de elite intelectual, de pequena burguesia. Os estudos também observaram perdas nas camadas das elites dirigentes, populares, prestadores de serviços não especializados e trabalhadores domésticos. Ou seja, notou-se que essas áreas perderam elite dirigente e, segundo essas autoras, “acompanhando o que aconteceu na metrópole, onde ela foi para setores da periferia geográfica, [carregando com ela...] as categorias de trabalhadores domésticos” (Bógus e Pasternak, 2009).

O que é interessante notar aqui é que, entre 1991-2000, a cidade de São Paulo abrigou processos de transformação de áreas, onde essas passaram a ser mais médias, polarizadas, terceirizadas e ainda mais populares e menos superiores. Como os estudos sobre segregação e pobreza

“mostraram melhoras substanciais na provisão de serviços para os mais pobres, ao menos em média, mas [...] apesar disso, grandes desigualdades persistem, e a pobreza mostra uma dimensão territorial, levando a circuitos socialmente negativos de cumulatividade associados à concentração territorial da pobreza. [...] Já sabemos que proximidade espacial não significa necessariamente conexão social ou mesmo sentimento de comunidade” (Marques, 2010).

É justamente no interior dessas questões de transformação de áreas, de dispersão das atividades produtivas e infra-estrutura urbana que buscamos compreender a permanência de padrões desiguais na provisão de equipamentos de lazer e cultura. A introdução das categorias sociocupacionais à análise dos padrões de espacialização dos equipamentos é vislumbrada por remeter a idéia de que processos sociais, quando associados aos padrões de relação, parecem operar a produção e reprodução da pobreza (Marques, 2010).

Segundo Marques (2010), tentar conectar as redes sociais ao capital social pode “auxiliar na produção de identidades, na promoção de sensação de pertencimento, [e etc., bem como...] tem conseqüências sobre a integração social, a redução do isolamento de grupos sociais específicos e a construção de padrões de sociabilidade”. Seriam então estes elementos importantes para a compreensão da reprodução da pobreza e desigualdade social que assistimos. A busca por uma tipologia de áreas que inclua os equipamentos de cultura e lazer e as categorias sociocupacionais visa conectar redes sociais e capital social, compreendendo circuitos de distinção social, que servem de mecanismos de manutenção de antigas hegemonias por intermédio do espaço.

Figura 10 – Distribuição Espacial de Tipologia de Áreas Homogêneas por Distribuição das Categorias Sociocupacionais, Região Metropolitana de São Paulo, 1991 e 2000.

Fonte: IBGE, 1991 e 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: BÓGUS, Lucia M. M. PASTERNAK, Suzana (orgs.). **Como Anda São Paulo**. Rio de Janeiro: Letra Capital/ Observatório das Metrópoles, 2009.

II.2. Construção de Tipologias de Áreas: Equipamentos de Cultura e Lazer, Áreas Segregadas e Categorias Sociocupacionais

O foco desta análise é compreender as homogeneidades e heterogeneidades da distribuição dos equipamentos de cultura e lazer e suas relações com as categorias sociocupacionais (CAT's) da população residente, ocupada em 2000. A utilização das categorias sociocupacionais toma como base a metodologia de pesquisa do Observatório das Metrópoles de São Paulo (Instituto do Milênio/ PUC SP/FAU USP). Conforme esta metodologia⁹, as 24 categorias são uma síntese da Classificação Brasileira das Ocupações (CBO), hierarquizadas com base na renda e escolaridade exigida pelas ocupações específicas. Ainda dentro da mesma metodologia, as Categorias Sociocupacionais, foram então resumidas em oito (8) famílias de categorias. A aplicação desta metodologia tem como base a possibilidade de cruzamento das informações da localização dos equipamentos com a população residente nessas áreas. Para a realização desta análise, por correspondência binária, foram destacadas da totalidade as AED's onde se localizam as estruturas físicas de cultura e lazer, ou seja, as áreas que possuem equipamentos de cultura e lazer levantados durante a pesquisa. Portanto a análise que se segue tem como universo apenas as áreas de expansão domiciliares dotadas de equipamentos.

Tentamos identificar padrões de distribuição dos equipamentos pelo tecido urbano - estes padrões se configuram em grupos de áreas homogêneas (CLUSTERS). A análise fatorial possibilitou a criação de cinco grupos de áreas. Em seguida definimos as características dos grupos de áreas homogêneas formados, que se configuram em uma tipologia sociocupacional e cultural de áreas homogêneas no município de São Paulo.

⁹ Ver detalhamento das categorias sociocupacionais em anexo III.

Figura 11 – Distribuição Espacial das Áreas Homogêneas por Categorias Sociocupacionais, 2000 e Equipamentos de Cultura e Lazer, 2007, com Áreas de Favelas, 2000 - São Paulo.

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

De forma geral, dentro do total de 398 equipamentos mapeados em 2007¹⁰, 20,85% são teatros, 17,09% são cinemas e 16,33% são espaços multiculturais. As áreas (AED's) que possuem pontos concentram 968.508 residentes ocupados em 2000; sendo 30,80% Categorias Médias (Ocupações de Escritório, Ocupações de Supervisão e Ocupações Técnicas), 16,93% Proletários Secundários (Trabalhadores da Indústria Tradicional e Operários dos Serviços Auxiliares), 14,09% Trabalhadores da Sobrevivência (Prestadores de Serviços Não Especializados, Ambulantes, Catadores e Trabalhadores Domésticos) e 12,39% Proletários Terciários (Trabalhadores do Comércio e Prestadores de Serviços Especializados).

Neste sentido, vale destacar que podemos observar a forte presença de Categorias Médias em todas as áreas com equipamentos de cultura e lazer. Além disso, é importante destacar que os Espaços de Eventos são exclusivos das áreas de tipo Superiores, Médias e Polarizadas. Também é interessante notar que as Construções Históricas, Parques e Espaços Multiculturais são os equipamentos mais distribuídos (difundidos) dentre os grupos de áreas.

Cluster 1 – Áreas do Tipo Polarizadas

Possui 96 equipamentos de cultura e lazer, concentrando no cluster 38,55% do total de Teatros e 21,54% do total de Espaços Multiculturais. Os Teatros representam 33,33% do cluster, sendo sua densidade igual a 1,6. Observando as categorias sociocupacionais, essas áreas apresentam 23,89% do total de residentes ocupados, sendo que estão presentes 30,24% do total das Categorias Médias. As maiores densidades nessas áreas são de Elite Intelectual (1,14), Proletário Terciário (1,14) e Pequena Burguesia (1,00). Os Proletários Terciários representam 27,33% do total do cluster, destaque para as densidades dos trabalhadores do comércio (1,19) e prestadores de serviços especializados (1,09). A Elite Intelectual representa 27,34% do total do cluster, destacando os Profissionais Estatutários com densidades 1,52. As Categorias Médias representam 23,45% do cluster, porém sua densidade é 0,98. Neste sentido destacamos as densidades das Ocupações de Supervisão (1,23), ocupações técnicas (1,23) e ocupações médias de saúde e educação (1,21).

¹⁰ As tabelas e gráficos que subsidiaram a construção da tipologia de área estão no anexo I e II, incluindo a listagem completa dos equipamentos (mesmo os não mapeados, porém analisados no capítulo I).

Concluímos, portanto, tanto em termos de proporção como em densidade, que a maioria do cluster está representada pelas categorias dos Proletários Terciários e Elite Intelectual, sendo observada a forte presença de Teatros.

Cluster 2 – Áreas do Tipo Médias

Possui também 96 equipamentos, sendo 34,78% do total de Espaços de Eventos. Os Teatros representam 21,88% do cluster, com densidade 1,05, e os Cinemas 17,71% do cluster, com densidade 1,04. Os Museus apresentaram densidade 1,00. Já os Espaços de Eventos apresentam a maior densidade, sendo de 1,44. O cluster concentra 191.346 residentes ocupados, ou seja, 19,76% do total de residentes ocupados, sendo destacado que 23,42% do total das Categorias Médias estão nestas áreas. A Elite Intelectual representa 15,53% do cluster, destacando os Professores Estatutários de Nível Superior. As Categorias Médias representam 36,51%, com densidade 1,19. As maiores densidade de Categorias Médias foram: Ocupações de Escritório, de Supervisão e Técnicas. Os Proletários Terciários representam 17,68% do cluster, apresentando densidade 1,21, destacando os Trabalhadores do Comércio. O cluster também apresentou densidades de 1,13 para Elite Intelectual e 1,06 para a Pequena Burguesia. Ou seja, o cluster possui grande e forte presença de Categorias Médias, apesar de também presentes os Professores Estatutários de Nível Superior, Pequenos Empregadores e Trabalhadores do Comércio e Prestadores de Serviços Especializados (Elite Intelectual, Pequena Burguesia e Proletário Terceirizado). Aqui observamos uma maior diversidade de equipamentos de cultura e lazer, destacando primeiramente os Espaços de Eventos, seguidos então dos Teatros, Cinemas e Museus.

Cluster 3 – Áreas do Tipo Superior

Possui 135 equipamentos de cultura e lazer, representando 33,92% do total de equipamentos levantados. Observamos também que do total do cluster 23,70% são Cinemas, 20,00% são Teatros e 17,78% são Museus. Vale indicar que 47,83% dos Espaços de Eventos estão nessas áreas e 47,06% dos Cinemas também. Assim temos, nessas áreas, densidade de 1,41 dos Espaços de Eventos e densidade de 1,39 de Cinemas e 1,22 de Museus. Observando as categorias sociocupacionais, tais áreas apresentam 26,92% do total de

residentes ocupados, sendo que estão presentes 59,47% do total da Elite Dirigente, 41,53% do total da Pequena Burguesia e 34,13% do total de Elite Intelectual. Além disso, estão presentes 27,10% do total das Categorias Médias e 27,67% do total dos Proletários Terciários. As maiores densidades nessas áreas são de Elite Dirigente (2,21), Elite Intelectual (1,27) e Pequena Burguesia (1,54). A Elite Dirigente representa 13,54% do Cluster, porém sua densidade é de 2,21. Assim, destacamos as densidades dos Grandes Empregadores (2,16), Dirigentes Públicos (2,00) e Dirigentes Privados (2,26). As Categorias Médias representam 31,01% do cluster, com densidade de 1,01. Neste sentido destacamos as densidades das Ocupações de Escritório (1,01), Artistas e Similares (1,56) e Ocupações de Supervisão (1,06). A Elite Intelectual representa 17,42% do cluster, destacando os profissionais Empregados de Nível Superior (densidade 1,82) e Professores de Nível Superior (densidade 1,83). Concluimos, portanto, que a maioria do cluster está representada pelas categorias das Elites Dirigentes, Elite Intelectual e Pequena Burguesia, apesar de presentes também as Categorias Médias. Foram observadas nessas áreas a forte presença de Espaços de Eventos, Cinemas e Museus. Devemos destacar que este cluster concentra o maior número e diversidade de equipamentos de lazer e cultura.

Cluster 4 – Áreas do Tipo Popular

Possui 46 equipamentos de cultura e lazer, representando 11,56% do total de equipamentos levantados. Observamos também que do total do cluster 23,91% são Construções Históricas, 26,09% são Espaços Multiculturais e 21,74% são Parques. Assim temos, nessas áreas, densidade de 2,11 de Construções Históricas, 1,60 de Espaços Multiculturais e 1,55 de Parques. Olhando para a distribuição das categorias sociocupacionais, tais áreas apresentam 14,44% do total de residentes ocupados, sendo que estão presentes 26,32% dos Proletários Secundários, 22,28% dos Trabalhadores da Sobrevivência e 23,21% do total dos Agricultores. As maiores densidades nessas áreas são de Proletário Secundário (1,82), Trabalhadores da Sobrevivência (1,54) e Agricultores (1,61). O Proletário Secundário representa 30,85% do Cluster, seguido dos Trabalhadores da Sobrevivência (21,75% do Cluster). As Categorias Médias, apesar de representarem 27,37% do cluster, possuem densidade de 0,89. Assim, destacamos as densidades dos

Trabalhadores Domésticos (2,18), Ambulantes e Catadores (1,60), Prestadores de Serviços Não Especializados (1,12). Além disso, destacamos as densidades dos Trabalhadores da Indústria Moderna (1,88), Operários dos Serviços Auxiliares (1,90) e Operários da Construção Civil (1,57). De forma resumida, notamos que essas áreas concentram, em sua maioria, os Proletários Secundários, Trabalhadores da Sobrevivência e Agricultores. Foram observadas uma grande presença de Construções Históricas, Espaços Multiculturais e Parques.

Cluster 5 – Áreas do Tipo Operário Popular

Possuem 25 equipamentos de cultura e lazer, representando 6,28% do total de equipamentos levantados, a menor proporção dentre todos os clusters. Observamos também que do total do cluster 48% são Espaços Multiculturais e 20% são Parques. Desta forma temos em tais áreas densidade de 2,94 de Espaços Multiculturais e 1,42 de Parques. Focando na distribuição das categorias sociocupacionais, percebemos que essas áreas apresentam 15% do total dos residentes ocupados em 2000, sendo 27,84% do total dos Proletários Secundários, 21,44% do total de Trabalhadores da Sobrevivência e 17,99% do total dos Proletários Terciários. As maiores densidades observadas nessas áreas são de 1,91 de Proletários Secundários, 1,35 de Proletários Terciários, 1,25 de Trabalhadores da Sobrevivência e 1,14 de Agricultores. O Proletário Secundário representa 31,42% do Cluster, seguido de Trabalhadores da Sobrevivência (20,15% do cluster) e Proletários Terciários (14,87% do cluster). As Categorias Médias, apesar de representarem 27,10% do cluster, possuem densidade de 0,88. Por fim, destacamos as densidades dos Trabalhadores da Indústria Tradicional (1,97), Trabalhadores Domésticos (1,94), Operários da Construção Civil (1,94), Operários de Serviços Auxiliares (1,79) e Trabalhadores da Indústria Moderna (1,74). Destacamos também as densidades dos Trabalhadores do Comércio (1,25), Prestadores de Serviços Especializados (1,15), Prestadores de Serviços Não especializados (1,19) e Ambulantes e Catadores (1,32). Resumidamente temos, nessas áreas, forte presença de Proletários Secundários e Terciários, bem como de Trabalhadores da Sobrevivência e Agricultores. Além disso, observamos a concentração dos Espaços Multiculturais e Parques.

Cluster 6 – Áreas de Tipo Precarizadas

São áreas desligadas do tecido urbano central, marcadas pela paisagem de favelas, e não apresentaram a existência de equipamentos culturais. Vale ressaltar que estas áreas não foram incluídas na análise fatorial, evitando a distorção dos grupos de áreas homogêneas.

Como podemos ver no mapa da tipologia de áreas, a maior diversidade e a concentração dos equipamentos estão nas áreas superiores e médias, com forte presença de Elite Dirigente, Elite Intelectual, Pequena Burguesia, Categorias Médias e Proletários Terciários. Já as áreas Populares e Operárias Populares apresentaram a presença de Construções Históricas, Espaços Multiculturais e Parques, com concentrações das categorias Proletários Secundários, Trabalhadores da Sobrevivência e Agricultores.

As áreas Superiores estão localizadas de forma parcial ou total nos distritos da Bela Vista, Consolação, Pinheiros, Alto de Pinheiros, Jardim Paulistano, Itaim Bibi, Moema, Vila Mariana, Saúde, Santo Amaro, Vila Sônia, Vila Andrade, Butantã, Morumbi, Vila Leopoldina, Lapa e Perdizes - ou seja, na porção oeste e sudoeste.

As áreas Médias estão distribuídas pelos setores presentes nos distritos de Bom Retiro, Barra Funda, Lapa, Pinheiros Consolação, República, Liberdade, Mooca, Pari, Belém, Ipiranga, Água Rasa, Tatuapé, Carrão, Vila Guilherme, Santana, Tremembé, Cursino, Saúde, Vila Sônia, Vila Andrade e Campo Belo. São, portanto, fragmentadas na zona oeste e sudeste junto às áreas Superiores e Polarizadas.

As áreas Operárias Populares estão dentro de parte dos distritos de Itaim Paulista, Vila Curuçá, São Miguel, Lajeado, Vila Jacuí, Cangaíba, Cidade Líder, São Mateus, São Rafael, Sapopemba, Vila Prudente, Jaguaré, Pedreira, Cidade Dutra, Jardim São Luis, Jardim Ângela e Campo Limpo. Neste sentido, estão fragmentadas nas extremidades das zonas sul, leste, norte e oeste. Apesar de próximas às áreas Populares estão em menor número.

As áreas Populares estão presentes nos distritos de Vila Curuçá, Itaquera, Parque do Camo, Penha, Tucuruvi, Perus, Pirituba, Jaraguá, São Domingos, Jaguará, Raposo Tavares, Vila Sônia, São Luis, Cidade Dutra, Grajaú, Campo grande, Sacomã e Sé. Assim como nas áreas Operárias

Populares, estão próximas dessas e, portanto, nas extremidades (exceção para a Sé).

As áreas Polarizadas estão normalmente próximas às áreas Médias ou Superiores, mas também às áreas Populares, sugerindo que esta polarização é resultado de áreas de transição. Assim, localizam-se mais nas extremidades, nas regiões dos distritos de Mandaqui, Tucuruvi, Jaçanã, Santana, Vila Guilherme, Belém, Brás, Cambuci, Ipiranga, Tatuapé, Vila Formosa, Água Rasa, Iguatemi, Jabaquara, Santo Amaro, Campo Grande, Socorro, Cidade Dutra, Campo Limpo, Jaguaré, São Domingos, Pirituba, Lapa, Consolação, Bela Vista, República e Santa Cecília. Por fim, concluímos que estão localizadas de forma mais fragmentada, presentes nas zonas sul, centro-sudeste, leste e norte.

A elaboração de tipologia de áreas que relaciona equipamentos de cultura e lazer com áreas segregadas e com categorias ocupacionais permitiu perceber as nuances que somente o mapeamento do rendimento médio pelos setores censitários não permitiu. No capítulo I, quando mapeamos a distribuição dos equipamentos e cruzamos com o mapeamento da renda média dos domicílios permanentes, percebemos que os “anéis” de renda não correspondiam ao gradiente de concentração dos equipamentos. Assim sugerimos que a escolha pela localização está mais fortemente relacionada aos estratos e redes sociais do que à renda. Ou seja, a explicação está mais fortemente relacionada à estrutura de classe. Neste sentido, as categorias sociocupacionais possibilitam esta aproximação com os atributos sociais no espaço. Por isso, ao optar por excluir as áreas sem pontos de lazer e cultura da análise das categorias sociocupacionais, tivemos como absorver esses padrões, pois sabemos que todas as áreas apresentam presença de todas as categorias, porém sua significância é relativa, bem como suas densidades. Com a exclusão das áreas sem pontos aumentamos a representatividade das distribuições das categorias nas áreas com presença de equipamentos. Esta análise levou a sugestão da existência de uma diversidade de centralidades, questão que aprofundaremos a seguir.

CAPÍTULO III

As Centralidades dos Equipamentos de Cultura e Lazer

Vimos que, tanto pela redistribuição produtiva do capital global como pela indústria cultural global, os centros urbanos são foco da localização dos equipamentos de cultura e lazer. Portanto, faz-se necessária a compreensão do conceito de centralidade. Para tal, nos parece pertinente a concepção de Villaça (2001 e 2004).

Segundo o autor, o centro é o centro de alguma coisa, por isso é resultado de uma relação dialética de dois processos conjugados de criação do ponto e do círculo em torno deste. Por isso, hipoteticamente, duas possibilidades surgem, ambas buscando otimizar o deslocamento. Uma seria pela aglomeração de pontos não autônomos e isolados, onde existirá um que torna ótimo o deslocamento, e então neste ponto passarão a existir instituições de interesse comuns. O aumento da complexidade da ocupação e do deslocamento amplia o número de instituições, o que leva à disputa social do mesmo, pois a disputa pela localização define e aperfeiçoa a acessibilidade. A outra se dá quando a existência do ponto de interesse de atividades comuns antecede a concentração da ocupação, tornando o ponto então em centro. A disputa se dá pela definição de formas de ocupação. Por isso, conclui que o ponto torna-se centro se e quando realmente uma cidade se constitui em torno dele e o definir como centro (lojas, serviços e etc.). O centro é a concentração de serviços e comércios, bem como instituições públicas ou de interesse público (político, econômico, religioso, etc.).

As suas análises das transformações do Centro de São Paulo ajudam à compreensão da espacialização da distribuição, diversidade e concentração dos equipamentos de cultura e lazer na cidade de São Paulo no início do século XXI. Como veremos a seguir, constata um deslocamento das elites e de suas centralidades.

A partir do século XIX, o centro estava restrito ao quadrante que vai do Pátio do Colégio, a Estação da Luz, Duque de Caxias e a Praça da Bandeira. Quando começa o crescimento da cidade ainda há relativa “mistura” de classes

e a Rua 15 de Novembro torna-se espinha dorsal, como um centro do centro. Então, as classes altas passam a crescer sentido Anhangabaú e as classes médias sentido Tamanduateí.

No final do século, as classes altas continuam expandindo no quadrante sudoeste, ocupando a região de Campos Elíseos, depois Higienópolis e depois a Avenida Paulista. Neste período o centro “popular” era o centro do Brás. Assim, a Rua Direita passa a ser a centralidade, na medida em que o Viaduto do Chá otimiza a ligação da região de Higienópolis ao centro. Observa o apogeu do Centro definido por equipamentos raros ou escassos, que servem a cidade inteira. Enquanto centro do centro passam a não apresentar presença de residências.

Em 1940 o centro é remodelado para evitar a saída das elites, porém a região da Consolação atraiu os serviços. Dessa forma, o crescimento do centro se dá na porção oeste. Neste momento atinge sua maior extensão, definindo perímetros como Avenida Ipiranga e São João, com concentração de cinemas (Cinelândia Paulista), a Rua Santa Ifigênia com o começo da concentração de atividades de prostituição, bem como o cruzamento da Rua Ipiranga e Barão de Itapetininga com a concentração de comércios e profissionais liberais.

A partir de 1950 começa o abandono de comércios e serviços voltados para alta renda na região do centro. Este processo de “saída” das elites do centro levou à ocupação pelas camadas populares tornando-o “popular”. O “centro tradicional” sofre processo de “deterioração” e, portanto, também de seu entorno, como Brás e Pari, que começam a ser ocupados por classes de baixa renda, bem como Campos Elíseos e Liberdade. Já Santa Cecília e Vila Buarque não sofrem tanto. Ainda conforme Villaça (2004), a razão deste deslocamento está na aproximação das desigualdades entre classes. Assim, as elites minoritárias procuram setores onde possa exercer maior força sobre o poder público mantendo a concentração de renda.

Surge então em sua análise o conceito de *Economia da Aglomeração*. A concentração de ofertas se dá, pois uma aproveita a atração da outra, ou seja, há vantagem na aglomeração para atrair mais facilmente a clientela. Na lógica do mercado o equipamento vai para onde está a sua freguesia. Mas o poder público não precisaria seguir esta mesma lógica, na medida em que não possui freguesia. Porém, em São Paulo, o poder público segue o mesmo deslocamento.

Segundo Villaça (2001 e 2004), a densidade da elite é minoritária, por isso a desigualdade de renda se dá por setores e não em círculos concêntricos. Assim, a constatação anterior, de que a concentração dos equipamentos segue o deslocamento das classes superiores, pode ser também observada na distribuição espacial do Tipo de Áreas Homogêneas por categorias sociocupacionais e equipamentos de cultura e lazer. A elite minoritária concentra-se na porção sudoeste, em partes das subprefeituras da Lapa (nos distritos da Vila Leopoldina, Lapa e Perdizes), subprefeitura de Pinheiros, nos distritos de Butantã e Morumbi, em parte da Subprefeitura da Sé (distritos da Consolação e Bela Vista) e nos distritos de Moema e Vila Mariana. Já as categorias médias, elites intelectuais e proletários terciários ocupam especialmente as áreas do “antigo centro” e adjacências (subprefeitura Sé, Mooca, Santana e Vila Mariana).

Figura 12 – Gradiente de Concentração dos Equipamentos de Cultura e Lazer na Cidade de São Paulo, em 2007.

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. “Guia da Folha” do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

“[...] Numa determinada mancha sabe-se que tipo de pessoas ou serviços se vai encontrar, mas não quais, e é esta a expectativa que funciona como motivação para seus freqüentadores” (Magnani, 2002). No mapeamento do gradiente de concentração dos pontos de equipamentos de lazer e cultura, em 2007, observamos a existência de um conjunto de setores que concentram os equipamentos de cultura e lazer. Acreditamos termos identificado sete setores centrais. São estes, representados pelos seguintes distritos:

1. Vila Prudente, Mooca, Água Rasa, Tatuapé e Belém
2. Santana, Vila Guilherme, parte do Bom Retiro e Pari
3. Lapa, Barra Funda e Perdizes
4. Santo Amaro e parte sul do distrito do Itaim Bibi
5. Morumbi, Butantã e Alto de Pinheiros
6. Pinheiros, porção norte do Itaim Bibi, Vila Mariana e Moema.
7. Jardim Paulista, Bela Vista, Consolação, Santa Cecília, Bom Retiro, Sé, República, Brás e Liberdade.

Os setores 1, 2, e 4 concentram categorias Médias, Elite Intelectual, Proletários Terciários, principalmente áreas Polarizadas e Médias. Por isso parecem sugerir a existência de um centro popular. Já os setores 6, 5 e 3 concentram principalmente as categorias Elite Dirigente, Elite Intelectual e Pequena Burguesia, constituídos por áreas Superiores e Médias. Neste sentido, acreditamos tratar-se de centralidades superiores. A particularidade reside no setor 7, área do centro antigo, onde temos a maior concentração de equipamentos e forte presença das categorias Trabalhadores da Sobrevivência, Proletários Terciários e Secundários, bem como Elite Intelectual e Categorias Médias. Dentro desta lógica, está representado pelas áreas Médias, Polarizadas e Populares, sugerindo então uma centralidade da centralidade, ou seja, “centro polarizado”.

III.1. Das Centralidades à Segregação Cultural

“Para Marx, o conceito de ideologia está evidentemente atrelado ao da luta de classes e da divisão social do trabalho. No nosso caso, acreditamos que tal visão de ideologia se aplica ao urbano, uma vez que a produção do espaço reproduz no território, nas disputas pelo espaço e pela apropriação da sua valorização as dinâmicas da luta de classes” (Ferreira, 2007:47).

Assim, a dominação da paisagem é entendida como ideologia, que na produção do espaço urbano define paisagens e limita seus usos e ocupações. Na medida em que são evidenciados os poderes desiguais sobre o espaço e sobre as propriedades do mesmo, com a historicidade e tipologia dos equipamentos de cultura e lazer pudemos identificar períodos marcantes de transformação para atender a conflitos específicos de cada período. Por isso chegamos às noções de patrimônio material e imaterial, às noções de sustentabilidade dos recursos naturais e ocupações humanas, da necessidade de uma educação permanente que se dá pelos espaços públicos, bem como de produção artística, da realista à engajada, que é “engolida” pela indústria cultural global homogeneizante.

Teresa Caldeira (2000), analisando as regras que organizam o espaço urbano, indica que, atualmente, outra forma estaria se configurando, gerando espaços onde os diferentes grupos sociais estão fisicamente cada vez mais próximos, mas separados por muros e tecnologias de segurança, tendendo a não interagir, embora próximos. Coloca como exemplo a Vila Andrade e o Morumbi, onde favelas e elites convivem. Portanto, a mobilidade espacial não tem sido sinônima de mobilidade social ou de melhores condições de vida. As possibilidades de inserção de indivíduos pobres nos espaços centrais da cidade tornam-se, também, mais limitadas. Assim, as periferias cada vez mais se tornam o lugar dos excluídos dos setores dinâmicos da economia. Por estas razões, sugerimos uma mudança nas qualidades da concepção de periferia, não sendo necessariamente uma relação centro-periferia, mas uma relação entre o que está dentro e o que está fora das centralidades.

Como vimos, as empresas globais fragmentam sua produção no tecido urbano. Contudo concentram o lócus de seu consumo nos centros das cidades. A cidade se configura, portanto, o local onde estão os recursos financeiros e humanos especializados necessários à produção cultural de abrangência global. A análise crítica da indústria cultural revelou que temos atualmente sistemas comunicativos especializados e autônomos que restringem sua localização nos centros urbanos segundo interesses neoliberais, gerando a privatização do poder e uma inevitável dissolução do público. “Há muito a cidade deixou de ser basicamente um espaço público [...]. A própria cidade é um produto a ser vendido para o desenvolvimento de atividades lucrativas” (Anico, 2005). Este contexto se manifesta nos conceitos de “público-alvo”, “especulação turística” e “privatização do espaço público”.

Notando que as cidades tornam-se foco de atividades, de serviços e de funções especializadas, a importância da localização e, portanto, do urbano, faz-se pela complexidade desta governança. Segundo Sassen (2005 e 1998) e outros estudiosos do fenômeno, a globalização se configura em agente dispersor de atividades produtivas, na medida em que promove a desregulamentação e privatização da economia e do poder. Empresas globais fragmentam sua produção no tecido urbano, sendo também observada a transferência de um conjunto de serviços públicos para o setor privado. Contudo, observamos em São Paulo que tais deslocamentos de atividades ainda concentram o consumo de suas produções nas centralidades dessas cidades. Em contexto brasileiro, este processo parece, portanto, reforçar desigualdades históricas e consequentemente aprofundar a segregação.

Esta constatação sugere que existe um limite do conceito de “cidade global” para explicar o aprofundamento das desigualdades e da segregação que observamos. Neste sentido, temos em Whitaker Ferreira (2007) importante contribuição para a compreensão desses indícios, pois verifica empiricamente cada uma das qualidades das cidades ditas globais. Conclui que a busca por status no mercado internacional ou mundial não é específica de um período histórico, mas acompanha todo o desenvolvimento econômico brasileiro, ganhando uma “estética” diferente a cada momento de crise de hegemonia. Por isso compreende que o conceito de Imperialismo não atingiu por completo seus objetivos, por agregar noções negativas que a noção de “cidade global” consegue superar, sendo “desejada” e “bem vista”.

“A discrepância entre os objetivos prometidos pelo modelo ‘global’ e a realidade da exclusão socioespacial indica que a defesa [...] só pode no caso de São Paulo, estar servindo para favorecer interesses específicos outros, do que os da superação das desigualdades rumo a uma cidade mais justa.” (Whitaker Ferreira, 2007:47).

A questão da “Cidade dos Anéis” (Taschner e Bógus, 1998) não se limita às análises da segregação residencial, mas aplica-se também à compreensão da segregação cultural. Como vimos, a busca por uma cidade de *muros* é uma resposta a um determinado tipo de governança urbana. É tanto “reação” à aproximação de classes como é “status de lugar”.

A espacialização dos equipamentos de cultura e lazer reforça a existência de centralidades, revelando também que a suposta “proliferação” ou “dispersão de atividades” se restringiu aos grupos sociais determinados. É interessante notar que a mesma estratégia pode ser observada nos períodos de crise da primeira metade do século XX no Brasil, quando a distribuição e concentração de renda para as classes médias e altas serviram de alternativas para a criação de um mercado interno de consumo de bens duráveis. Ou seja, as atuais escolhas de localização dos equipamentos, ao reafirmarem as centralidades, reforçam o poder político-econômico das classes altas e médias, consolidando o mercado interno de bens culturais globais, invertendo as prioridades de investimento público. Assim, a produção capitalista flexível e a produção capitalista global, apesar de terem produzido “substanciais redistribuição de renda”, favoreceram os “já privilegiados”.

Podemos afirmar, assim, que a lógica da localização permanece segundo o raciocínio de que, onde há concentração de equipamentos de cultura e lazer há produção de capital cultural, há rentabilidade e prestígio. Por isso as instituições (equipamentos) buscam se localizar em áreas centrais dos centros urbanos. Ou seja, o controle de classe sobre as centralidades serve para dominar o tempo de deslocamento no espaço e garantir a hegemonia das mesmas estando próximas às rentabilidades. Desta maneira marcam continuamente a paisagem com sua estética, e com sua produção cultural “global” criam “manchas” e “pedaços” no tecido urbano - uma diferença entre

áreas definida pela presença de equipamentos sociais e diversidade dos mesmos.

Percebemos que os padrões de apropriação cultural históricos possuem, portanto, uma relação direta entre a localização dos equipamentos e as categorias sociocupacionais. Em uma realidade marcada pelo consumo e capital culturais vemos, muitas vezes, a população residente tornar-se foco e justificativa de demandas e ofertas. É interessante notar que, apesar do condomínio fechado passar a se configurar em uma forma determinada de segregação, a espacialização dos equipamentos culturais revela a continuidade de sua lógica segregadora.

A espacialização dos tipos de áreas, baseados nos setores homogêneos, revela a centralidade destes equipamentos, definindo mais uma vez São Paulo como a “cidade dos extremos” (Bógus e Pasternak, 2004), ou seja, em escala intra-urbana a cidade é dualizada e estéril. O principal conflito urbano está na relação contraditória entre incluídos e excluídos da cidade formal. Sabemos, de um lado, que na cidade persistem as contradições capitalistas expressas por um viés no conflito capital-trabalho. Essas contradições levam ao surgimento de estratos sociais excluídos das condições gerais de produção, que sobrevive na informalidade das atividades produtivas. Por outro lado, observamos na cidade que uma parcela da população não se encontra inserida nesses processos e atividades econômicas, por isso nos parecem como acessórios das condições gerais de produção, não mais como “exército de reserva”. Ou seja, uma contradição não necessariamente capitalista, mas como resíduos incapazes de serem absorvidos pelos mercados, tais como os Marreteiros e população em situação de rua, que vive da troca de “serviços/gentilezas” e da mendicância, e cujos recursos adquiridos neste processo são gastos quase que imediatamente com itens de necessidade básica, como comida, bebida e drogas (ver Censo de População em Situação de Rua da Cidade de São Paulo em 2009 e Perfil Amostral da População em Situação de Rua de São Paulo em 2010, FIPE/SMADS). Trata-se da compreensão da esfera social e econômica do conflito - a contradição se dá tanto pela dinâmica social quanto por contradições capitalistas entre capital-trabalho.

“Em vez de uma única forma de pobreza, portanto, podemos considerar várias pobrezaas distintas, associadas a atributos sociais diversos ligados à estrutura etária, à composição familiar e à inserção no mercado de trabalho. A distribuição espacial dessas formas de pobreza aumenta ainda mais a complexidade do fenômeno, já que a inserção desses grupos no espaço urbano pode facilitar ou dificultar o acesso a bens, serviços e oportunidades. Outra fonte de heterogeneidade está no fato de a privação social tender a se sobrepor e se acumular em determinadas regiões [...]” (Marques, 2010).

A compreensão da esfera política da produção cultural reside justamente no interior de grandes períodos históricos, onde a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de experiência. O que observamos atualmente em São Paulo é o convívio de diversas formas históricas de apropriação cultural. No entanto, estas se concentram a um determinado segmento social - os donos do capital. Portanto, as experiências da “cidade global” restringiram-se a um grupo determinado de moradores, além, é claro, de uma área restrita e concentrada dentro do tecido urbano. Por este motivo tal fenômeno foi denominado Cultura Murada. Neste sentido, temos a cidade global vista apenas em suas áreas centrais, onde seus residentes levantam *muros* e preenchem *seus* espaços com atividades de produção e consumo globais. A produção cultural global, portanto, vê-se servindo de mecanismo de concentração e manutenção de um padrão desigual e segregado.

Aqui encontramos outra importante chave para a análise: a relação entre apropriação, hegemonia e a noção de paisagem. Se partimos da concepção de ambiente urbano¹¹ como definido por Antônio Cláudio M. L. Moreira (1999

¹¹ De forma sintética compreende cinco esferas: os recursos naturais e estados de natureza preexistentes, a infra-estrutura e serviços urbanos existentes, as atividades humanas pré-existentes e, por fim, o “status” do lugar. Como o próprio autor coloca “assim, com a contribuição dos biólogos, dos paisagistas e dos urbanistas, é possível conceituar o ambiente urbano como relações dos homens com o espaço construído e com a natureza, [grifo meu] em aglomerações de população e atividades humanas, constituídas por fluxos de energia e de informação para nutrição e biodiversidade; pela percepção visual e atribuição de significado às conformações e configurações da aglomeração; e pela apropriação e fruição (utilização e ocupação) do espaço construído e dos recursos naturais” (Moreira, 1999 A)

A), destacamos a variável “paisagem como definidora do status de lugar”. Os equipamentos de cultura e lazer em si e suas localizações revelam uma dada apropriação da paisagem urbana. Agora entendidos também como metáforas visuais, que passam a persuadir os expectadores daquilo que representa a nação, também reforçam as desigualdades. Ou seja, tornou a distância social definida não somente em termos financeiros, mas especialmente em termos de bens (recursos), sejam estes culturais ou econômicos. Se assim for, a hegemonia atua no espaço como um mecanismo de exclusão, e sendo paisagem representativa de status de lugar, então a localização dos equipamentos reforça e qualifica o mecanismo de exclusão.

Os espaços de cultura e lazer tendem a ser implantados em áreas centrais das cidades, agravando a precarização de uma população já desassistida, acentuando a segregação na medida em que cultiva a distância entre classes sociais no acesso democrático aos “bens culturais”. Assim, novamente a relação de apropriação da memória social estaria associada à situação de classe social. Dadas às tremendas desigualdades econômicas e sociais, os reflexos estão tanto nos níveis de apropriação e representação cultural como de espacialização dos mesmos. Pois a “articulação das formas econômicas subdesenvolvidas induía a política, não como externalidade, mas como estruturante” (Oliveira, 2003:128). Daí a oportunidade de relacionarmos dados sobre segregação socioespacial e a localização dos equipamentos de cultural e lazer. Como coloca Teresa Caldeira:

“É uma cidade de muros em que a qualidade do espaço público está mudando imensamente e de maneira oposta àquilo que se poderia esperar de uma sociedade que foi capaz de consolidar uma democracia política. De fato a segregação e o processo de ostensiva separação social cristalizado nas últimas décadas podem ser vistos como uma reação à ampliação desse processo de democratização, uma vez que funciona para estigmatizar, controlar e excluir aqueles que acabaram de forçar seu reconhecimento como cidadão, com plenos direitos de se envolver na construção do futuro e da paisagem da cidade” (Caldeira, 2000)

Os modos de vida em um sistema capitalista flexível e global foram absorvidos de tal maneira que o homem contemporâneo tornou-se capitalista por excelência. A reprodução dos indivíduos está, portanto, de tal forma imbricada ao sistema capitalista que sua necessidade de subsistência e reprodução alimenta o grande sistema. Por isso a questão não se limita às análises da segregação residencial, mas aplica-se também à compreensão do que podemos chamar de segregação cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que permeia a análise aqui desenvolvida é se na atual sociedade globalizada está em curso uma reformulação da própria problemática da distinção. Partimos do entendimento de que a produção cultural é parte do sistema capitalista. A questão central reside em compreender em que medida os equipamentos de cultura e lazer tendem a aprofundar desigualdades e segregar grupos. Por isso convocamos uma análise da produção cultural manifesta nos equipamentos de cultura e lazer. O que significa dizer que buscamos compreender a natureza e características dos discursos postos pelos equipamentos de cultura e lazer no(s) espaço(s). Por estas questões entendemos o mapeamento dos equipamentos como estratégia e indicadores de padrões de ocupação e de distinção. Contudo, pretendemos buscar especificidades da segregação e trazer a tona elementos analíticos que subsidiem uma possível atualização de referenciais teóricos, bem como a retomada das prioridades de investimento público.

Entendemos que os equipamentos de cultura e lazer produzidos no espaço sugerem uma manifestação e marcam a paisagem. Por esta razão estabelecemos a distinção entre produção e manifestação cultural, sendo a manifestação cultural uma revelação pública de um conjunto de valores estéticos, restritos a grupos homogêneos, materializados em formas, produtos e circuitos específicos. Restringir a análise a públicos específicos não possibilitaria a compreensão do elemento espacial do discurso postos nos equipamentos de cultura e lazer. Desta forma, entendemos que o equipamento de cultura promove um espaço de consumo cultural mantendo relação com a difusão e a noção de paisagem. Por isso iniciamos com a análise da historicidade das noções de patrimônio, pois remetem à esfera da produção do/no espaço. Neste sentido, identificamos que os órgãos de proteção do patrimônio reproduzem antigas práticas com a representação do passado idealizado e da moderna arquitetura brasileira. Também relacionamos o histórico desses equipamentos à suas localizações. Neste processo vislumbramos a relação posta entre os estratos sociais representados pelos equipamentos e pelas áreas onde se localizam.

É isso que tratamos no capítulo I. Ao percebermos que a valorização do patrimônio concorre com múltiplas formas de rentabilidade e préstimos vinculados ao discurso do desenvolvimento, identificamos o patrimônio como espaços de disputa e marcos de poder. Assim, os equipamentos culturais e de lazer são materializações de conceitos e apropriações complexas da história da produção cultural no tecido urbano. Por isso entendemos ser possível associar patrimônio cultural e desenvolvimento local aos estudos sobre segregação urbana.

Os espaços de lazer e cultura exercem papel importante como fator de distinção social e espacial. Desta maneira, estamos destacando os fatores geradores da propriedade da paisagem urbana. A compreensão da espacialização de padrões culturais demandou o estabelecimento de uma tipologia de equipamentos, pois cada tipo, separadamente, permite uma apuração criteriosa de sua temporalidade e lógica de localização.

Quadro 1 – Síntese da Tipologia de Equipamentos de Cultura e Lazer - São Paulo, 2007.

TIPOLOGIA	TIPOLOGIA DETALHADA
Construções Históricas	Construções Históricas: Arquitetônicas
	Construções Históricas: Monumentos
	Construções Históricas: Esportivas
Museus	Museus
Parques	Parques
	Parques Reserva
	Parques Temáticos
Cinema	Sala de Cinema
	Sala de Cinema em Shopping
Teatro	Teatro
	Teatro em Universidades e Escolas
	Teatro em Hotéis e Shoppings
Espaços Multiculturais	Espaços Multiculturais: Casas, Institutos, Fundações
	Espaços Multiculturais: Centro Cultural
	Espaços Multiculturais: SESC's e CEU's
Espaços de Eventos	Espaços de Eventos
	Casas de Shows

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. “Guia da Folha” do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

O levantamento dos espaços de cultura e lazer identificou que as maiores proporções de Construções Históricas estão no centro tradicional,

sendo que as Construções Históricas Esportivas estão na região oeste e os Monumentos na região sudeste. Assim sendo, percebemos que as Construções Históricas concentram-se nas áreas historicamente ocupadas pelas elites e as classes médias.

A maioria dos Museus está localizada na região oeste, porém é interessante notar que nos distritos centrais identificamos acervos voltados aos primórdios da fundação da cidade. Já a região adjacente ao centro, na porção leste, é marcada pelo acervo do passado colonial e republicano, bem como pela memória de operários migrantes e da indústria automotivas - justamente nas áreas onde hoje observamos uma polarização de estratos sociais. Na porção a oeste e sudeste do centro identificamos acervos voltados à tecnologia e institutos de pesquisa, bem como à memória modernista e tecnologias de terceira geração. Essas identidades se concentram exatamente nas áreas de densidades significantes de elites intelectuais. Apesar da espacialização aparentemente fragmentada de Museus, percebemos uma concentração de identidades históricas.

Os Parques estão em sua maioria nas zonas norte e oeste. Os Parques Reservas estão em sua maioria localizados na zona sul e os Parques Temáticos estão concentrados na porção sudeste e sul. De uma maneira geral, esses equipamentos apresentam maior concentração na zona sul. Pudemos identificar que a espacialização dos Parques é mais fragmentada e espraiada, porém notamos que as áreas de reservas estão primordialmente nas regiões norte e sul, onde temos a Serra do Mar e Pico do Jaraguá, bem como a represa da Guarapiranga, regiões historicamente ocupadas por camadas populares e operárias. Os parques das regiões centrais focam a apreciação dos remanescentes de natureza, localizados nas áreas com densidades polarizadas da hierarquia social entre camadas superiores, médias, operárias e populares. Nas regiões mais periféricas observamos maior concentração de parques cujo foco está na preservação e ocupação com atividades esportivas e de lazer. Esses equipamentos estão nas áreas de maior concentração de camadas populares e operárias. Já nas regiões de concentração de elite intelectual, identificamos parques nos moldes de projetos modernistas que incluem espaços de cultura (teatros, exposições, etc.).

As Salas de Cinema exclusivas estão em sua maioria na porção centro-oeste, áreas tradicionalmente ocupadas por estratos superiores e médios, bem

como por elites intelectuais. Já as Salas de Cinema em Shoppings estão fortemente presentes na porção sudoeste, em áreas tradicionalmente de ocupação popular e operária.

A identificação do padrão de localização dos Teatros (exclusivos, em Hotéis, Shoppings e em Universidades) notou a sua presença em grande concentração no centro tradicional, cuja representação social se dá de forma polarizada entre os diversos estratos sociais (elite, classe média e trabalhadores da sobrevivência). Percebemos que os distritos da Bela Vista e República, concentram a maioria dos Teatros, representando os mais variados grupos teatrais, desde os amadores do início do século até os experimentais do final do século XX. Um possível elemento causal seria o baixo custo relativo do metro quadrado (m^2) e as vantagens competitivas da aglomeração. Já os Teatros em Hotéis e Shoppings, bem como os Teatros em Universidades, estão preferencialmente distribuídos na porção centro-oeste, nas áreas tradicionalmente de ocupação de elites intelectuais e dirigentes.

A análise da espacialização dos Espaços Multiculturais permitiu identificar que a maioria das Casas, Institutos e Fundações estão na área central que guarda categorias polarizadas na hierarquia social. Os Centros Culturais estão preferencialmente localizados nas regiões adjacentes ao centro tradicional, onde de 1930 até 1960 tínhamos maior concentração de camadas populares e operárias. Ambos datam da mesma época em que a noção de patrimônio cultural passa a incorporar a valorização de identidades “populares” ou identidades culturais locais. As regiões de concentração de camadas superiores e médias apresentam maior presença de Institutos, Casas e Fundações. Já nas regiões periféricas (sul, norte, oeste e leste) identificamos forte concentração, e uma quase exclusividade, dos projetos SESC's e CEU's - justamente onde observamos grandes concentrações de camadas populares e operárias.

Em nosso levantamento percebemos que os Espaços de Eventos estão localizados nas áreas de valorização turística, áreas de maior valor relativo do metro quadrado (m^2), onde estão em curso operações urbanas consorciadas. Essas áreas concentram densidades significativas de estratos superiores e médios da estratificação social.

Assim, as áreas com maior número e diversidade de equipamentos acabam por servir de instrumentos de distinção social que reforçam e

qualificam as desigualdades socioterritoriais e os muros. O levantamento dos espaços de cultura e lazer identifica que a região central da cidade concentra o maior número e diversidade de equipamentos. Portanto, ao desprivilegiar populações afastadas geográfica e socioeconomicamente, remete a análise à noção de segregação. Por esta razão, as contribuições de pesquisas sobre esferas da segregação nos foram fundamentais para aprofundar a análise, pois na medida em que, para alguns autores, a localidade representa a possibilidade de melhores empregos, ou ainda, que a segregação favorece os rendimentos e evidencia a dominação, ou que este tem sido um padrão a serviço do desenvolvimento econômico que promoveu nas cidades *uma democracia política com muros urbanos*. É nesta perspectiva que as categorias sociocupacionais possibilita explicar, ao menos em parte, os padrões históricos observados. Isto permite entender este favorecimento do rendimento e esta lógica da dominação.

A busca por endaves sociais segregados e murados pretende à compreensão e configuração do espaço público. A concentração dos equipamentos reforça este tipo de governança. Assim, percebemos que a escolha pela localização está mais fortemente relacionada às categorias sociocupacionais. Partindo deste entendimento, notamos que seria importante para a análise dos padrões de distribuição espacial dos equipamentos, enquanto mecanismos de distinção, somamos a ela uma leitura da espacialização dos tipos de equipamentos e sua relação com a população ocupada residente nas áreas onde estão localizados esses espaços.

Este é o enfoque que buscamos dar ao capítulo II. Neste sentido, optamos por excluir as áreas sem pontos de lazer e cultura da análise das categorias sociocupacionais, pois sabemos que todas as áreas apresentam presença de todas as categorias, considerando, porém sua significância relativa. Com a exclusão das áreas sem pontos aumentamos a representatividade das distribuições das categorias nas áreas com presença de equipamentos.

A elaboração de tipologia de áreas que relaciona equipamentos de cultura e lazer com categorias ocupacionais e áreas segregadas permitiu perceber as nuances que somente a historicidade, espacialização e cruzamento com os estratos sociais ou rendimentos médios não permitiu.

Assim, chegamos a composição de cinco grupos de áreas homogêneas, conforme quadro síntese.

Quadro 2 – Tipologia de Áreas por Equipamentos de Cultura e Lazer e Categorias Sociocupacionais - São Paulo, 2000-2007.

TIPOLOGIA DE ÁREA	LOCALIZAÇÃO (Distritos e regiões de áreas homogêneas)	ATRIBUTOS (As Categorias Sociocupacionais e Equipamentos de Lazer e Cultura de maior densidade no cluster)
Áreas Superiores	Localizadas de forma parcial ou total nos distritos da Bela Vista, Consolação, Pinheiros, Alto de Pinheiros, Jardim Paulistano, Itaim Bibi, Moema, Vila Mariana, Saúde, Santo Amaro, Vila Sônia, Vila Andrade, Butantã, Morumbi, Vila Leopoldina, Lapa e Perdizes. Ou seja, na porção oeste e sudoeste.	Elite Dirigente; Pequena Burguesia; Elite Intelectual; Proletário Terciário; Categorias Médias Espaços de Eventos; Cinemas; Museus
Áreas Médias	Estão distribuídas pelos setores presentes nos distritos de Bom Retiro, Barra Funda, Lapa, Pinheiros Consolação, República, Liberdade, Mooca, Pari, Belém, Ipiranga, Água Rasa, Tatuapé, Carrão, Vila Guilherme, Santana, Tremembé, Cursino, Saúde, Vila Sônia, Vila Andrade e Campo Belo. Portanto, fragmentadas na zona oeste e sudeste junto às áreas Superiores e Polarizadas.	Categorias Médias; Elite Intelectual; Proletário Terciário; Pequena Burguesia Espaços de Eventos; Teatros; Cinemas; Museus
Áreas Polarizadas	Localizam-se mais nas extremidades do município, nas áreas fronteiriças, nas regiões dos distritos de Mandaqui, Tucuruvi, Jaçanã, Santana, Vila Guilherme, Belém, Brás, Cambuci, Ipiranga, Tatuapé, Vila Formosa, Água Rasa, Iguatemi, Jabaquara, Santo Amaro, Campo Grande, Socorro, Cidade Dutra, Campo Limpo, Jaguaré, São Domingos, Pirituba, Lapa, Consolação, Bela Vista, República e Santa Cecília. Por fim, conduímos que estão localizadas de forma mais fragmentada, presentes nas zonas sul, centro-sudeste, leste e norte.	Elite Intelectual; Proletário Terciário; Pequena Burguesia Teatros
Áreas Operárias Populares	Estão dentro de parte dos distritos de Itaim Paulista, Vila Curuçá, São Miguel, Lajeado, Vila Jacuí, Cangaíba, Cidade Líder, São Mateus, São Rafael Sapopemba, Vila Prudente, Jaguaré, Pedreira, Cidade Dutra, Jardim São Luis, Jardim Ângela e Campo Limpo. Neste sentido, estão fragmentadas nas extremidades das zonas sul, leste, norte e oeste. Próximas às áreas Populares e em menor número.	Proletário Secundário; Trabalhador de Sobrevivência; Proletário Terciário; Agricultores Multiculturais; Parques
Áreas Populares	As áreas Populares estão presentes nos distritos de Vila Curuçá, Itaquera, Parque do Carmo, Penha, Tucuruvi, Perus, Pirituba, Jaraguá, São Domingos, Jaguará, Raposo Tavares, Vila Sônia, São Luis, Cidade Dutra, Grajaú, Campo grande, Sacomã e Sé. Assim como nas áreas Operárias Populares estão próximas dessas e, portanto, nas extremidades, exceção para a Sé.	Proletário Secundário; Agricultores; Trabalhador de Sobrevivência Construções Históricas; Multiculturais; Parques

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Esforçamo-nos para compreender as homogeneidades e heterogeneidades da distribuição dos equipamentos de cultura e lazer e sua relação com as categorias sociocupacionais (CAT's) da população residente ocupada. Assim, com base na análise fatorial criamos cinco grupos de áreas homogêneas (CLUSTERS), cujas características definimos no capítulo II. Observamos que as áreas com maior concentração de categorias superiores na hierarquia das categorias sociocupacionais são dotadas do maior número de equipamentos, prevalecendo os espaços de eventos, cinemas e museus. As áreas com significativas densidades de categorias médias e as áreas que denominamos de áreas polarizadas – por apresentarem tanto categorias superiores, como médias e populares – compartilham o mesmo número de equipamentos, porém, comparativamente, as primeiras possuem maior porcentagem de espaços de eventos e cinemas e menor porcentagem de teatros. As áreas com grande presença e representatividade de categorias populares possuem construções históricas, parques e espaços multiculturais. Já as áreas com forte densidade de categorias sociocupacionais operárias e populares possuem poucos equipamentos, sendo estes parques e espaços Multiculturais, onde se destacam os projetos SESC e CEU. Dentre as áreas que não possuem pontos (equipamentos urbanos de cultura e lazer) é interessante notar, quando mapeadas as áreas de favelas, que é reforçada a imagem de que os equipamentos apresentam localizações restritas no tecido urbano. A diversidade dessas estruturas está na região do centro expandido e sua concentração na porção centro (subprefeitura da Sé) e sudoeste (distritos da Vila Mariana, Moema e a subprefeitura de Pinheiros).

Assim, percebemos que as áreas com maior extensão de favelas são as mesmas áreas onde temos menor diversidade e número de equipamentos. Sugerimos então, que os equipamentos, tais como teatros, cinemas e espaços de eventos, demarcam o status de paisagem com o aparente isolamento das áreas precarizadas. Ou seja, percebemos que a presença e a diversidade dos equipamentos levam ao isolamento de áreas segregadas de concentração de pobreza. Neste sentido, tanto a ausência como a presença de equipamentos de lazer e cultura são dois processos conjugados. Esses processos reforçam o entendimento de uma gestão de políticas públicas definida por enclaves sociais

murados. Por fim, observamos que esta governança¹² é também expressa na distribuição dos equipamentos e de suas centralidades (não existindo, portanto, um único centro).

Por fim, percebemos que os equipamentos estão nas áreas de maior concentração de categorias médias. Porém, excluídas as áreas sem pontos, percebemos que a diversidade de tipos de equipamentos de cultura e lazer está focada nas áreas superiores e médias (centro-oeste), e a maior densidade de equipamentos foi identificada nas áreas de significativa polarização dos estratos sociais (centro tradicional). Identificamos também que a menor diversidade e menor número estão nas áreas populares e operárias (nas extremidades das zonas sul, leste e norte). Esta análise levou à consideração da existência de uma diversidade de centralidades, questão que aprofundamos no capítulo III.

As empresas globais fragmentam sua produção no tecido urbano, contudo concentram o lócus de seu consumo nos centros urbanos das cidades. Assim, a cidade se configura, portanto, o local onde estão os recursos financeiros e humanos especializados necessários à produção cultural de abrangência global. A globalização econômica é entendida como agente dispensor de atividades e serviços. Ao mesmo tempo, em São Paulo, observamos que, apesar dos deslocamentos das atividades, o sistema produtivo ainda concentra o consumo de suas produções nas centralidades dessas cidades. A indústria cultural revela as cidades como centralidade. Ao estabelecer relação direta com o consumo liga-se aos setores produtivos e financeiros. Com isto, na medida em que carece de recursos, busca a valorização da localidade, transformando-as em “ponto de turismo”. Portanto, o capital cultural é possível tanto como relação social como territorial.

A centralidade entendida como a otimização dos deslocamentos e concentração de infra-estrutura e equipamentos sociais, concretiza a disputa pelo espaço. As diversidade e concentração de equipamentos sociais

¹² Conforme pesquisa de Souza e Siqueira (2007) citando “[...] Kissler e Heidmann (2006), a governança pública é um novo modelo que surgiu devido às condições insatisfatórias da modernização praticada até então. Para os autores, este modelo conceitua-se como uma nova geração de reformas administrativas e de Estado, que têm como objetivo a ação conjunta, levada a efeito de forma eficaz, transparente e compartilhada, pelo Estado, pelas empresas e pela sociedade civil, visando uma solução inovadora dos problemas sociais e criando possibilidades e chances de um desenvolvimento futuro sustentável para todos os participantes” (Souza e Siqueira, 2007:3-4).

distinguem a relação de pertencimento às redes sociais centrais. Portanto, um mecanismo de distinção social e de garantia de hegemonias, especialmente em contexto de aproximação de estratos sociais distintos.

Em São Paulo constatamos o deslocamento das elites e de suas “centralidades”, pois o poder público segue a mesma lógica de valorização e distinção, deslocando-se conforme interesses neoliberais, apesar de não possuir “clientes”. É justamente este deslocamento dos serviços e a distinção de áreas pelo provimento desigual de equipamentos sociais que se reconhece servindo de mecanismo de hegemonia e manutenção de um padrão desigual e segregado. Por isso o mapeamento do gradiente de equipamentos permitiu identificar variações de formas de centralidades.

A espacialização dos equipamentos revela rotas em direção ao centro tradicional que são também pontos estratégicos que otimizam o deslocamento, por isso definem a relação de centralidade. As diversas formas históricas de apropriação do espaço pelas camadas superiores da hierarquia social se dá também pelos equipamentos de cultura e lazer, definindo a qualidade diferencial dessas áreas.

Estamos de fato analisando as relações entre história, produção do espaço e estratos sociais, por meio da tipologia e distribuição espacial de equipamentos de cultura e lazer, com base nos três movimentos metodológicos (patrimônio, segregação e centralidade). Ou seja, analisando a própria problemática da distinção para além da noção centro-periferia identificamos a existência de uma diversidade de sociabilidades e redes dentro das centralidades (superiores, populares e polarizadas).

As possibilidades de inserção de indivíduos pobres nos espaços centrais da cidade tornam-se mais limitadas. Desta forma, as periferias se tomam o lugar dos excluídos dos setores dinâmicos da economia e das redes sociais representadas pelos equipamentos de cultura e lazer. Por estas razões, sugerimos uma mudança nas qualidades da concepção de periferia, não sendo necessariamente uma relação centro-periferia, mas uma relação entre o que está dentro e o que está fora das centralidades.

Neste sentido, a paisagem parece marcada e diferenciada pela presença e ausência de diversidade nos tipos de equipamentos (determinados tipos para determinados estratos). É por esta razão e elementos de distinção social que percebemos a possibilidade da existência de uma segregação

cultural que fomenta uma governança estabelecida por muros não somente de concreto e tecnologias de segurança, mas pelo capital cultural que abriga. Assim, distanciamos a análise de grupos de manifestações culturais específicos e da noção de acessibilidade.

Por fim, todos esses procedimentos analíticos tratam da identificação de padrões de espacialização dos equipamentos de lazer e cultura que aparentam maior poder explicativo para o aprofundamento das desigualdades observadas, a despeito das redistribuições e espraiamento das atividades produtivas e de infra-estrutura urbana que a globalização econômica motivou nas últimas décadas do final do século XX e início do século XXI.

REFERÊNCIAS

- ANICO, Marta. *A Pós-Modernidade da Cultura: Patrimônio e Museus na Contemporaneidade*. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: Ano 11, nº 23, p17-86, Jan/Jun 2005.
- ARRIGHI, Giovanni. **The Long Twentieth Century: Money, power and the origins of our times**. London-UK: Boddles Ltd., 2a ed., 2002.
- ASSUNÇÃO, Paulo de. **Patrimônio**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- BARTALINI, Vladimir (A). *A trama capilar das águas na visão cotidiana da paisagem* In: **Arquitextos**. São Paulo: Vitruvius, 09.108, maio 2009. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.108/51> acesso em: 15 de setembro de 2010.
- _____. (B). *Os córregos ocultos e a rede de espaços públicos urbanos*. In: **Arquitextos**. São Paulo: Vitruvius, 09.106, mar 2009. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.106/64>. Acesso em 15 de Setembro de 2010.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. IN: **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Volume I, Ed. Brasiliense, 1994.
- BERTASO, Maria Stella Tedesco. SAWAYA, Sylvio de Barros (orient). **Parques temáticos: arquitetura embalada para consumo**. São Paulo: Dissertação (Mestrado) -- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2001.
- BÓGUS, Lúcia M. M. **Re-urbanização: Por que e para quem?**. Teses de Doutorado defendida na FAU-USP. São Paulo: 1988.
- _____. **Segregações Urbanas**. Verbete para publicação em Portugal, mimeo, Maio de 2007.
- _____. PASTERNAK, Suzana. *Como Anda São Paulo*. In: **Cadernos Metrópole**. São Paulo: Grupo de Pesquisa PRONEX/ Educ., v. Espec., 2004, p. 1-90.
- _____. (orgs.). **Como Anda São Paulo**. Rio de Janeiro: Letra Capital/ Observatório das Metrópoles, 2009.

BULMER, Martin. *A escola de Chicago de Sociologia: O Que a Tornou uma 'Escola'?*. In: EUFRÁSIO, Mário A. (org. trad.) **O Surgimento da Sociologia Americana e a Formação da Escola de Chicago**. São Paulo: Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2004.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. Trad. OLIVEIRA, Frank. MONTEIRO Henrique, Ed.34/Edusp, 3ª ed., São Paulo, 2000.

CARNOY, Martin. **Estado e Teoria política**. Campinas: Papirus, 2ª Ed, 1989.

COSTA, Carlos Smaniotto. *Áreas Verdes: um elemento chave para a sustentabilidade urbana. A abordagem do Projeto GreenKeys*. **Arquitextos**. São Paulo: Vitruvius, 11.126, nov 2010. disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.126/3672>>. Acesso em: 28 de novembro de 2010.

CMMA, Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum (Relatório Brundtland)**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

CCSP, Centro Cultural São Paulo. *Histórico*. In: **Portal na internet**. Disponível em: http://www.centrocultural.sp.gov.br/ccsp_historico.asp. Acesso em 14 de novembro de 2010.

EUFRÁSIO, Mário A. *A Formação da Escola Sociológica de Chicago*. In: EUFRÁSIO, Mário A. (org. trad.) **O Surgimento da Sociologia Americana e a Formação da Escola de Chicago**. São Paulo: Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2004.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Ed. UNESP/ Editora Boitempo, 1997.

ESTATUTO DA CIDADE. Lei 10.257 de 10 de julho de 2001.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. *A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil*. In: **Educação & Sociedade**. Campinas: CEDES, ano XX, nº 69, Dezembro de 1999.

FUNDAÇÃO PARQUE ZOOLOGICO DE SÃO PAULO, Zôo São Paulo. **Conheça A História da Fundação Parque Zoológico de São Paulo**. São Paulo: Zôo, 2010. Disponível em : <http://www.zoologico.sp.gov.br/historiadozoo.htm> Acesso em 26 de Agosto de 2010.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Minc-IPHAN, 1997.

FIPE, Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas. **Censo de População em Situação de Rua em São Paulo**. São Paulo: FIPE/ SMADS, 2003.

_____. **Pesquisa Amostral do Perfil da População em Situação em São Paulo**. São Paulo: FIPE/SMADS, 2000.

- _____. **Censo de População em Situação de Rua em São Paulo**. São Paulo: FIPE/SMADS, 2009.
- _____. **Pesquisa Amostral do Perfil da População em Situação em São Paulo**. São Paulo: FIPE/SMADS, 2009.
- FRUGOLI, Heitor Jr. **Centralidade em São Paulo**. São Paulo: Cortez, EDUSP, FAPESP, 2000.
- GATTI, André Piero. **Distribuição e exibição na indústria cinematográfica brasileira (1993-2003)**. São Paulo: Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, 2005.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Apropriação da Cultura Nacional*. In: **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Editora UFRJ: Minc-IPHAN, Rio de Janeiro, 1996.
- HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço**. SZLAK, Carlos (trad.). São Paulo: Annablume, 2006.
- _____. **Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. SOBRAL, Adil Ubirajara. GONÇALVES, Maria Stela (trans.). São Paulo: Loyola, 19ª Ed., 2010.
- _____. **Social Justice and the City**. London: Edward Arnold, 1973.
- LEFEBVRE, Henry. **La Procusion de L'espace**. Paris: Ed. Anthropos, 1970.
- _____. **O Fim da História**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971.
- LEME, Maria Cristina da Silva. FELDMAN, Sarah (coord.). *Segregações Urbanas*. In: **Revista Espaço & Debate**. São Paulo: v.24, n.45, jan-jul 2004.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *O Lazer na Cidade* [on-line] in: **NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP**. Disponível via <http://www.n-a-u.org/Magnanilazer.html>. Capturado em 15/junho/2006.
- _____. *De Perto e De Dentro: Notas Para Uma Etnografia Urbana*. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: vol.17, n.49, junho de 2002. [on-line] In: Scielo – Scientific Eletronic Library Online. Disponível via http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=en&nrm=iso. Capturado em 20/maio/2006.
- _____. *A Antropologia Urbana e os Desafios da Metrópole*. [on-line] in: **NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP**. Disponível via <http://www.n-a-u.org/AntropologiaUrbanadesafiosmetropole.html>. Capturado em 28/maio/2006.
- MARQUES, Eduardo César. **Redes Sociais, Segregação e Pobreza**. São Paulo: Editora UNESP; Centro de Estudos da Metrópole, 2010.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I. SANT'ANNA, Reginaldo (trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 17ª Ed., 2001.

MATTOS, David José Lessa. **O espetáculo da cultura paulista: teatro e TV em São Paulo, 1940-1950**. São Paulo: Códex, 2002.

MORAES, Vinícius de. *Soneto da Separação*. In: **Livro de Sonetos**. Rio de Janeiro: 4ª ed., Ed. Sabia, 1971.

MOREIRA, Antônio Cláudio M. L. **Conceito de Ambiente e de Impacto Ambiental Aplicáveis ao Meio Urbano**. Material Apresentado em aula no Programa de Pós-Graduação da FAU-USP, disciplina aup 5861. São Paulo: 2007.

_____. *O Controle do Uso do Solo para Proteção dos Mananciais*. In: **Pós - Revista do Programa de Pós Graduação da FAU/USP**. São Paulo: FAU USP, n. 3, 1993.

_____. (B). *Megaprojetos & ambiente urbano: parâmetros para elaboração do Relatório de Impacto de Vizinhança*. In: **Pós - Revista do Programa de Pós Graduação da FAU/USP**. São Paulo: FAU USP, n. 7, p. 107-118, 1999.

_____. (A). *Análise Crítica de Relatórios de Impacto de Vizinhança: 1990-1992*. In: **ANAIS do VIII Encontro Nacional da ANPUR**. Porto Alegre: ANPUR, maio de 1999

_____. **Territorialidades do Comércio Varejista em São Paulo**. São Paulo: mimeo, 2006.

_____. **Territorialidade da Indústria de Transição em São Paulo**. São Paulo: mimeo, 2006.

MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Secretaria de Habitação (SEHAB). **Censo de favelas**. São Paulo, 1987.

_____. Secretaria Municipal do Verde e Meio-Ambiente (SVMA). **Parques**. [on-line] In: Portal de Prefeitura de São Paulo. Disponível via http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/meio_ambiente. Capturado em 20/mayo/2006 até 05/agosto/2006.

_____. São Paulo Turismo S/A. **Pontos Turísticos**. [on-line] In: Portal São Paulo Turismo. Disponível via <http://www.cidadedesapaulo.com/>. Capturado em 20/mayo/2006 até 05/agosto/2006.

_____. Secretaria Municipal de Planejamento (SEMPA). São Paulo: **Crise e Mudança**. São Paulo, 1990.

_____. Secretaria Municipal da Educação (SME). **Centro Educacionais Unificados – CEUs**. [on-line] in: Portal Prefeitura de São Paulo. Disponível via <http://educacao.prefeitura.sp.gov.br/WebModuleSme/itemMenuPaginaConteudoUsuario>

Action.do?service=PaginaItemMenuConteudoDelegate&actionType=mostrar&idPaginaItemMenuConteudo=184. Capturado em 08/maio/2006.

OLIVEIRA, Francisco de Oliveira. **Crítica à Razão Dualista. O Ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. *Conferência: Papel a Autoconstrução para a Acumulação Capitalista no Brasil*. In: **Seminário de Pesquisa: políticas Habitacionais, Produção de Moradia por Mutirão e Processos Autogestionários – Balanço Crítico de Experiências em São Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza**. São Paulo: FAU-USP, mimeo, 2004.

OLIVEIRA, Margarete Rodrigues Neves. **A Renda da Terra e suas Cambalhotas: Uma discussão sobre renda fundiária urbana, solo como mercadoria e a centralidade do Iguatemi**. São Paulo: Geotextos, vol.1, n.1, 2005.

OLIVEIRA, Regis Fernandes de. **Comentários ao Estatuto da Cidade**. São Paulo: editora Revista dos Tribunais, 2ª ed., 2005.

PASTERNAK, Suzana ; BALTRUSIS, Nélson . **Um Olhar sobre Habitação em São Paulo**. São Paulo: Rede Habitat, 2000.

PATRIOTA, Rosângela. *A escrita da história do teatro no Brasil: questões temáticas e aspectos metodológicos*. In: **HISTÓRIA**. Franca: UNESP v.24, N.2, P.79-110, 2005

RIBEIRO, Luis César de Queiroz. LAGO, Luciana Correa do. *O espaço social das grandes metrópoles brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte*. In BOGUS, Lucia e QUEIROZ RIBEIRO, Luiz César (orgs). **Caderno Metrópole**. São Paulo: n.1, EDUC. 2000.

RIBEIRO, Wagner Costa. *Cidades ou Sociedades Sustentáveis?*. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. CARRERA, Carles (orgs.). **URBANIZAÇÃO E MUNDIALIZAÇÃO: Estudos sobre a Metrópole**. São Paulo: Contexto, 2005; p.60-69.

LIMONAD, Ester; RANDOLPH, Rainer. *Cidade e Lugar: sua representação e apropriação ideológica*. In: **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Salvador: v.1, n.5, 2001, p. 11-24.

SASSEN, Saskia. *The Global City: introducing a Concept*. In: **Brown Journal of World Affairs**. Chicago: Brown University Press, Vol. XI, Nº 2, 2005.

_____. *A cidade e a indústria global de entretenimento*. In: **Lazer: numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/ World Leisure, 1998.

SOUZA, Flávia Cruz de. SIQUEIRA, Jean Francisco. *A Convergência da Nova Administração Pública para Governança Pública: uma Análise dos Artigos Internacionais e Nacionais Publicados entre 2000 e 2006*. In: **ANAIS IV Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade**. São Paulo: FIPECAFI, de 26 à 27 de Julho de 2007. Disponível em: <http://www.congressousp.fipecafi.org/artigos72007/595.pdf> acesso em 16 de Janeiro de 2011.

SCHVARZMAN, Sheila. *Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20* In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Unicamp, v. 25, nº 49, 2005, p. 153-174.

SESC. *Diretrizes Gerais de Ação do SESC*. [on-line] in: **Portal SESC – Serviço Social do Comércio**. Disponível via <http://www.sesc.com.br/main.asp?ViewID={697D1A4D-1B8C-4F82-AFAC-4CABB2491088}&Mode=1&u=u>. Capturado em 08/maio/2006.

SOUZA, Gustavo de Oliveira Coelho de. *Construção de Indicadores Socioambientais: Experiência da Construção de indicadores Socioambientais na RMSP*. In: **Seminário Observatório das Metrópoles. Cenários da Metrópole do Século XX**. São Paulo: PUC-SP/FSEADE/Observatório das Metrópoles São Paulo, 2006.

TASCHNER, S. P.; BOGUS, L. M. M. *A cidade dos anéis: São Paulo*. In: RIBEIRO, L. C. Q. (Org.). **O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade**. Rio de Janeiro: REVAN/ FASE, 2000.

VIEIRA, M. A. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. **População de rua: quem é, como vive, como é vista**. São Paulo: Hucitec, 1994.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: FAPESP/ Nobel/ Lincoln Institute, 2001.

_____. **A Criação de Centralidades**. Material Apresentado em aula no Programa de Pós-Graduação da FAU-USP, disciplina aup 5861. São Paulo: 2004

VIOLA, Eduardo J. *A problemática ambiental do Brasil (1971-1991): da proteção ambiental ao desenvolvimento sustentável*. In: **Revista Polis**. São Paulo: Polis, no 3, 1991, p.4-14.

FERREIRA, João Sette Whitaker. **O Mito da Cidade-Global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano**. Rio de Janeiro: Vozes/UNESP/ANPUR, 2007.

ANEXOS

Anexo I – Gráficos

Gráfico 1 - Nuvem de Pontos Resultado da Análise por Correspondência Binária, por Grupos Homogêneos - São Paulo, 2007

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.
Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Gráfico 2 - Percentagem das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos Homogêneos - São Paulo, 2007

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.
Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Gráfico 3 – Densidades das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos Homogêneos - São Paulo, 2007

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. “Guia Folha” do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.
Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Gráfico 4 – Números Absolutos das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos Homogêneos - São Paulo, 2007

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.
Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Anexo III – Figuras

Figura 13 – Espacialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer - São Paulo, 2007 (detaque para as áreas de maior concentração)

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Figura 14 – Espacialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer - São Paulo, 2007

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004. SEHAB, 2000.
Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Figura 15 – Espacialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer - São Paulo, 2007 (destaque para as áreas de maior concentração)

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. “Guia da Folha” do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004. SEHAB, 2000.
 Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Figura 16 – Espacialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer (2007) e Áreas de Favela (2000) - São Paulo

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004. SEHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Figura 17 – Espacialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer (2007) e Áreas de Favela (2000) - São Paulo (destaque para as áreas de maior concentração)

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia da Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Figura 18 – Tipologia de Área por Especialização dos Equipamentos de Cultura e Lazer (2007) e Categorias Socioocupacionais (2000) - São Paulo

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. “Guia da Folha” do Jornal Folha de São Paulo, 2007. SEMPLA, 2000. Metrodata, 2004. SEHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Anexo III – Tabelas

Tabela 5 – Distribuição das Proporções e Números Absolutos dos Tipos Detalhados de Equipamentos de cultura e Lazer pelos Grupos de Áreas Homogêneas -, São Paulo, 2000.

ZONAS	TIPOLOGIA DETALHADA EQUIPAMENTOS	N.A.	% POR ZONA
Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	21	72,41
Leste	Construções Históricas Arquitetônicas	2	6,90
Oeste	Construções Históricas Arquitetônicas	2	6,90
Sudeste	Construções Históricas Arquitetônicas	3	10,34
Sul	Construções Históricas Arquitetônicas	1	3,45
SUBTOTAL Construções Históricas Arquitetônicas		29	100,00
Centro	Construções Históricas Esportivas	1	16,67
Leste	Construções Históricas Esportivas	1	16,67
Oeste	Construções Históricas Esportivas	3	50,00
Sul	Construções Históricas Esportivas	1	16,67
SUBTOTAL Construções Históricas Esportivas		6	100,00
Centro	Construções Históricas Monumentos	4	40,00
Sudeste	Construções Históricas Monumentos	6	60,00
SUBTOTAL Construções Históricas Monumentos		10	100,00
Oeste	Casas de Show	3	50,00
Sudeste	Casas de Show	2	33,33
Sul	Casas de Show	1	16,67
SUBTOTAL Casas de Show		6	100,00
Centro	Espaços de Eventos	2	11,76
Norte	Espaços de Eventos	3	17,65
Oeste	Espaços de Eventos	6	35,29
Sudeste	Espaços de Eventos	1	5,88
Sul	Espaços de Eventos	5	29,41
SUBTOTAL Espaços de Eventos		17	100,00
Centro	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	8	38,10
Leste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	2	9,52
Oeste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	5	23,81
Sudeste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	6	28,57
SUBTOTAL Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos		21	100,00
Centro	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	11	68,75

ZONAS	TIPOLOGIA DETALHADA EQUIPAMENTOS	N.A.	% POR ZONA
Leste	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	1	6,25
Oeste	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	4	25,00
SUBTOTAL Espaços Multiculturais - Centros Culturais		16	100,00
Centro	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	3	9,38
Leste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	6	18,75
Norte	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	5	15,63
Oeste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	3	9,38
Sudeste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7	21,88
Sul	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	8	25,00
SUBTOTAL Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's		32	100,00
Centro	Museus	22	34,92
Norte	Museus	2	3,17
Oeste	Museus	26	41,27
Sudeste	Museus	11	17,46
Sul	Museus	2	3,17
SUBTOTAL Museus		63	100,00
Centro	Parques	3	7,89
Leste	Parques	6	15,79
Norte	Parques	9	23,68
Oeste	Parques	9	23,68
Sudeste	Parques	5	13,16
Sul	Parques	6	15,79
SUBTOTAL Parques		38	100,00
Leste	Parques - Reservas	1	12,50
Norte	Parques - Reservas	2	25,00
Sul	Parques - Reservas	5	62,50
SUBTOTAL Parques - Reservas		8	100,00
Leste	Parques - Temáticos	1	6,67
Oeste	Parques - Temáticos	4	26,67
Sudeste	Parques - Temáticos	5	33,33
Sul	Parques - Temáticos	5	33,33
SUBTOTAL Parques - Temáticos		15	100,00
Centro	Salas de Cinema	11	33,33
Leste	Salas de Cinema	2	6,06
Norte	Salas de Cinema	1	3,03

ZONAS	TIPOLOGIA DETALHADA EQUIPAMENTOS	N.A.	% POR ZONA
Oeste	Salas de Cinema	15	45,45
Sudeste	Salas de Cinema	4	12,12
SUBTOTAL Salas de Cinema		33	100,00
Centro	Salas de Cinema em Shopping	5	13,89
Leste	Salas de Cinema em Shopping	3	8,33
Norte	Salas de Cinema em Shopping	3	8,33
Oeste	Salas de Cinema em Shopping	12	33,33
Sudeste	Salas de Cinema em Shopping	5	13,89
Sul	Salas de Cinema em Shopping	8	22,22
SUBTOTAL Salas de Cinema em Shopping		36	100,00
Centro	Teatros	45	68,18
Leste	Teatros	3	4,55
Norte	Teatros	3	4,55
Oeste	Teatros	8	12,12
Sudeste	Teatros	5	7,58
Sul	Teatros	2	3,03
SUBTOTAL Teatros		66	100,00
Centro	Teatros em Hotéis e Shoppings	5	41,67
Oeste	Teatros em Hotéis e Shoppings	4	33,33
Sudeste	Teatros em Hotéis e Shoppings	3	25,00
SUBTOTAL Teatros em Hotéis e Shoppings		12	100,00
Centro	Teatros em Universidades	4	66,67
Oeste	Teatros em Universidades	2	33,33
SUBTOTAL Teatros em Universidades		6	100,00
TOTAL GERAL		414	

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Tabela 6 – Distribuição em Números Absolutos das Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.

CATEGORIAS SÓCIO-OCUPACIONAIS		CLUSTERS (NA)					TOTAL
		Polarizada	Médio	Superior	Popular	Operário Popular	
		1	2	3	4	5	
Elite Dirigente	Grandes Empregadores	3.635	4.504	13.191	971	391	22.692
	Dirigentes Públicos	575	497	1.538	145	107	2.862
	Dirigentes Privados	6.047	5.085	20.579	1.656	446	33.813
Elite intelectual	Profissionais Autônomos (Nível Superior)	4.969	4.453	10.321	3.225	1.470	24.438
	Profissionais Empregados (Nível Superior)	10.144	7.991	22.313	3.858	1.163	45.469
	Profissionais Estatutários (Nível Superior)	18.587	15.218	6.929	7.678	2.862	51.274
	Professores (Nível Superior)	2.675	2.061	5.844	794	499	11.873
Pequena Burguesia	Pequenos Empregadores	13.182	11.510	22.851	5.437	2.043	55.023
Categorias Médias	Ocupações de Escritório	46	21.633	13.551	34	14.575	49.839
	Ocupações de Supervisão	21.070	14.097	20.506	10.202	5.834	71.709
	Ocupações Técnicas	22.068	17.455	17.266	9.906	8.515	75.210
	Ocupações Médias da Saúde e Educação	12.832	6.850	9.310	9.602	5.897	44.491
	Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios	5.742	3.906	5.371	4.176	2.419	21.614
	Artísticas E Similares	8.213	5.916	14.848	4.359	2.124	35.460
Proletário Terciário	Trabalhadores do Comércio	18.071	16.629	15.953	936	11.874	63.463
	Prestadores de Serviços Especializados	14.728	12.069	17.251	2.767	9.717	56.530
Proletário Secundário	Trabalhadores da Indústria Moderna	9.368	5.469	5.684	11.910	11.481	43.912
	Trabalhadores da Indústria Tradicional	9.190	4.925	3.180	11.300	11.998	40.593
	Operários dos Serviços Auxiliares	8.819	6.000	3.767	11.149	10.876	40.611
	Operários da Construção Civil	10.467	5.240	3.050	8.784	11.286	38.827
Trabalhadores da Sobrevivência	Trabalhadores Domésticos	6.509	3.572	4.193	11.422	10.537	36.233
	Prestadores de Serviços Não Especializados	12.620	8.706	18.428	9.762	10.810	60.326
	Ambulantes e Catadores	11.274	7.239	4.261	9.229	7.917	39.919
Agricultores	Agricultores	526	321	541	540	399	2.327
TOTAL		231.356	191.346	260.725	139.841	145.240	968.508

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Tabela 7 – Distribuição das Proporções das Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.

CATEGORIAS SÓCIO-OCUPACIONAIS		CLUSTERS (%linha)					TOTAL
		Polarizada	Médio	Superior	Popular	Operário Popular	
		1	2	3	4	5	
Elite Dirigente	Grandes Empregadores	16,02	19,85	58,13	4,28	1,72	100,00
	Dirigentes Públicos	20,09	17,37	53,74	5,07	3,74	100,00
	Dirigentes Privados	17,88	15,04	60,86	4,90	1,32	100,00
Elite intelectual	Profissionais Autônomos (Nível Superior)	20,33	18,22	42,23	13,20	6,02	100,00
	Profissionais Empregados (Nível Superior)	22,31	17,57	49,07	8,48	2,56	100,00
	Profissionais Estatutários (Nível Superior)	36,25	29,68	13,51	14,97	5,58	100,00
	Professores (Nível Superior)	22,53	17,36	49,22	6,69	4,20	100,00
Pequena Burguesia	Pequenos Empregadores	23,96	20,92	41,53	9,88	3,71	100,00
Categorias Médias	Ocupações de Escritório	0,09	43,41	27,19	0,07	29,24	100,00
	Ocupações de Supervisão	29,38	19,66	28,60	14,23	8,14	100,00
	Ocupações Técnicas	29,34	23,21	22,96	13,17	11,32	100,00
	Ocupações Médias da Saúde e Educação	28,84	15,40	20,93	21,58	13,25	100,00
	Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios	26,57	18,07	24,85	19,32	11,19	100,00
	Artísticas E Similares	23,16	16,68	41,87	12,29	5,99	100,00
Proletário Terciário	Trabalhadores do Comércio	28,47	26,20	25,14	1,47	18,71	100,00
	Prestadores de Serviços Especializados	26,05	21,35	30,52	4,89	17,19	100,00
Proletário Secundário	Trabalhadores da Indústria Moderna	21,33	12,45	12,94	27,12	26,15	100,00
	Trabalhadores da Indústria Tradicional	22,64	12,13	7,83	27,84	29,56	100,00
	Operários dos Serviços Auxiliares	21,72	14,77	9,28	27,45	26,78	100,00
	Operários da Construção Civil	26,96	13,50	7,86	22,62	29,07	100,00
Trabalhadores da Sobrevivência	Trabalhadores Domésticos	17,96	9,86	11,57	31,52	29,08	100,00
	Prestadores de Serviços Não Especializados	20,92	14,43	30,55	16,18	17,92	100,00
	Ambulantes e Catadores	28,24	18,13	10,67	23,12	19,83	100,00
Agricultores	Agricultores	22,60	13,79	23,25	23,21	17,15	100,00
TOTAL		23,89	19,76	26,92	14,44	15,00	100,00

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Tabela 8 – Distribuição das Proporções das Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.

CATEGORIAS SÓCIO-OCUPACIONAIS		CLUSTERS (%coluna)					TOTAL
		Polarizada	Médio	Superior	Popular	Operário Popular	
		1	2	3	4	5	
Elite Dirigente	Grandes Empregadores	1,57	2,35	5,06	0,69	0,27	2,34
	Dirigentes Públicos	0,25	0,26	0,59	0,10	0,07	0,30
	Dirigentes Privados	2,61	2,66	7,89	1,18	0,31	3,49
Elite intelectual	Profissionais Autônomos (Nível Superior)	2,15	2,33	3,96	2,31	1,01	2,52
	Profissionais Empregados (Nível Superior)	4,38	4,18	8,56	2,76	0,80	4,69
	Profissionais Estatutários (Nível Superior)	8,03	7,95	2,66	5,49	1,97	5,29
	Professores (Nível Superior)	1,16	1,08	2,24	0,57	0,34	1,23
Pequena Burguesia	Pequenos Empregadores	5,70	6,02	8,76	3,89	1,41	5,68
Categorias Médias	Ocupações de Escritório	0,02	11,31	5,20	0,02	10,04	5,15
	Ocupações de Supervisão	9,11	7,37	7,86	7,30	4,02	7,40
	Ocupações Técnicas	9,54	9,12	6,62	7,08	5,86	7,77
	Ocupações Médias da Saúde e Educação	5,55	3,58	3,57	6,87	4,06	4,59
	Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios	2,48	2,04	2,06	2,99	1,67	2,23
	Artísticas E Similares	3,55	3,09	5,69	3,12	1,46	3,66
Proletário Terciário	Trabalhadores do Comércio	7,81	8,69	6,12	0,67	8,18	6,55
	Prestadores de Serviços Especializados	6,37	6,31	6,62	1,98	6,69	5,84
Proletário Secundário	Trabalhadores da Indústria Moderna	4,05	2,86	2,18	8,52	7,90	4,53
	Trabalhadores da Indústria Tradicional	3,97	2,57	1,22	8,08	8,26	4,19
	Operários dos Serviços Auxiliares	3,81	3,14	1,44	7,97	7,49	4,19
	Operários da Construção Civil	4,52	2,74	1,17	6,28	7,77	4,01
Trabalhadores da Sobrevivência	Trabalhadores Domésticos	2,81	1,87	1,61	8,17	7,25	3,74
	Prestadores de Serviços Não Especializados	5,45	4,55	7,07	6,98	7,44	6,23
	Ambulantes e Catadores	4,87	3,78	1,63	6,60	5,45	4,12
Agricultores	Agricultores	0,23	0,17	0,21	0,39	0,27	0,24
TOTAL		100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Tabela 9 – Distribuição de Densidades das Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.

CATEGORIAS SÓCIO-OCUPACIONAIS		CLUSTERS (Densidade)					TOTAL
		Polarizada	Médio	Superior	Popular	Operário Popular	
		1	2	3	4	5	
Elite Dirigente	Grandes Empregadores	0,67	1,00	2,16	0,30	0,11	1,00
	Dirigentes Públicos	0,84	0,88	2,00	0,35	0,25	1,00
	Dirigentes Privados	0,75	0,76	2,26	0,34	0,09	1,00
Elite intelectual	Profissionais Autônomos (Nível Superior)	0,85	0,92	1,57	0,91	0,40	1,00
	Profissionais Empregados (Nível Superior)	0,93	0,89	1,82	0,59	0,17	1,00
	Profissionais Estatutários (Nível Superior)	1,52	1,50	0,50	1,04	0,37	1,00
	Professores (Nível Superior)	0,94	0,88	1,83	0,46	0,28	1,00
Pequena Burguesia	Pequenos Empregadores	1,00	1,06	1,54	0,68	0,25	1,00
Categorias Médias	Ocupações de Escritório	0,00	2,20	1,01	0,00	1,95	1,00
	Ocupações de Supervisão	1,23	1,00	1,06	0,99	0,54	1,00
	Ocupações Técnicas	1,23	1,17	0,85	0,91	0,75	1,00
	Ocupações Médias da Saúde e Educação	1,21	0,78	0,78	1,49	0,88	1,00
	Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios	1,11	0,91	0,92	1,34	0,75	1,00
	Artísticas E Similares	0,97	0,84	1,56	0,85	0,40	1,00
Proletário Terciário	Trabalhadores do Comércio	1,19	1,33	0,93	0,10	1,25	1,00
	Prestadores de Serviços Especializados	1,09	1,08	1,13	0,34	1,15	1,00
Proletário Secundário	Trabalhadores da Indústria Moderna	0,89	0,63	0,48	1,88	1,74	1,00
	Trabalhadores da Indústria Tradicional	0,95	0,61	0,29	1,93	1,97	1,00
	Operários dos Serviços Auxiliares	0,91	0,75	0,34	1,90	1,79	1,00
	Operários da Construção Civil	1,13	0,68	0,29	1,57	1,94	1,00
Trabalhadores da Sobrevivência	Trabalhadores Domésticos	0,75	0,50	0,43	2,18	1,94	1,00
	Prestadores de Serviços Não Especializados	0,88	0,73	1,13	1,12	1,19	1,00
	Ambulantes e Catadores	1,18	0,92	0,40	1,60	1,32	1,00
Agricultores	Agricultores	0,95	0,70	0,86	1,61	1,14	1,00
TOTAL		1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Tabela 10 – Distribuição em Números Absolutos das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.

CATEGORIAS SÓCIO-OCUPACIONAIS	CLUSTERS (NA)					TOTAL
	Polarizada	Médio	Superior	Popular	Operário Popular	
	1	2	3	4	5	
Elite Dirigente	10.257	10.086	35.308	2.772	944	59.367
Elite intelectual	36.375	29.723	45.407	15.555	5.994	133.054
Pequena Burguesia	13.182	11.510	22.851	5.437	2.043	55.023
Categorias Médias	69.971	69.857	80.852	38.279	39.364	298.323
Proletário Terciário	32.799	28.698	33.204	3.703	21.591	119.993
Proletário Secundário	37.844	21.634	15.681	43.143	45.641	163.943
Trabalhadores da Sobrevivência	30.403	19.517	26.882	30.413	29.264	136.478
Agricultores	526	321	541	540	399	2.327
TOTAL	231.356	191.346	260.725	139.841	145.240	968.508

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. “Guia Folha” do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Tabela 11 – Distribuição das Proporções das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas- São Paulo, 2000.

CATEGORIAS SÓCIO-OCUPACIONAIS	CLUSTERS (% coluna)					TOTAL
	Polarizada	Médio	Superior	Popular	Operário Popular	
	1	2	3	4	5	
Elite Dirigente	4,43	5,27	13,54	1,98	0,65	6,13
Elite intelectual	15,72	15,53	17,42	11,12	4,13	13,74
Pequena Burguesia	5,70	6,02	8,76	3,89	1,41	5,68
Categorias Médias	30,24	36,51	31,01	27,37	27,10	30,80
Proletário Terciário	14,18	15,00	12,74	2,65	14,87	12,39
Proletário Secundário	16,36	11,31	6,01	30,85	31,42	16,93
Trabalhadores da Sobrevivência	13,14	10,20	10,31	21,75	20,15	14,09
Agricultores	0,23	0,17	0,21	0,39	0,27	0,24
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. “Guia Folha” do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Tabela 12 – Distribuição das Proporções das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.

CATEGORIAS SÓCIO-OCUPACIONAIS	CLUSTERS (% linha)					TOTAL
	Polarizada	Médio	Superior	Popular	Operário Popular	
	1	2	3	4	5	
Elite Dirigente	17,28	16,99	59,47	4,67	1,59	100,00
Elite intelectual	27,34	22,34	34,13	11,69	4,50	100,00
Pequena Burguesia	23,96	20,92	41,53	9,88	3,71	100,00
Categorias Médias	23,45	23,42	27,10	12,83	13,20	100,00
Proletário Terciário	27,33	23,92	27,67	3,09	17,99	100,00
Proletário Secundário	23,08	13,20	9,56	26,32	27,84	100,00
Trabalhadores da Sobrevivência	22,28	14,30	19,70	22,28	21,44	100,00
Agricultores	22,60	13,79	23,25	23,21	17,15	100,00
TOTAL	23,89	19,76	26,92	14,44	15,00	100,00

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Tabela 13 – Distribuição das Densidades das Famílias de Categorias Sociocupacionais pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.

CATEGORIAS SÓCIO-OCUPACIONAIS	CLUSTERS (densidade)					TOTAL
	Polarizada	Médio	Superior	Popular	Operário Popular	
	1	2	3	4	5	
Elite Dirigente	0,72	0,86	2,21	0,32	0,11	1,00
Elite intelectual	1,14	1,13	1,27	0,81	0,30	1,00
Pequena Burguesia	1,00	1,06	1,54	0,68	0,25	1,00
Categorias Médias	0,98	1,19	1,01	0,89	0,88	1,00
Proletário Terciário	1,14	1,21	1,03	0,21	1,20	1,00
Proletário Secundário	0,97	0,67	0,36	1,82	1,86	1,00
Trabalhadores da Sobrevivência	0,93	0,72	0,73	1,54	1,43	1,00
Agricultores	0,95	0,70	0,86	1,61	1,14	1,00
TOTAL	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Tabela 14 – Distribuição em Números Absolutos dos Tipos de Equipamentos de Cultura e Lazer pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.

EQUIPAMENTOS	CLUSTER (NA)					TOTAL
	Polarizada	Médio	Superior	Popular	Operário Popular	
	1	2	3	4	5	
Construções Históricas	10	10	12	11	2	45
Parques	13	13	15	10	5	56
Espaços de Eventos	4	8	11	0	0	23
Cinemas	11	17	32	5	3	68
Teatros	32	21	27	2	1	83
Museus	12	14	24	6	2	58
Espaços Multiculturais	14	13	14	12	12	65
TOTAL	96	96	135	46	25	398

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Tabela 15 – Distribuição das Proporções dos Tipos de Equipamentos de Cultura e Lazer pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.

EQUIPAMENTOS	CLUSTER (% linha)					TOTAL
	Polarizada	Médio	Superior	Popular	Operário Popular	
	1	2	3	4	5	
Construções Históricas	22,22	22,22	26,67	24,44	4,44	100,00
Parques	23,21	23,21	26,79	17,86	8,93	100,00
Espaços de Eventos	17,39	34,78	47,83	0,00	0,00	100,00
Cinemas	16,18	25,00	47,06	7,35	4,41	100,00
Teatros	38,55	25,30	32,53	2,41	1,20	100,00
Museus	20,69	24,14	41,38	10,34	3,45	100,00
Espaços Multiculturais	21,54	20,00	21,54	18,46	18,46	100,00
TOTAL	24,12	24,12	33,92	11,56	6,28	100,00

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Tabela 16 – Distribuição das Proporções dos Tipos de Equipamentos de Cultura e Lazer pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.

EQUIPAMENTOS	CLUSTER (% coluna)					TOTAL
	Polarizada	Médio	Superior	Popular	Operário Popular	
	1	2	3	4	5	
Construções Históricas	10,42	10,42	8,89	23,91	8,00	11,31
Parques	13,54	13,54	11,11	21,74	20,00	14,07
Espaços de Eventos	4,17	8,33	8,15	0,00	0,00	5,78
Cinemas	11,46	17,71	23,70	10,87	12,00	17,09
Teatros	33,33	21,88	20,00	4,35	4,00	20,85
Museus	12,50	14,58	17,78	13,04	8,00	14,57
Espaços Multiculturais	14,58	13,54	10,37	26,09	48,00	16,33
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Tabela 17 – Distribuição das Densidades dos Tipos de Equipamentos de Cultura e Lazer pelos Grupos de Áreas Homogêneas - São Paulo, 2000.

EQUIPAMENTOS	CLUSTER (densidades)					TOTAL
	Polarizada	Médio	Superior	Popular	Operário Popular	
	1	2	3	4	5	
Construções Históricas	0,92	0,92	0,79	2,11	0,71	1,00
Parques	0,96	0,96	0,79	1,55	1,42	1,00
Espaços de Eventos	0,72	1,44	1,41	0,00	0,00	1,00
Cinemas	0,67	1,04	1,39	0,64	0,70	1,00
Teatros	1,60	1,05	0,96	0,21	0,19	1,00
Museus	0,86	1,00	1,22	0,90	0,55	1,00
Espaços Multiculturais	0,89	0,83	0,63	1,60	2,94	1,00
TOTAL	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

Tabela 18 – Listagem Completa dos Equipamentos de Lazer e Cultura - São Paulo, 2007.

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
1	Jardim Ângela	Sul	Museus	6027	Museu da Associação dps Funcionários Públicos do Estado de São Paulo
2	Campo Limpo	Sul	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7225	CEU CAMPO LIMPO
3	São Domingos	Norte	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7217	CEU VILA ATLANTICA
4	Jaguapé	Oeste	Salas de Cinema em Shopping	4118	Continental Center
5	Raposo Tavares	Oeste	Parques	2032	Parque Raposo Tavares
6	Jaraguá	Norte	Parques - Reservas	2108	Parque Estadual do Jaraguá e Pico do Jaraguá
7	Perus	Norte	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7230	CEU PERUS
8	Jaraguá	Norte	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7221	CEU PÉRA MARMELO
9	Jaguara	Oeste	Parques	2034	Parque Vila dos Remédios
10	Campo Limpo	Sul	Parques	2030	Parque dos Eucaliptos
11	Butantã	Oeste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7218	CEU BUTANTA
12	Vila Sônia	Oeste	Salas de Cinema em Shopping	4107	Raposo Shopping
13	Vila Leopoldina	Oeste	Espaços de Eventos	3016	ITM Expo
14	Jardim São Luís	Sul	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7232	CEU CASA BLANCA
15	Jardim São Luís	Sul	Parques	2012	Parque Ecológico do Guarapiranga
16	Jardim São Luís	Sul	Parques - Reservas	2102	Parque Ecológico do Guarapiranga
17	São Domingos	Norte	Parques	2026	Parque São Domingos
18	Jaguapé	Oeste	Museus	6034	Museu da Tecnologia
19	Jardim São Luís	Sul	Parques - Reservas	2107	Parque Guarapiranga
20	Vila Andrade	Sul	Salas de Cinema em Shopping	4130	Jardim Sul
21	Butantã	Oeste	Parques	2023	Parque Luís Carlos Prestes
22	Vila Sônia	Oeste	Museus	6049	Museu da Abadia São Geraldo
23	São Domingos	Norte	Parques	2010	Parque Cidade Toronto
24	Butantã	Oeste	Parques	2016	Parque Previdência
25	Santo Amaro	Sul	Casas de Show	3104	CREDICARD HALL
26	Vila Sônia	Oeste	Salas de Cinema em Shopping	4102	Butantã
27	Pirituba	Norte	Parques	2021	Jardim Felicidade
28	Vila Sônia	Oeste	Museus	6021	Museu de Anatomia Veterinária Prof. Plínio Pinto e Silva
29	Vila Andrade	Sul	Parques	2005	Parque Burle Marx
30	Alto de Pinheiros	Oeste	Parques	2028	Parque Villa Lobos

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
31	Santo Amaro	Sul	Teatros	5058	Alfa
32	Santo Amaro	Sul	Espaços de Eventos	3012	Transamérica Expo Center
33	Socorro	Sul	Salas de Cinema em Shopping	4123	Multidine Fiesta
34	Lapa	Oeste	Salas de Cinema	4003	Cinusp
35	Alto de Pinheiros	Oeste	Museus	6056	Museu do Relógio
36	Pirituba	Norte	Parques	2038	Parque Rodrigo de Gásperi
37	Alto de Pinheiros	Oeste	Teatros em Hotéis e Shoppings	5107	Teatro do Colégio Santa Cruz
38	Butantã	Oeste	Museus	6008	Instituto Butantan
39	Lapa	Oeste	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7104	Centro Cultural de Estudos Aúthos Pagano
40	Morumbi	Oeste	Museus	6047	Fundação Maria Luísa e Oscar Americano
41	Morumbi	Oeste	Museus	6046	Acervo do Palácio dos Bandeirantes
42	Morumbi	Oeste	Construções Históricas Arquitetônicas	1024	Capela do Morumbi
43	Socorro	Sul	Museus	6029	Museu do Computador
44	Morumbi	Oeste	Museus	6048	Instituição Pietro Maria Bardi e Lina Bo Bardi
45	Lapa	Oeste	Museus	6039	Museu Espírita
46	Santo Amaro	Sul	Construções Históricas Arquitetônicas	1026	Hípica Santo Amaro
47	Campo Grande	Sul	Salas de Cinema em Shopping	4128	Market Place Playarte
48	Butantã	Oeste	Museus	6007	Casa do Bandeirante
49	Santo Amaro	Sul	Parques	2007	Parque Severo Gomes
50	Lapa	Oeste	Parques	2024	Parque do Descobrimento
51	Cidade Dutra	Sul	Parques	2008	Parque Cemucam
52	Cidade Dutra	Sul	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7216	CEU CIDADE DUTRA
53	Santo Amaro	Sul	Teatros	5059	Paulo Eiró
54	Morumbi	Oeste	Parques	2009	Parque Alfredo Volpi
55	Cidade Dutra	Sul	Construções Históricas Esportivas	1203	Autódromo de Interlagos (José Carlos Pace)
56	Santo Amaro	Sul	Espaços de Eventos	3005	Centro de Conferências Câmara Americana de Comércio
57	Santo Amaro	Sul	Salas de Cinema em Shopping	4124	Boavista Shopping
58	Lapa	Oeste	Salas de Cinema em Shopping	4135	Shopping Center Lapa
59	Morumbi	Oeste	Construções Históricas Esportivas	1202	Jockey Club de São Paulo
60	Itaim Bibi	Oeste	Espaços de Eventos	3004	WTC - World Trade Center
61	Itaim Bibi	Oeste	Salas de Cinema em Shopping	4115	Villa-Lobos
62	Itaim Bibi	Oeste	Museus	6055	Espaço MAM Villa-Lobos

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
63	Pinheiros	Oeste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7207	SESC Pinheiros
64	Pinheiros	Oeste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7010	Centro Brasileiro Britânico
65	Perdizes	Oeste	Parques - Temáticos	2208	Estação Ciência
66	Lapa	Oeste	Casas de Show	3101	OLYMPIA
67	Itaim Bibi	Oeste	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7112	Espaço Cultural Bank Boston
68	Santo Amaro	Sul	Salas de Cinema em Shopping	4117	Cine Morumbi
69	Itaim Bibi	Oeste	Parques - Temáticos	2214	Fantasy Place
70	Itaim Bibi	Oeste	Parques - Temáticos	2202	Parque do Betinho Carrero
71	Pinheiros	Oeste	Salas de Cinema em Shopping	4120	Eldorado
72	Pinheiros	Oeste	Teatros em Universidades	5206	Teatro das Artes
73	Pinheiros	Oeste	Parques - Temáticos	2211	Parque da Mônica
74	Campo Grande	Sul	Salas de Cinema em Shopping	4129	SP Market
75	Campo Grande	Sul	Parques - Temáticos	2206	Lugar Bacana
76	Campo Grande	Sul	Parques - Temáticos	2207	O Mundo da Xuxa
77	Lapa	Oeste	Teatros	5041	Cacilda Becker
78	Pinheiros	Oeste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7019	Instituto Cultural Banco Santos
79	Pinheiros	Oeste	Museus	6038	Museu da Casa Brasileira
80	Pinheiros	Oeste	Museus	6020	Museu de Anatomia Humana Prof. Alfonso Bovero
81	Pinheiros	Oeste	Salas de Cinema em Shopping	4113	Iguatemi Playarte
82	Pinheiros	Oeste	Salas de Cinema em Shopping	4112	Iguatemi Cinemark
83	Pinheiros	Oeste	Teatros em Hotéis e Shoppings	5108	Cultura Inglesa Pinheiros
84	Itaim Bibi	Oeste	Casas de Show	3105	VIA FUNCHAL
85	Itaim Bibi	Oeste	Teatros	5040	Vento Forte
86	Perdizes	Oeste	Teatros	5047	Arte Güllik
87	Itaim Bibi	Oeste	Teatros	5038	Promon
88	Itaim Bibi	Oeste	Teatros	5039	Sala São Luiz
89	Cidade Dutra	Sul	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7206	SESC Interlagos
90	Pinheiros	Oeste	Salas de Cinema	4029	Sala Uol de Cinema
91	Itaim Bibi	Oeste	Casas de Show	3106	TOM BRASIL
92	Perdizes	Oeste	Salas de Cinema	4001	SESC Pompéia

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
93	Perdizes	Oeste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7208	SESC Pompéia
94	Perdizes	Oeste	Salas de Cinema em Shopping	4121	Cine Arte Lilian Lemmert
95	Perdizes	Oeste	Teatros	5048	Teatro Plínio Marcos
96	Grajaú	Sul	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7213	CEU TRÊS LAGOS
97	Campo Grande	Sul	Salas de Cinema em Shopping	4114	Interlagos
98	Perdizes	Oeste	Teatros	5060	Centro da Terra
99	Barra Funda	Oeste	Construções Históricas Esportivas	1205	Parque Antártica (Palmeiras)
100	Jardim Paulista	Oeste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7011	Centro da Cultura Judaica
101	Pinheiros	Oeste	Museus	6035	Museu Brasileiro da Escultura - MUBE
102	Barra Funda	Oeste	Construções Históricas Esportivas	1201	Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishi
103	Barra Funda	Oeste	Salas de Cinema em Shopping	4136	West Plaza
104	Pinheiros	Oeste	Salas de Cinema	4023	MIS
105	Pinheiros	Oeste	Museus	6036	Museu da Imagem e do Som
106	Perdizes	Oeste	Museus	6053	Museu Contemporâneo das Invenções
107	Perdizes	Oeste	Museus	6060	Casa de Guilherme de Almeida
108	Campo Belo	Sul	Parques - Temáticos	2212	Fazendinha Estação Natureza
109	Itaim Bibi	Oeste	Salas de Cinema	4020	Lumière
110	Barra Funda	Oeste	Espaços de Eventos	3001	Expo Barra Funda
111	Perdizes	Oeste	Teatros em Hotéis e Shoppings	5106	TUCA
112	Perdizes	Oeste	Museus	6054	Museu da Cultura
113	Moema	Sudeste	Casas de Show	3102	BOURBON STREET MUSIC CLUB
114	Jardim Paulista	Oeste	Museus	6037	Museu do Clube Atlético Paulistano
115	Barra Funda	Oeste	Espaços de Eventos	3003	Parlamento Latino Americano
116	Barra Funda	Oeste	Museus	6002	Memorial da América Latina
117	Jardim Paulista	Oeste	Espaços de Eventos	3010	Centro de Convenções Rebouças
118	Jardim Paulista	Oeste	Teatros	5035	Procópio Ferreira
119	Jardim Paulista	Oeste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7013	Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana
120	Barra Funda	Oeste	Parques	2002	Parque da Água Branca (Fernando Costa)
121	Moema	Sudeste	Salas de Cinema em Shopping	4116	Ibirapuera
122	Jardim Paulista	Oeste	Salas de Cinema	4013	Cinedube Vitrine

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
123	Jardim Paulista	Oeste	Salas de Cinema	4024	Cinedub Directv
124	Jardim Paulista	Oeste	Salas de Cinema	4026	Vitrine
125	Jardim Paulista	Oeste	Espaços de Eventos	3008	CRASP - Conselho Regional de Administração de São Paulo
126	Consolação	Centro	Construções Históricas Esportivas	1204	Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu)
127	Moema	Sudeste	Parques	2037	Parque do Ibirapuera
128	Moema	Sudeste	Parques - Temáticos	2203	Casa dos Sonhos da Estrela
129	Jardim Paulista	Oeste	Salas de Cinema	4025	Cinesesc
130	Jardim Paulista	Oeste	Salas de Cinema	4018	Cinesesc
131	Consolação	Centro	Teatros em Hotéis e Shoppings	5104	Teatro FAAP
132	Consolação	Centro	Museus	6050	Museu de Arte Brasileira
133	Consolação	Centro	Museus	6051	Museu de Arte Brasileira
134	Jardim Paulista	Oeste	Teatros em Universidades	5203	Renaissance
135	Moema	Sudeste	Casas de Show	3103	DIRECTV MUSIC HALL
136	Barra Funda	Oeste	Parques - Temáticos	2213	Playcenter
137	Grajaú	Sul	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7227	CEU NAVEGANTES
138	Moema	Sudeste	Museus	6045	Museu da Cerveja
139	Consolação	Centro	Espaços de Eventos	3007	Centro de Eventos São Luís
140	Santa Cecília	Centro	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7007	Casa Mário de Andrade - Oficina da Palavra
141	Moema	Sudeste	Parques	2036	Parque do Ibirapuera
142	Jardim Paulista	Oeste	Construções Históricas Arquitetônicas	1020	Conjunto Nacional
143	Jardim Paulista	Oeste	Salas de Cinema em Shopping	4111	Cine Bombril
144	Jardim Paulista	Oeste	Salas de Cinema	4010	Cinearte
145	Jardim Paulista	Oeste	Salas de Cinema	4012	Studio Alvorada
146	Jardim Paulista	Oeste	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7116	Espaço Cultural Yázigi Internexus
147	Consolação	Centro	Salas de Cinema em Shopping	4110	Bristol
148	Jabaquara	Sudeste	Parques	2022	Parque Nabuco
149	Consolação	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1019	Cemitério da Consolação
150	Consolação	Centro	Salas de Cinema	4017	Espaço Unibanco
151	Consolação	Centro	Teatros em Universidades	5204	Crowne Plaza
152	Consolação	Centro	Salas de Cinema	4019	HSBC Belas Artes
153	Consolação	Centro	Salas de Cinema	4016	Belas Artes

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
154	Consolação	Centro	Museus	6028	Espaço MAM Higienópolis
155	Jardim Paulista	Oeste	Parques	2006	Parque Trianon (Tenente Siqueira Campos)
156	Consolação	Centro	Salas de Cinema em Shopping	4108	Pátio Higienópolis
157	Jardim Paulista	Oeste	Salas de Cinema em Shopping	4104	Astor
158	Bela Vista	Centro	Espaços de Eventos	3006	Frei Caneca Shopping & Convention Center
159	Bela Vista	Centro	Salas de Cinema em Shopping	4106	Frei Caneca Unibanco Arteplex
160	Consolação	Centro	Parques	2029	Praça Buenos Aires
161	Consolação	Centro	Teatros em Universidades	5205	Folha
162	Moema	Sudeste	Parques - Temáticos	2215	Parque das Bicicletas
163	Moema	Sudeste	Construções Históricas Monumentos	1108	Monumento a Pedro Álvares de Cabral
164	Moema	Sudeste	Construções Históricas Monumentos	1109	Monumento às Bandeiras
165	Moema	Sudeste	Construções Históricas Monumentos	1110	Obelisco e Mausoléu aos Heróis de 32
166	Moema	Sudeste	Espaços de Eventos	3017	Pavilhão da Bienal
167	Moema	Sudeste	Museus	6062	Museu de Arte Moderna - MAM
168	Moema	Sudeste	Museus	6061	Museu de Arte Contemporânea - MAC/birapuera
169	Bela Vista	Centro	Museus	6003	Museu de Arte de São Paulo - MASP
170	Consolação	Centro	Teatros	5036	Augusta
171	Jardim Paulista	Oeste	Teatros em Hotéis e Shoppings	5102	Popular do Sesi
172	Jardim Paulista	Oeste	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7106	Centro Cultural FIESP
173	Consolação	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1021	Vila Penteado
174	Santa Cecília	Centro	Teatros	5001	Teatro São Pedro
175	Moema	Sudeste	Museus	6024	Museu do Crime - Academia de Polícia Dr. Coriolano Nogueira Cobb
176	Jardim Paulista	Oeste	Museus	6052	Museu Herculano Pires - Itaú Numismática
177	Consolação	Centro	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7012	Centro Histórico Universidade Mackenzie
178	Consolação	Centro	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7108	Centro Cultural Mackenzie
179	Bela Vista	Centro	Salas de Cinema	4015	Reserva Cultural
180	Santa Cecília	Centro	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7105	Centro Cultural do Candomblé Pai Toninho de Xangô
181	Consolação	Centro	Teatros em Hotéis e Shoppings	5111	T USP - Centro Univ. Maria Antônia
182	Consolação	Centro	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7015	Centro Universitário Maria Antônia

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
183	Santa Cecília	Centro	Teatros	5023	Funarte
184	Jardim Paulista	Oeste	Salas de Cinema	4011	Gemini
185	Jardim Paulista	Oeste	Salas de Cinema	4014	Gemini
186	Bela Vista	Centro	Salas de Cinema em Shopping	4105	Top Cine
187	Bela Vista	Centro	Teatros em Hotéis e Shoppings	5103	Gazeta
188	Bela Vista	Centro	Teatros em Universidades	5201	Maksoud Plaza
189	Consolação	Centro	Teatros em Hotéis e Shoppings	5110	SESC Anchieta
190	Consolação	Centro	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7210	SESC Consolação
191	Santa Cecília	Centro	Teatros	5034	Teatro das Nações
192	Bela Vista	Centro	Teatros	5009	Maria Della Costa
193	Consolação	Centro	Museus	6057	Acervo e Museu Monteiro Lobato
194	Vila Mariana	Sudeste	Teatros	5045	União Cultural
195	Saúde	Sul	Espaços de Eventos	3013	Centro de Convenções Milenium
196	Moema	Sudeste	Construções Históricas Arquitetônicas	1029	Instituto Biológico
197	Consolação	Centro	Teatros	5051	Lucas Pardo Filho
198	Consolação	Centro	Teatros	5064	Paioi
199	Santa Cecília	Centro	Teatros	5053	Galpão do Folias
200	Santa Cecília	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1005	Palácio dos Campos Elíseos
201	Bela Vista	Centro	Museus	6005	Museu Memórias do Bixiga e Museu Adoniran Barbosa
202	Bela Vista	Centro	Museus	6004	Museu do Óculos - Gioconda Giannini
203	Vila Mariana	Sudeste	Salas de Cinema	4032	Sala Cinemateca
204	Bela Vista	Centro	Teatros	5011	Ruth Escobar
205	República	Centro	Teatros	5063	N.Ex.T. - Núcleo Experimental de Teatro
206	Bela Vista	Centro	Teatros	5016	Tunnel
207	Bela Vista	Centro	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7113	Espaço Cultural Lélia Abramo
208	República	Centro	Teatros em Hotéis e Shoppings	5109	Teatro Aliança Francesa
209	República	Centro	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7001	Casa da Cultura Francesa Aliança Francesa
210	República	Centro	Teatros	5033	Teatro X
211	República	Centro	Teatros	5029	Eugênio Kusnet
212	República	Centro	Teatros	5052	Teatro de Arena Eugênio Kusnet
213	República	Centro	Salas de Cinema	4006	Cine Teatro Recarte Bijou

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
214	República	Centro	Teatros	5037	Cine Teatro de Arte Recarte Bijou
215	República	Centro	Teatros	5049	Espaço dos Satyros
216	Bela Vista	Centro	Teatros	5010	Nelson Rodrigues
217	Bela Vista	Centro	Teatros	5013	Teatro do Quarteto
218	República	Centro	Teatros	5031	Studio 184
219	Vila Mariana	Sudeste	Salas de Cinema	4002	Itaú Cultural
220	Vila Mariana	Sudeste	Salas de Cinema	4028	Itaú Cultural
221	Vila Mariana	Sudeste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7020	Instituto Itaú Cultural
222	Pedreira	Sul	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7212	CEU ALVARENGA
223	Jabaquara	Sudeste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7005	Casa do Sítio da Pessaca
224	Vila Mariana	Sudeste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7205	SESC Paulista
225	República	Centro	Teatros	5028	Cultura Artística
226	Bela Vista	Centro	Teatros	5019	Teatro Ópera
227	Bela Vista	Centro	Teatros	5021	Sérgio Cardoso
228	República	Centro	Teatros em Universidades	5202	Hilton
229	Bela Vista	Centro	Teatros	5003	Agora Centro de Desenvolvimento Teatral
230	República	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1025	Edifício Copan
231	República	Centro	Museus	6017	Museu do Telefone
232	Vila Mariana	Sudeste	Construções Históricas Arquitetônicas	1018	Casa das Rosas
233	Vila Mariana	Sudeste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7016	Fundação Japão
234	Vila Mariana	Sudeste	Teatros	5065	João Caetano
235	Bela Vista	Centro	Teatros	5006	Cabaret Ribalta
236	Vila Mariana	Sudeste	Teatros em Hotéis e Shoppings	5112	SESC Vila Mariana
237	Vila Mariana	Sudeste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7211	SESC Vila Mariana
238	Bela Vista	Centro	Salas de Cinema em Shopping	4101	Paulista
239	República	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1008	Edifício Itália
240	República	Centro	Teatros	5030	Itália
241	República	Centro	Teatros	5050	Fernando Azevedo
242	República	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1004	Escola Caetano de Campos

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
243	Vila Mariana	Sudeste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7017	Fundação Mokiti Okada
244	República	Centro	Teatros	5012	TBC - Teatro Brasileiro de Comédia
245	República	Centro	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7103	Centro Cultural Casa de Dona Yayá
246	Bela Vista	Centro	Teatros	5020	Pirandello
247	Bela Vista	Centro	Teatros	5008	Joffre Soares
248	Santana	Norte	Espaços de Eventos	3011	Parque Anhembi
249	Jabaquara	Sudeste	Parques	2020	Parque Lina e Paulo Raia (Parq. Conceição)
250	República	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1010	Edifício Viadutos
251	República	Centro	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7102	Centro Cultural Capobianco
252	Bela Vista	Centro	Teatros	5005	Bibi Ferreira
253	República	Centro	Teatros	5015	Teatro Oficina
254	Saúde	Sul	Espaços de Eventos	3009	Feira de Santana
255	Bela Vista	Centro	Teatros	5017	Ziembinski
256	Bela Vista	Centro	Teatros	5018	Jardel Filho
257	República	Centro	Salas de Cinema	4008	Marabá
258	República	Centro	Teatros	5054	Inca
259	Bela Vista	Centro	Teatros	5004	Antonio Fagundes
260	República	Centro	Salas de Cinema	4007	Ipiranga
261	República	Centro	Salas de Cinema	4005	Cine Paris
262	Liberdade	Centro	Salas de Cinema	4027	Centro Cultural São Paulo
263	Liberdade	Centro	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7109	Centro Cultural São Paulo
264	Santa Cecília	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1003	Estação Júlio Prestes - Sala São Paulo
265	Santa Cecília	Centro	Teatros	5024	Estação Júlio Prestes - Sala São Paulo
266	República	Centro	Teatros	5007	Imprensa
267	Vila Mariana	Sudeste	Teatros	5066	Dias Gomes
268	República	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1017	Subsolo do Teatro Municipal
269	República	Centro	Teatros	5014	Teatro dos Arcos
270	República	Centro	Museus	6012	Memorial da Liberdade
271	República	Centro	Museus	6044	Pinacoteca Estação
272	República	Centro	Construções Históricas Monumentos	1105	Obelisco ou Pirâmide dos Piques
273	República	Centro	Teatros	5002	Abril

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
274	República	Centro	Teatros	5032	Teatro Municipal
275	República	Centro	Construções Históricas Monumentos	1104	Monumento à Mãe Preta
276	Liberdade	Centro	Teatros	5043	Santo Agostinho
277	Liberdade	Centro	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7114	Espaço Cultural Santo Agostinho
278	Bom Retiro	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1001	Centro Comercial do Bom Retiro
279	República	Centro	Salas de Cinema	4009	Olido
280	Vila Mariana	Sudeste	Teatros em Hotéis e Shoppings	5105	Centro Cultural São Paulo
281	Bom Retiro	Centro	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7009	Oficina Cultural Oswald de Andrade
282	República	Centro	Museus	6016	Museu do Teatro Municipal
283	Bom Retiro	Centro	Museus	6043	Pinacoteca do Estado
284	Vila Mariana	Sudeste	Salas de Cinema em Shopping	4134	Metrô Santa Cruz
285	Bom Retiro	Centro	Teatros	5022	Taib
286	Sé	Centro	Museus	6010	Casa Lutétia
287	República	Centro	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7110	Centro Cultural Sérgio Motta
288	República	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1007	Edifício dos Correios e Telégrafos
289	Liberdade	Centro	Teatros	5042	Célia Helena
290	Tremembé	Norte	Parques	2014	Parque Estadual da Serra da Cantareira
291	Tremembé	Norte	Parques - Reservas	2103	Parque Estadual da Serra da Cantareira
292	Bom Retiro	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1023	Estação da Luz
293	Vila Mariana	Sudeste	Salas de Cinema	4033	Cine Segall
294	Vila Mariana	Sudeste	Museus	6063	Museu Lasar Segall
295	Sé	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1009	Edifício Martinelli
296	Liberdade	Centro	Museus	6040	Museu da Imigração Japonesa
297	Bom Retiro	Centro	Parques	2004	Parque da Luz
298	Sé	Centro	Salas de Cinema	4004	Centro Banco do Brasil
299	Sé	Centro	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7101	Centro Cultural Banco do Brasil
300	Sé	Centro	Museus	6011	Espaço Nossa Caixa
301	Sé	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1013	Catedral da Sé
302	Sé	Centro	Construções Históricas Monumentos	1103	Marco Zero
303	Sé	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1012	Mosteiro e Igreja São Bento
304	Bom Retiro	Centro	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e	7002	Casa da Memória Paulistana

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
			Institutos		
305	Mandaqui	Norte	Parques	2013	Horto Florestal (Alberto Lofgren)
306	Sé	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1006	Edifício do Banespa
307	Sé	Centro	Museus	6013	Museu Banespa
308	Sé	Centro	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7014	Centro Loyola de Fé e Cultura
309	Sé	Centro	Museus	6014	Museu Carmen Miranda
310	Sé	Centro	Museus	6015	Museu da Caixa Econômica Federal
311	Sé	Centro	Museus	6018	Museu e Capela Padre Anchieta
312	Sé	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1016	Solar da Marquesa - Museu da Cidade de São Paulo
313	Sé	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1022	Castelinho da Liberdade
314	Sé	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1002	Vila dos Ingleses
315	Sé	Centro	Teatros	5026	Bijuterias
316	Bom Retiro	Centro	Museus	6042	Museu de Arte Sacra / Igreja e Mosteiro da Imaculada Conceição d
317	Sé	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1011	Mercado Municipal
318	Sé	Centro	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7202	SESC Camo
319	Sé	Centro	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7115	Espaço Cultural Tabatinguera Eletropaulo
320	Liberdade	Centro	Parques	2001	Parque da Adimação
321	Bom Retiro	Centro	Museus	6041	Museu da Polícia Militar
322	Santana	Norte	Teatros	5055	Alfredo Mesquita
323	Sé	Centro	Construções Históricas Arquitetônicas	1014	Palácio das Indústrias
324	Saúde	Sul	Salas de Cinema em Shopping	4125	Plaza Sul
325	Santana	Norte	Museus	6058	Arquivo do Estado de São Paulo
326	Bom Retiro	Centro	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7107	Centro Cultural Liçeu de Artes e Ofícios
327	Santana	Norte	Salas de Cinema	4030	Cine Santana
328	Cursino	Sul	Parques	2019	Jardim Botânico
329	Liberdade	Centro	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7018	Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo
330	Pari	Sudeste	Museus	6059	Museu dos Transportes Públicos Gaetano Ferolla - CMT C
331	Pari	Sudeste	Salas de Cinema em Shopping	4103	Shopping D
332	Cursino	Sul	Espaços de Eventos	3002	Centro de Exposições Imigrantes

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
333	Cursino	Sul	Parques - Temáticos	2201	Zoológico
334	Cambuí	Centro	Museus	6001	Museu Antônio Vituzzo
335	Vila Guilherme	Norte	Salas de Cinema em Shopping	4131	Center Norte Cinemark
336	Vila Guilherme	Norte	Salas de Cinema em Shopping	4132	Center Norte Haway
337	Vila Guilherme	Norte	Salas de Cinema em Shopping	4133	Lar Center
338	Santana	Norte	Teatros	5056	Jardim São Paulo
339	Santana	Norte	Teatros	5057	Parque da Juventude
340	Ipiranga	Sudeste	Parques - Temáticos	2204	Planetário Mundo Estelar
341	Vila Guilherme	Norte	Espaços de Eventos	3014	Expo Center Norte
342	Cursino	Sul	Parques - Temáticos	2205	Zôo Safári
343	Brás	Sudeste	Museus	6006	Memorial do Imigrante
344	Brás	Sudeste	Parques - Temáticos	2209	Cidade Portinho Seguro
345	Ipiranga	Sudeste	Construções Históricas Monumentos	1106	Monumento à Independência
346	Ipiranga	Sudeste	Construções Históricas Monumentos	1107	Casa do Grito e Capela Imperial
347	Ipiranga	Sudeste	Museus	6032	Museu Paulista (Ipiranga)
348	Ipiranga	Sudeste	Parques	2017	Parque da Independência
349	Tucuruvi	Norte	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7209	SESC Santana
350	Ipiranga	Sudeste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7203	SESC Ipiranga
351	Tucuruvi	Norte	Parques	2003	Parque Lions Club Tucuruvi
352	Sacomã	Sudeste	Museus	6026	Museu de Geociências da USP
353	Belém	Sudeste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7008	Oficina Amácio Mazzaropi
354	Ipiranga	Sudeste	Museus	6030	Museu de Arte Mágica, Ilusionismo e Prestidigitação João Peixoto
355	Vila Guilherme	Norte	Espaços de Eventos	3015	Expo Mart
356	Ipiranga	Sudeste	Museus	6031	Museu do Automóvel de São Paulo
357	Mooca	Sudeste	Teatros	5044	Arthur Azevedo
358	Vila Guilherme	Norte	Parques	2035	Parque Vila Guilherme
359	Vila Prudente	Sudeste	Salas de Cinema em Shopping	4122	Central Plaza
360	Sacomã	Sudeste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7228	CEU MENINOS
361	Belém	Sudeste	Teatros em Hotéis e Shoppings	5101	SESC Belenzinho
362	Belém	Sudeste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7201	SESC Belenzinho

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
363	Jaçanã	Norte	Museus	6033	Museu Memória do Jaçanã
364	Tatuapé	Leste	Construções Históricas Arquitetônicas	1028	Casa do Tatuapé
365	Água Rasa	Sudeste	Construções Históricas Monumentos	1101	Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo
366	Tatuapé	Leste	Salas de Cinema em Shopping	4127	Metrô Tatuapé
367	Tatuapé	Leste	Parques	2031	Parque Piqueiri
368	Água Rasa	Sudeste	Construções Históricas Arquitetônicas	1015	Pátio do Colégio
369	Tatuapé	Leste	Teatros	5062	Silvio Romero
370	Tatuapé	Leste	Espaços Multiculturais - Centros Culturais	7111	Espaço Cultural Ad Libitum
371	Água Rasa	Sudeste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7021	Instituto Tomie Ohtake
372	Tatuapé	Leste	Construções Históricas Esportivas	1206	Parque São Jorge (Corinthians)
373	Vila Formosa	Leste	Salas de Cinema em Shopping	4126	Anália Franco
374	Carrão	Leste	Teatros	5061	Eva Wilma
375	Penha	Sudeste	Teatros	5046	Martins Penna
376	Penha	Sudeste	Salas de Cinema em Shopping	4119	Penha
377	Cangaíba	Leste	Parques - Reservas	2104	Parque Ecológico do Tietê
378	Cangaíba	Leste	Teatros	5025	Flávio Império
379	Cidade Lider	Leste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7231	CEU ARICANDUVA
380	Sapopemba	Sudeste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7223	CEU ROSA DA CHINA
381	São Mateus	Leste	Salas de Cinema em Shopping	4109	Interlar Aricanduva
382	Parque do Carmo	Leste	Parques	2018	Parque do Carmo
383	Vila Jacuí	Leste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7222	CEU PARQUE SAO CARLOS
384	São Rafael	Sudeste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7220	CEU SAO RAFAEL
385	Iguatemi	Leste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7226	CEU SAO MATEUS
386	Itaquera	Leste	Salas de Cinema	4022	Multimovie Itaquera
387	Itaquera	Leste	Parques	2011	Parque Raul Seixas (casa de Cultura)
388	Itaquera	Leste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7004	Casa de Cultura Raul Seixas
389	São Miguel	Leste	Construções Históricas Arquitetônicas	1027	Capela de São Miguel Paulista
390	São Miguel	Leste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7003	Casa de Cultura de São Miguel
391	Vila Curuçá Anália	Leste	Parques	2033	Parque Chico Mendes

ID	NOME	ZONA	LEG_COD	COD	NOME
392	Lajeado	Leste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7219	CEU JAMBEIRO
393	Vila Curuçá	Leste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7229	CEU VILA CURUÇÁ
394	Vila Curuçá	Leste	Parques	2015	Chácara das Flores
395	Itaim Paulista	Leste	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7214	CEU PARQUE VEREDAS
396	Itaim Paulista	Leste	Salas de Cinema	4031	Multimovie Itaim Paulista
397	Itaim Paulista	Leste	Parques	2025	Parque Santa Amélia
398	Sé	Centro	Construções Históricas Monumentos	1102	Marco da Paz
399	Itaim Bibi	Oeste	Salas de Cinema	4021	Kinoplex Itaim
400	Sé	Centro	Teatros	5027	CCC
401	Marcilac	Sul	Parques - Reservas	2105	Reserva Ambiental Capivari-Monos
402	Cidade Tiradentes	Norte	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7215	CEU INACIO MONTEIRO
403	Butantã	Oeste	Museus	6009	Museu do Faldore
404	Santo Amaro	Sul	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7224	CEU PAZ
405	Marcilac	Sul	Parques - Reservas	2106	Parque Estadual da Serra do Mar (Núcleo Curucutu)
406	Jaraguá	Norte	Parques	2027	Parque Anhanguera
407	Butantã	Oeste	Museus	6022	Museu de Arqueologia e Etnologia da USP
408	Butantã	Oeste	Museus	6023	Museu de Arte Contemporânea - MAC/USP
409	Butantã	Oeste	Museus	6025	Paço das Artes
410	Butantã	Oeste	Espaços Multiculturais - Casas, Oficinas e Institutos	7006	Paço das Artes
411	Butantã	Oeste	Museus	6019	Museu da Educação e do Brinquedo
412	Marcilac	Sul	Parques - Reservas	2101	Parque da Varzea
413	Itaquera	Leste	Parques - Temáticos	2210	Parque Lúdico do SESC Itaquera
414	Bela Vista	Centro	Espaços Multiculturais - SESC's e CEU's	7204	SESC Itaquera

Fonte: Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, 2007. São Paulo Turismo S/A, 2007. Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2007. "Guia Folha" do Jornal Folha de São Paulo, 2007. Metrodata, 2004. IBGE, 2000. SMHAB, 2000.

Elaboração: Carolina T. Nakagawa.

MAPA DISTRITOS

Anexo III – Síntese das Categorias Sociocupacionais

Com base nas leituras de Ribeiro e Lago (2000) e Taschner e Bógus (2000)

1. Elite Dirigente

1.1. Grandes Empregadores

1.2. Dirigentes Públicos

1.3. Dirigentes Privados

Empresários, que reúne os empregadores com dez ou mais empregados. Dirigentes do setor público, formada pelas ocupações do alto escalão decisório no setor público, como ministros, magistrados e procuradores. Dirigentes do setor privado, formada pelas ocupações de administradores de empresas dos setores de extração mineral, indústria, construção civil e empresas financeiras.

2. Elite Intelectual

2.1. Profissionais Autônomos (Nível Superior)

2.2. Profissionais Empregados (Nível Superior)

2.3. Profissionais Estatutários (Nível Superior)

2.4. Professores (Nível Superior)

Profissionais liberais, formada pelas ocupações tradicionalmente definidas como de profissionais liberais (médicos, engenheiros, arquitetos, dentistas, advogados), empregadores e autônomos. Empregados de nível superior.

3. Pequena Burguesia

3.1. Pequenos Empregadores

Pequenos empregadores urbanos, categoria que reúne os empregadores com menos de dez empregados. Comerciantes por conta própria, categoria em que são desenvolvidas atividades em casa ou em empresas próprias.

4. Categorias Médias

4.1. Ocupações de Escritório

4.2. Ocupações de Supervisão

4.3. Ocupações Técnicas

4.4. Ocupações Médias da Saúde e Educação

4.5. Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios

4.6. Artísticas E Similares

Trabalhadores em atividades de rotina, formada pelas ocupações sem função decisória, tais como secretárias, auxiliares administrativos e auxiliares de escritório. Trabalhadores em atividades de supervisão, formada por ocupações com algum poder de decisão, tais como assistentes de administração, corretores de imóvel e administradores do comércio. Técnicos e artistas, formada pelas ocupações que requerem um conhecimento específico, tais como desenhistas, técnicos em contabilidade, caixas, técnicos em energia elétrica, programadores de computação, músicos e fotógrafos. Trabalhadores nas áreas de saúde e educação, como professores de 1º grau e enfermeiras não diplomadas. Trabalhadores nas áreas de segurança pública, justiça e correios, tais como investigadores de polícia, oficiais do corpo de bombeiros, praças das forças armadas e carteiros.

5. Proletariado Terciário

5.1. Trabalhadores do Comércio

5.2. Prestadores de Serviços Especializados

Trabalhadores do comércio, formada pelas ocupações diretamente ligadas às atividades do comércio, tais como vendedores, operadores de caixa e praticistas. Prestadores de serviço especializado, formada pelos trabalhadores autônomos em ocupações manuais que requerem um saber específico, tais como mecânicos, cabeleireiros, etc. e os empregados de ocupações manuais nos setores de prestação de serviços, atividades sociais e administração pública.

6. Proletariado do Secundário

6.1. Trabalhadores da Indústria Moderna

6.2. Trabalhadores da Indústria Tradicional

6.3. Operários dos Serviços Auxiliares

6.4. Operários da Construção Civil

Operários da indústria moderna, formada pelos trabalhadores nas indústrias metalúrgica, mecânica, material elétrico, química, produção de petróleo e farmacêutica, entre outras, que envolvem trabalhadores com posição mais elevada entre o operariado, em razão das ocupações exigirem maior qualificação, proporcionarem nível mais elevado de remuneração e de proteção social, além de apresentarem maior grau de organização corporativa. Operários da indústria tradicional, formada pelos trabalhadores das indústrias dos demais ramos, exceto a construção civil. Operários dos serviços auxiliares, formada pelos empregados nos setores de transportes, comunicação e serviços auxiliares. Operários da construção civil, formada pelos trabalhadores em ocupações ligadas à construção civil, tais como mestres, ladrilheiros, pedreiros, pintores, serventes de pedreiro. Artesãos, formada pelos trabalhadores autônomos nas ocupações de alfaiate, sapateiro, marceneiro, carpinteiro, estofador e ourives.

7. Trabalhadores de Sobrevivência

7.1. Prestadores de Serviços Não Especializados

7.2. Trabalhadores Domésticos

7.3. Ambulantes e Catadores

Prestadores de serviço não especializado, formada pelos empregados em ocupações de porteiro e vigia. Ambulantes e Biscateiros, formada pelos feirantes, doceiros, quitandeiros, carroceiros e outras ocupações ambulantes e pelos guardadores de automóvel, engraxates e trabalhadores braçais autônomos. Trata-se de uma categoria restrita aos autônomos sem qualquer saber específico, não correspondendo, portanto, à noção freqüentemente usada nos estudos sociológicos em que trabalhadores autônomos no setor da construção, por exemplo, são definidos como biscateiros.

8. Agricultores

8.1. Agricultores

Formada por todas as ocupações agrícolas, exceto as ocupações criador bovino, proprietário agropecuário e avicultor.